OCTAVIO BRANDÃO

OS INTELECTUAIS PROGRESSISTAS

COLEÇÃO "SÉ"

OS INTELECTUAIS PROGRESSISTAS

OCTAVIO BRANDÃO

OS INTELECTUAIS PROGRESSISTAS

Tavares Bastos,
Tobias Barreto, Silvio Romero,
Euclides da Cunha,
Lima Barreto

"ORGANIZAÇÃO SIMÕES" EDITORA
RIO 1956

OS INTELECTUAIS PROGRESSISTAS

ESBÔÇO DE ANÁLISE CRÍTICA IDEOLÓGICA

Na história do desenvolvimento da literatura brasileira, entre os intelectuais progressistas, além do poeta Castro Alves, destacaram-se os prosadores Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto.

TAVARES BASTOS

Tavares Bastos (1839-1875) nasceu em Alagoas, Nordeste do Brasil. Publicou: *Cartas do Solitário* em 1862, *O Vale do Amazonas* em 1866 e *A Província* em 1870. Foi um dos primeiros escritores progressistas que apareceram em nossa história, pioneiro de uma série de reformas que se orientavam, como as de Mauá, no sentido de transformar o Brasil num país adiantado, de tipo capitalista. Essa transformação tinha importância, pois, então, dominava o escravismo com todo o seu atraso, incultura e hediondez.

Êsse pioneiro não era um sonhador abstrato, contemplativo. Tinha um fundo prático. Procurava realizar seus sonhos, planos e projetos.

Êsse precursor compreendia a importância da análise. Dizia: "Estamos caminhando para a época da análise, que é a idade viril das nações".

Sentia um amor profundo ao povo brasileiro. Acentuava:

"Escreve-se a respeito de Roma e Grécia, de França e Inglaterra; mas não se escreve acêrca do povo". "Sim, há uma cousa que se esquece muito no Brasil: é a sorte do povo, do povo, que não é o grande proprietário, o capitalista riquíssimo, o nobre improvisado, o bacharel, o homem de posição". "Ocupemo-nos dos interesses per-

manentes do país". "Tratemos do povo e comecemos pelo miserável".

O escritor Carlos Pontes publicou um livro com materiais biográficos que procuraremos analisar.

Em 1856, Castro Alves tinha apenas nove anos de idade. Já então, Tavares Bastos, aos 17 anos, lutava pelo abolicionismo. Aspirava a libertar e educar os escravos. Esperava que os poetas e os filósofos nos dessem a emancipação dos negros. Orientava a poesia no sentido de adquirir côr local, tornar-se brasileira, livrar-nos da escravatura. Acentuava: "a poesia tem de refletir o século em seus variados modos de ver, sentir e querer". São palavras de atualidade.

Em 1864, Tavares Bastos sustentava: "A escravidão é a mais grave questão social do país". Em 1867, afirmava de modo categórico: "Sou decididamente pela emancipação da escravatura". Foi consequente: êle próprio alforriou de uma vez todos os escravos que lhe vieram pelo casamento.

Como deputado, apresentou projetos abolicionistas: os escravos do Estado seriam alforriados, receberiam gado e outros bens móveis, seriam instalados nas terras das fazendas da Nação, em que serviam. Nas oficinas e estabelecimentos públicos, os escravos, alforriados, passariam a receber salários, como operários. O Estado deveria enviar à Europa negros libertos para aprenderem indústrias, artes e ofícios. Seria o regime do "trabalho livre", isto é, assalariado, de tipo capitalista.

O sonho do escritor realizou-se em parte quando êle já estava morto.

Tavares Bastos não se limitou à luta pela Abolição. Assinalou a necessidade de uma série de reformas progressistas. Quais? "Instrução, emancipação, viação". A instrução gratuita e obrigatória. O ensino técnico profissional. A imigração, o desenvolvimento da agricultura e a concessão de terras devolutas. O incremento das vias de comunicação. O levantamento de cartas topográficas. A navegação a vapor no rio São Francisco e a construção de estradas que ligassem o seu curso inferior ao superior. O telégrafo submarino, que se tornou realidade dez anos depois, com Mauá. Tais alguns dos projetos e reformas de Tavares Bastos.

Mas o pioneiro não se limitou a isto. Preocupou-se com o problema da Amazônia. Visitou-a com o naturalista Agassiz e o futuro pragmatista William James. Recomendou o plantio de seringueiras, previsão importante. Preconizou um pôrto para a Bolívia no rio Madeira e outro no rio Paraguai. Teve a idéia da construção de uma estrada para vencer as cachoeiras do rio Madeira, o que se realizou com a E. F. Madeira-Mamoré, muitos anos depois. Dizia: "o Vale do Amazonas será o centro do comércio do mundo". Queria um pôrto franco em Manáus e a livre navegação do Amazonas às bandeiras de tôdas as nações, o que se deu posteriormente.

Euclides da Cunha, em face da grandeza da Amazônia, manifestou sua admiração pelo escritor alagoano.

Tavares Bastos foi livre-cambista. Defendeu a liberdade de cabotagem e medidas semelhantes.

Era, pois, um intelectual do século XIX, da fase do capitalismo pré-monopolista, isto é, anterior ao imperialismo do século XX. Admitia empréstimos para pagar despezas produtivas com os novos melhoramentos materiais ou morais do Brasil, mas se opunha aos empréstimos improdutivos, considerando-os "uma cousa perigosa e um recurso temerário". São palavras de atualidade.

No terreno das relações internacionais, Tavares Bastos aconselhava a aproximação com os Estados Unidos. Via as vantagens imediatas dessa aproximação, na etapa ascensional do capitalismo, mas não notava os seus graves perigos. Idealizava os Estados Unidos. Desejava exportar para êsse país os produtos do Brasil, penetrar nesse vasto mercado, criar uma linha de vapores entre Nova York e os nossos portos, aplicar na economia e na agricultura do nosso país a experiência prática norte-americana e realizar a aproximação política. No final, apezar dos bons desejos do autor, tudo isso representaria, como representa, a mais séria ameaça à independência nacional.

Não obstante seus méritos, Tavares Bastos teve outras falhas. Enganou-se quando caracterizou o Brasil como um "país de destino agrícola". Negava, assim, o desenvolvimento industrial. Esquecia as riquezas naturais. Desconhecia-as. É que lhe faltava o conhecimento imprescindível das ciências da natureza.

O escritor fazia acusações à monarquia. Afirmava categòricamente: "Do imperador não há nada absolutamente que esperar, senão a sua abdicação".

Entretanto, Tavares Bastos adotava métodos reformistas e não revolucionários. Devido ao seu atraso filosófico e político, não compreendia a necessidade de derrubar a monarquia e instaurar a República por uma revolução popular, profunda e radical. Sustentava que "a revolução leva à anarquia". Pelo contrário, o despotismo é que acarreta a anarquia. O despotismo de um Nicolau II levou a Rússia à tremenda desordem e anarquia de 1916. A revolução socialista de 1917 liquidou a anarquia, salvou a Rússia do cáos e estabeleceu a ordem revolucionária.

Por essas e outras razões é que os homens como Tavares Bastos e Mauá fracassaram no fundamental, apesar de certos êxitos parciais. Não conseguiram transformar o Brasil num país capitalista. De um lado, trabalharam, cada um a seu modo, pelo desenvolvimento do capitalismo no Brasil, mas, de outro lado, limitaram-se a reformas parciais, sem a rutura total, violenta e definitiva com a monarquia escravista apodrecida. Daí, contradições insolúveis para ambos.

O próprio Tavares Bastos viveu como um estranho, solitário, deslocado no ambiente. Vegetou num emprêgo subalterno no Ministério da Marinha. Foi demitido na primeira ocasião, por decisão autocrática do ministro, melindrado pelas críticas do deputado. No fim da vida, concluiu orgulhosamente: "Nada tenho sido; antes assim. Tenho idéias, não me é lícito sacrificá-las".

A vida e a obra de Tavares Bastos, escritor progressista alagoano, constituem um belo patrimônio do povo brasileiro.

TOBIAS BARRETO

Aspectos gerais. No Brasil, a monarquia teve como base social os grandes proprietários rurais escravistas. Abolida oficialmente a escravidão, a monarquia perdeu sua base, recebeu um golpe mortal e foi derrubada ràpidamente um ano e meio depois, em 1889. Caiu de podre como uma goiaba comida de bicho.

Na última etapa da monarquia, destacou-se Tobias Barreto (1839-1889), sergipano, nortista. Foi professor, pequeno burguês urbano empobrecido. Estudou em Pernambuco, no Nordeste. Nunca saiu do Norte do país. Viveu dez anos na cidade de Escáda, no interior de Pernambuco, um dos centros da grande propriedade rural escravista, ligada ao cultivo da cana de açúcar. Foi professor da Faculdade de Direito do Recife.

Nesta cidade, uma semana antes de morrer, confessou em carta a Sílvio Romero, seu amigo: "os meus últimos recursos estão se esgotando", "estou reduzido a proporções de pensionista da caridade pública". Assim terminou um dos mais notáveis pensadores progressistas do Brasil.

Tobias Barreto faleceu, pois, na maior pobreza, como tantos outros intelectuais brasileiros. Era em junho de 1889, alguns mêses antes da queda da monarquia e proclamação da República. Começava um novo período da história do Brasil.

Certos "críticos" consideram Tobias Barreto uma completa "inutilidade para a cultura brasileira". Êsses "críticos" são cegos!

Os clericais acusam o pensador brasileiro de nada ter de original. Fingem esquecer que vivem a repetir as santas asneiras, homílias e jaculatórias dos antigos padres da igreja. Há quinze séculos, já nada tinham de originais.

Tobias Barreto levou uma vida de pelejas, conflitos e tormentos. Não foi um contemplativo. Foi um lutador, militante, combatente. Homem de fibra, têmpera, caráter. Ora, o caráter e o talento natural nem sempre andam juntos. Daí, tanto maior o valor do nosso compatriota.

Publicista, levantou muitos problemas. Poeta, lançou dúvidas sôbre Deus e Cristo. Crítico e polemista, denunciou a miséria do povo, atacou o império, a igreja e o obscurantismo. Dizia: "A luta é o meu elemento".

O momento histórico. Tobias Barreto iniciou seus combates em 1870. Na Europa, o momento era de grande envergadura histórica. O proletariado, coveiro do capitalismo, já tinha surgido como classe independente e desencadeava a batalha contra a burguesia. Formavam-se associações revolucionárias de classe, que se cristalizaram, já em 1864, na I Internacional, inspirada e dirigida pelo gênio de Marx. Rebentou, em 1871, a primeira grande revolução proletária — a imortal Comuna de Paris. Os operários foram ao assalto do céu...

No terreno ideológico, desde 1848, com o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, nascera a teoria do proletariado. Em 1867, apareceu *O*

Capital de Marx, a obra máxima da economia política, a obra que realizou uma revolução no pensamento humano. O materialismo filosófico dialético e o materialismo histórico tornaram-se uma realidade. As ciências naturais atingiram alto desenvolvimento. A teoria de Darwin já era conhecida. O marxismo guiava a luta pela transformação do mundo.

Em contraste profundo com a situação da Europa, o Brasil da época vegetava oprimido por um sistema terrìvelmente atrasado. Econômicamente, predominava o escravismo. Polìticamente, a monarquia escravista. Ideològicamente, a teologia e a escolástica, o misticismo e o clericalismo. A maioria do povo era, como ainda é, fetichista, adotava a mistura caótica de fetichismo e catolicismo. O próprio catolicismo estava, como está, saturado de fetichismo.

Na Faculdade de Direito do Recife, um professor achava que monismo era sinônimo de darwinismo, porque vinha da palavra *mono,* o macaco. Outro professor da mesma Faculdade escreveu um calhamaço de quase 600 páginas sôbre "o poder moderador" de Pedro II. Era um dos "grandes problemas" da época...

Todavia, no seio do ambiente atrasado do Brasil de então, foram surgindo elementos que, de uma fórma ou de outra, marcaram um progresso. Neste sentido, 1870 teve importância histórica. Nesse ano, Tobias Barreto iniciou sua luta. Castro Alves publicou as *Espumas Flutuantes.* José de Alencar, polemizando com um crítico de Portugal, acentuou o caráter indepen-

dente e nacional da literatura brasileira. Eram ruturas com o passado morto.

Também em 1870, o Partido Republicano lançou seu manifesto, lutando por um novo regime, embora dèbilmente e silenciando a necessidade da liquidação do cativeiro. A sociedade brasileira foi sendo abalada. É que a escravidão e a monarquia estavam condenadas à morte. A guerra do Paraguai, terminada no mesmo ano de 1870, puzera a nu as mazelas do sistema dominante, mostrara sua hediondez e podridão.

A rutura. Antes de Tobias Barreto, houve tôda uma série de místicos e embrulhões. O poeta Gonçalves de Magalhães foi mistura confusa do idealismo filosófico com a eclética e a metafísica. Mont'Alverne — mistura indigesta da retórica mais chata com a eclética e a escolástica.

Tobias Barreto teve a glória de romper com a tradição mística dos Mont'Alverne e Jesus Sampaio — pregadores da Capela Real, professores de "ciências" como a retórica, a teologia e a dogmática...

No ambiente atrasado do Brasil da época, Tobias combateu Tomaz de Aquino — falso filósofo, autêntico teólogo e reacionário. Em 1871, em *Filosofia e Crítica*, atacou o espiritualismo francês do século XIX como "um sistema artificial, um filho degenerado da teologia católica". Em 1881, em *Questões Vigentes*, considerou que a velha filosofia dualista, baseada na "teoria" da alma separada mìsticamente do corpo, nunca passou de "um comentário mal feito do símbolo dos apóstolos".

Já em 1871, em *Filosofia e Crítica,* Tobias perguntou como um novo Duns Scot: — Por que a cabeça que pensa não pode ser a matéria?

No livro *Menores e Loucos,* em 1884, afirmou categòricamente:

"Não faço mistério da minha fé filosófica: — eu sou materialista".

Palavras corajosas, de grande importância no Brasil da época e mesmo na atualidade!

A teoria do desenvolvimento. A dialética marxista-leninista é a doutrina do desenvolvimento, em seu aspecto mais completo, profundo e livre de unilateralidade. É a ciência das leis gerais do desenvolvimento na natureza, na sociedade humana e no pensamento.

O desenvolvimento realiza-se sob forma dupla: por evolução e revolução. A evolução marcha lentamente, a revolução ràpidamente, por saltos. Na evolução há modificações na quantidade, na revolução há modificações na qualidade. A evolução e a revolução são inseparáveis, uma acarreta a outra. Ser evolucionista e não ser revolucionário é cometer um êrro grosseiro, é romper a unidade dialética da evolução e da revolução.

Tobias Barreto foi um defensor da teoria do desenvolvimento. É sua glória. Em 1884, asseverou em *Questões Vigentes*:

"Evolução é desenvolvimento".

Um pouco antes, em 1880, em *Estudos Alemães,* citou um notável pensamento de Heráclito — o grande filósofo grego, mestre da dialética primitiva e espontânea. Caracterizou-o como o primeiro evolucionista.

Em 1883, numa polêmica, falou sôbre a lei do desenvolvimento contínuo como lei do cosmos, isto é, do universo. Teve noção de uma tese da dialética moderna quando, em 1881, afirmou em *Questões Vigentes*:

"Tudo que pode ser objeto científico — o homem, a natureza, o universo em geral, não é um estado perene, mas o fenômeno de uma transição permanente, de uma contínua passagem de um estado a outro estado".

Tobias procurou aplicar ao terreno do direito a teoria do desenvolvimento, quando assinalou na mesma data e na mesma obra:

"O princípio regulador é a idéia do desenvolvimento, em virtude da qual o direito, com tôdas as suas aparências de constância e imobilidade, também se acha, como tudo mais, num perpétuo *fieri,* sujeito a um processo de transformação perpétua".

O nosso compatriota buscou aplicar a teoria do desenvolvimento ao domínio da religião. Em *Estudos Alemães,* citou Feuerbach, o filósofo materialista, segundo o qual o desenvolvimento de Deus pressupõe o desenvolvimento dos homens. Em *Menores e Loucos,* disse que o homem é todo feito à imagem e semelhança da natureza, e não de Deus. Na crítica a Alexandre Herculano, afirmou:

"O catolicismo, como tudo neste mundo, sem excetuar mesmo aquilo que se tinha em conta de santo e divino, está sujeito à lei do desenvolvimento".

Em 1881, em *Estudos Alemães,* o pensador brasileiro já tinha notado que, nem sempre, a

lenta evolução é suficiente para resolver certos problemas e remover uns tantos obstáculos. Já tinha visto que, ao lado do "inconsciente da história" — na realidade, o fator histórico objetivo — ao lado da "lentidão das águas, no seu labor de acumulação", são imprescindíveis o esfôrço da consciência humana e "o rápido processo ígneo dos abalos e agitações necessárias".

Por conseguinte, embora sem a devida clareza, Tobias teve certa noção da necessidade do objetivo e do subjetivo, como também da evolução e da revolução, no desenvolvimento da história. Era um clarão nas trevas do Brasil do século XIX, dominado pelo escravismo na economia, na política e na sociedade, e pela mística da idade média na ideologia.

A importância da História. A História é a ciência fundamental, domina tudo. Tudo entra no âmbito da História. A investigação de qualquer objeto, fenômeno, acontecimento, tem de ser feita de um ponto de vista histórico, de acôrdo com a situação concreta, com as condições históricas. O historicismo estuda os fatos, fenômenos e acontecimentos em seu surgimento, desenvolvimento e desaparecimento, em ligação com as condições históricas concretas.

Tobias Barreto procurou acentuar a importância da História. É um sinal de grandeza. Em 1881, em *Questões Vigentes,* disse que já tínhamos uma história do céu estrelado, outra do nosso planeta e ainda outra dos reinos vegetal e animal. Afirmou então:

"O conteúdo histórico do universo tornou-se rico e grandioso, como nunca a antiguidade o pressentira".

Assinalou em *Menores e Loucos*:

"Tôdas as ciências caminham para tornar-se preponderantemente históricas".

Em 1884, num trabalho, na mesma obra, sustentou, grifando:

"O homem é um ser *histórico*, o que vale dizer, é um ser que se *desenvolve*".

Em 1881, afirmou em *Questões Vigentes*:

"A sociedade é um ser real e, ainda como o homem, um ser histórico".

Falou, então, sôbre a historicidade do direito:

"O direito não é um filho do céu — é simplesmente um fenômeno histórico".

Asseverou que as línguas não têm um código e sim uma história.

Em 1884, em *Questões Vigentes*, achou que a evolução mental e emocional do homem, o desenvolvimento da inteligência e da sensibilidade, é um processo histórico. Deu razão a Haeckel, na teoria de que tôda a atividade vital se desenvolveu històricamente.

Na opinião de Tobias, "tôda evolução é histórica", "a beleza é um produto histórico", o amor cedeu à lei do progresso e o amor de outrora não é o amor atual.

Em 1887, disse em *Estudos Alemães*:

"Haeckel e Darwin consideram a humanidade um *todo*, e a sua história uma evolução permanente".

Tobias tinha fé no progresso, como também na grandeza do ser humano. Declarou em 1882, na mesma obra:

"Eu creio na marcha ascensional, no constante engrandecimento do homem".

A ciência. Tobias também tinha fé na ciência. Exaltou como grandiosa e bela a teoria materialista de Laplace, sôbre a origem do mundo. Em 1880, em *Estudos Alemães*, reconheceu que a ciência não tem limites e que "o verdadeiro cunho científico é justamente êsse contínuo avançar para o desconhecido".

Nessa mesma data e obra, condenou a "ciência" desligada da filosofia, reduzida a mero trabalho de descrição e classificação, fria estatística da natureza. Defendeu Haeckel contra Carl Semper — zoólogo estreito, acanhado e grosseiramente empírico. Ao lado de Haeckel, criticou os cientistas que rompem a unidade da ciência e da filosofia, e os naturalistas empíricos que partem da experiência mas recuam diante de qualquer dedução de caráter filosófico.

Até hoje, no Brasil, são inúmeros tais cientistas, quando não são chatamente místicos e clericais, agarrados aos interesses, convenções e conveniências sociais.

Haeckel. É sabido que Haeckel foi um grande naturalista. Desenvolveu a teoria de Darwin. Desfraldou a bandeira do *monismo*, isto é, do materialismo científico naturalista. Criticou o idealismo filosófico (o espiritualismo). Atacou as ilusões e superstições religiosas.

Haeckel, porém, não foi um materialista consequente. Não superou o materialismo espontâneo e primitivo, inconsequente e envergonhado dos cientistas e naturalistas. Não se elevou até

o materialismo filosófico dialético de Marx e Engels. Na interpretação dos fenômenos sociais, ficou no idealismo, caiu em contradição com o próprio materialismo. De qualquer forma, é um fato que, no século XIX, Haeckel impulsionou a ciência e a filosofia.

No Brasil do século XIX, Tobias Barreto pronunciou-se pelo monismo de Haeckel, pelo evolucionismo de Darwin, pela concepção materialista do universo. É um sinal de grandeza. Em 1881, afirmou categòricamente em *Questões Vigentes*:

"Darwin descobriu o fio, que reduz o mundo orgânico a um *todo* comum e fá-lo aparecer como uma continuação do inorgânico".

Em 1883, numa polêmica, acentuou que Darwin e Haeckel se tornavam os dirigentes do pensamento moderno. Era um passo à frente, no Brasil da época, desgraçado pelo escravismo e envenenado pela mística da idade média.

Em 1880, em *Estudos Alemães,* assinalou: os fatos tornam cada vez mais provável que o homem descenda de algo semelhante aos grandes macacos. São palavras corajosas num país em que, até hoje, os professores, escravos do obscurantismo, servilmente a reboque da Bíblia, continuam a ensinar que o homem é o produto degenerado de um casal de idiotas — Adão e Eva.

Haeckel, o sábio, tinha Tobias em alta conta. Escreveu sôbre êle: "parece pertencer à raça dos grandes pensadores". São palavras honrosas para a cultura brasileira.

Infelizmente, o nosso compatriota não foi capaz de superar o materialismo espontâneo e

primitivo, inconsequente e envergonhado de Haeckel. Não avançou até o materialismo dialético de Marx e Engels, posteriormente desenvolvido por Lénin e Stálin. Daí, uma das falhas capitais da obra de Tobias.

O materialismo. O materialismo passou por um longo processo de desenvolvimento, como tudo na vida, no universo e na sociedade. Partiu de Kapila e Vrihaspati, na velha Índia. Partiu de Heráclito, Demócrito e Epicúro — os três maiores filósofos da Grécia antiga. Avançou na época da Renascença com Bacon, Bruno e Spinoza. Avançou ainda mais com o materialismo mecânico de Diderot e d'Holbach, no século XVIII. Não superou o passado com o materialismo vulgar de Büchner, no século XIX. E atingiu o ponto culminante com o materialismo dialético de Marx e Engels, Lénin e Stálin.

O materialismo mecânico alcançou o mais alto nível com Diderot e d'Holbach, na França do século XVIII. Foi, na época, uma filosofia avançada, um passo à frente. Atacou a concepção mística do mundo e a filosofia idealista. Difundiu o ateismo combatente, militante. Desmascarou as ilusões e superstições religiosas. Criticou a monarquia absoluta e o feudalismo.

Vários dos grandes pensadores do século XVIII foram ateus, materialistas e revolucionários. Representaram a vanguarda das fôrças progressistas dêsse momento histórico. Em tôrno deles, agruparam-se as correntes mais diversas. Os enciclopedistas em geral, os pensadores como Rousseau, os educadores como Voltaire e Condorcet, os filósofos como Diderot e d'Holbach,

Helvetius e Condillac, prepararam, no terreno ideológico, a revolução francesa, isto é, a revolução democrática burguesa anti-feudal de 1789-1794, iniciada com a tomada da Bastilha.

No século XVIII, o estudo da mecânica já tinha atingido, relativamente, um alto desenvolvimento. Daí, a tentativa de explicar tudo, na vida e no universo, por intermédio das leis da mecânica. Daí, o mecanicismo do século XVIII.

No século XIX, tornou-se claro que as simples leis da mecânica não poderiam explicar os movimentos complexos das células, dos seres vivos, dos órgãos como o cérebro e das sociedades humanas.

Além disto, o materialismo mecânico do século XVIII era metafísico, não era dialético. Só via as transformações na quantidade, não via as transformações na qualidade. Não notava a relação entre a quantidade e a qualidade. Ignorava que quantidades mínimas se acumulam, determinando modificações na qualidade. E, no terreno social, não chegou a ultrapassar o idealismo.

Essas e outras falhas essenciais demonstraram, no século XIX, a impotência do materialismo mecânico.

O materialismo vulgar surgiu no século XIX, com Büchner e outros, na Alemanha dos anos 50 e 60. Reconheceu que a matéria é a única realidade. Foi ateista. Entretanto, no fundamental, não ultrapassou o materialismo mecânico do século XVIII. Ignorou a dialética — a doutrina moderna do desenvolvimento. Tentou esclarecer tudo, por intermédio das simples leis mecânicas. Ao querer explicar a sociedade, atolou-se no pân-

tano do idealismo. Caiu, pois, em contradição mortal com o próprio materialismo.

O mais grave é que, desde 1848, já existiam o materialismo dialético e o materialismo histórico de Marx e Engels. Era a mais profunda revolução da história universal nos domínios da ciência e da filosofia, em todos os ramos do conhecimento, e não sòmente do conhecimento... Daí, a impotência do materialismo mecânico do século XVIII e, com maior razão, do materialismo vulgar do século XIX e, mesmo, do materialismo científico naturalista de Haeckel.

Em 1884, em *Questões Vigentes*, Tobias Barreto referiu-se ao "materialismo míope" dos Büchner. Achou também, com razão, que o homem, a família, o Estado e a sociedade em geral não podem ser explicados do ponto de vista da mecânica. Igualmente, compreendeu a impotência da mecânica, do mecanicismo por conseguinte, para explicar tôda uma série de fenômenos. E disse a propósito:

"O mecanismo não está no caso de satisfazer tôdas as exigências e interpelações da razão". "O simples *mecanismo* não é suficiente para dar a razão dos produtos orgânicos, isto é, em relação à forma dos organismos há sempre um resto *mecânicamente inexplicável*".

Entretanto, Tobias não foi um materialista consequente. Na mesma ocasião, julgava criticar o materialismo, quando, na realidade, criticava apenas o materialismo mecânico. Via uma relação estreita entre a mecânica e o materialismo, e não notava que existia uma saída. Dizia que

o gôsto pelas explicações mecânicas correspondia ao pendor materialista do tempo.

Assim, fracassado o materialismo mecânico, a solução seria avançar no sentido do materialismo dialético. Em lugar de seguir êste caminho, o escritor brasileiro perdeu-se em desvios no rumo do idealismo filosófico. Profundamente lamentável para o desenvolvimento da cultura brasileira!

Em 1887, Tobias, em *Questões Vigentes*, opinou que o materialismo sempre se ressentiu do defeito de satisfazer-se com uma explicação do mundo "que termina precisamente no ponto onde começam os problemas da filosofia".

Como se vê, o nosso compatriota, nesse caso concreto, confunde a filosofia com a religião, a teologia e a metafísica. Na realidade, o materialismo não termina em parte alguma. É uma interpretação geral da vida e do universo. Abarca tudo. Os próprios fenômenos religiosos são explicados e interpretados pelo materialismo.

A metafísica. A metafísica é o oposto da dialética. Na metafísica, as cousas e as idéias, as noções e concepções são invariáveis. Estão fossilizadas, petrificadas, mumificadas. Nela, não há relações entre as cousas, os fatos e as idéias. Tudo, separado, isolado. Inércia e estagnação universais. Não há movimento nem desenvolvimento. Não existem contradições nem transformações. A metafísica trata de Deus, da alma, do livre arbítrio e de outras figuras de retórica...

Infelizmente, Tobias fez concessões à metafísica, deu o dedo à gangrena. Disse em *Estudos Alemães* que "a necessidade metafísica" não se

dá por satisfeita com "os resultados materialístico-científicos que tocam sòmente na superfície das cousas".

Ora, os fatos provam exatamente o contrário: a ciência, guiada pelo materialismo dialético, penetra cada vez mais profundamente na essência dos fenômenos, dá um quadro cada vez mais real da vida e do universo.

E a metafísica? Que oferece? Ùnicamente, abstrações vasias, frases vãs, figuras de retórica.

O escritor brasileiro disse também na mesma obra:

"Não sentimos pela metafísica em geral o profundo e sistemático rancor do positivismo".

Não compreendeu que o positivismo estava e está empestado de concepções mortas, metafísicas, fossilizadas. Não compreendeu que o verdadeiro materialista é um dialéta, inimigo mortal de tôda espécie de metafísica.

Em *Filosofia e Crítica*, persistiu no mesmo êrro. Admitiu a existência de um mundo supra-sensível. Em 1887, declarou-se contrário à metafísica dogmática e favorável à metafísica "consciente" que, segundo êle, existiria sempre como "ciência". Terrível confusão!

Kant. No fim do século XVIII e comêço do século XIX, a Alemanha era dominada pela nobreza, pela aristocracia, por grandes proprietários rurais feudais. O regime, barbaramente monarquista e prussiano. A nobreza e a monarquia, profundamente reacionárias, odiavam os enciclopedistas e os materialistas, os jacobinos e a revolução francesa.

A burguesia alemã da época era frouxa, covarde, servil. Desejava seguir o exemplo dos jacobinos e da revolução francesa, derrubar a aristocracia, tomar o poder, liquidar a monarquia e o feudalismo. Mas tinha medo da nobreza e da monarquia. Tinha medo ainda maior das massas populares. Oscilava. Limitava-se a vagos suspiros e desejos melancólicos. No final, como sempre, a burguesia fez um infame cambalacho com a reação — a nobreza e a monarquia. Sob formas diversas, êsses cambalachos e traições da burguesia sempre tiveram lugar: na Alemanha do século XVI durante a guerra dos camponêses, na Inglaterra do século XVII com a liquidação da República, na França de 1794 com o golpe de Estado contra-revolucionário de Termidor, na Alemanha do século XIX e nos movimentos nacional-libertadores do século XX, como na China de 1927.

A filosofia idealista alemã de Kant, Hegel e outros, é um reflexo dessa situação concreta do país.

Kant foi o fundador do idealismo clássico alemão. Falou sôbre uma "cousa em si", nebulosa e transcendental, inacessível e incognoscível, que ficava acima dos nossos conhecimentos — na realidade, fora da realidade. Foi agnóstico — traçou limites para o conhecimento. Menosprezou a razão humana, negou que ela pudesse conhecer a essência das cousas. Reconheceu a existência de Deus e a imortalidade da alma. Caiu na mais chata moralina, com o imperativo categórico. Defendeu concepções sociais e políticas reacionárias.

De outro lado, teve certas tendências materialistas. Falou sôbre a "cousa em si" como algo fora e independente da nossa consciência, como uma espécie de realidade objetiva. Expôs uma teoria de fundo materialista sôbre a origem do sistema solar.

Por conseguinte, Kant procurou conciliar o idealismo com o materialismo, naturalmente em proveito do idealismo.

Na *Crítica da razão pura,* o filósofo alemão lança dúvidas sôbre a existência de Deus. Acentua a "impossibilidade da prova ontológica da existência de Deus". Assim, segundo êle, do ponto de vista da doutrina do ser, da essência, não é possível provar a existência de Deus.

Mas, na mesma obra, sem base alguma, Kant afirma o contrário. Reconhece a existência de Deus. Assinala que Deus é "o ideal da razão pura". Acentua que a obra, a beleza e a previsão da natureza são capazes de produzir "a crença num sábio e magnífico criador do Universo".

Na *Crítica da razão prática,* diz que a existência de Deus é uma "condição necessária à possibilidade do soberano bem".

Dêsse modo, Kant, "heroi" das frases vasias, tem o sim e o não. Tem as bebidas mais variadas, para os mais diversos degustadores. É que foi o filósofo de um triste compromisso entre os dois sistemas antagônicos — o materialismo e o idealismo. Foi um tipo de transição entre dois momentos históricos — o feudalismo em decadência e o capitalismo em ascensão. Refletiu as oscilações, a covardia e o caráter contraditório da

burguesia alemã nesse período. Refletiu o atraso econômico, político e social da Alemanha da época. Era um pobre filisteu alemão.

Nesse ambiente medroso e atrasado, os filósofos como Kant, atolados na lama do feudalismo, sonhavam abstratamente com uma liberdade caída do alto, em vez de lutar por uma liberdade real, embora relativa, como na França da revolução de 1789-1794.

Lénin diz n'*O materialismo e o empírio-criticismo*:

"O traço fundamental da filosofia de Kant é a conciliação do materialismo com o idealismo, o compromisso entre um e outro, a junção de tendências filosóficas variadas e contrárias, num único sistema".

Os kantistas dos séculos XIX e XX chamaram a si o que havia de morto na filosofia de Kant e rechaçaram os elementos materialistas nela existentes.

Tobias Barreto deveria ter manifestado a mais absoluta independência em face de Kant. Deveria tê-lo criticado com a mais extrema severidade. Infelizmente, fez o contrário. Exaltou-o. Perdeu o espírito crítico diante dele. Em 1880, caracterizou-o como "o filósofo revolucionário". Em 1887, em *Estudos Alemães*, asseverou que Kant foi "o Copérnico da filosofia", e sua doutrina "a mais ousada revolução do pensamento".

Estranha "revolução" que, em vez de levar avante o materialismo francês do século XVIII, caminhou para trás — para a ressurreição do idealismo! Em que país do mundo se viu um filisteu medroso fazer uma revolução?

Tobias, no mesmo ano, escreveu em *Questões Vigentes*:

"O grande feito filosófico de Kant foi a indagação do órgão do conhecimento, o estudo da razão humana".

O pensador brasileiro não notava o caráter contraditório do sistema de Kant. De um lado, o filósofo alemão exaltava a razão humana, mas, de outro lado, a reduzia a zero e introduzia Deus pela porta dos fundos. Kant era um burguês medroso, indeciso e inconsequente. Sua inconsequência era própria da sua classe e da situação da mesma classe na Alemanha da época, conforme já vimos.

Por vêzes, Tobias caiu no ecletismo. Fez uma salada do materialismo e do idealismo, de Haeckel e Kant. Disse em 1884, em *Questões Vigentes*, que o monismo "assenta em bases kantescas". Reconheceu que o monismo de Noiré se confessa ligado, por mais de um laço, à filosofia de Kant, o que é péssima recomendação para êsse "monismo".

O pensador brasileiro era de opinião que Kant não foi dualista. Segundo êle, em Kant "a explicação *mecânica* e a explicação *teleológica* dos fenômenos naturais representam *momentos* diversos de uma unidade superior".

Pensando assim, Tobias fabricava uma unidade artificial. Não via a inconsequência e o caráter duplo da filosofia de Kant, idealista e materialista, mas fundamentalmente idealista.

Segundo a teleologia, tudo na natureza tem um fim, um objetivo, uma finalidade. Assim, a

Providência Divina, em sua alta sabedoria, fabricou as moscas para ser devoradas pelas aranhas. Fabricou os pobres de espírito com o fim de torná-los bemaventurados...

Por conseguinte, a teleologia não tem seriedade de espécie alguma. É uma doutrina mística, metafísica, idealista, inimiga da ciência. Na realidade, a natureza não tem objetivo, nem consciência, nem finalidade própria. Só o homem o tem.

Infelizmente, o escritor brasileiro declarou em *Questões Vigentes*:

"O monismo filosófico é conciliável com a teleologia, não tem horror às causas finais".

Trata-se, neste caso concreto, de uma concessão à teologia, em contraposição à ciência. Tobias deu o dedo à gangrena. De desvio em desvio, de concessão em concessão, chegou a exaltar "filósofos" pessimistas e decadentes como Schopenhauer e Hartmann.

A origem das falhas. Como compreender essas falhas de Tobias Barreto?

Falando em geral, a pequena burguesia tem um caráter duplo. De um lado, é atraída pelo progresso, mas, de outro lado, oscila no sentido da reação. Seus pensamentos levam-na para a esquerda, seus preconceitos arrastam-na para a direita. Essas oscilações resultam de sua situação econômica instável, intermediária entre o proletariado e a grande burguesia.

No caso concreto, Tobias Barreto era um intelectual pequeno burguês. Era um pequeno burguês urbano empobrecido. Portanto, pertencia a camadas sociais que, pela própria natureza, são

instáveis, vacilantes, contraditórias. Além disto, contraiu laços com a classe dominante. Casou-se com a filha de um senhor de engenho, proprietário rural escravista. Militou no chamado Partido Liberal — monarquista e escravista. Representou-o como deputado na Assembléia Provincial de Pernambuco.

Ainda mais: Tobias viveu num ambiente atrasado em todos os sentidos — econômico e político, social e ideológico. Não teve ligação com os movimentos populares progressistas da época. Não compreendeu que a filosofia não sòmente deve explicar o mundo, mas, sobretudo, deve transformá-lo. Seus estudos teóricos foram insuficientes. Sua base cultural, apesar de todos os seus tremendos esforços, incompleta, sem método, sem sistema. Seu conhecimento do materialismo filosófico e das ciências naturais, sem profundeza.

Tal a origem das oscilações, debilidades e contradições vulgares de Tobias Barreto.

Hegel. A filosofia de Hegel, como a de Kant, refletiu as condições da Alemanha da época.

Hegel foi idealista, anti-materialista, partidário da Idéia Absoluta — espécie de Jeová sem barbas, surgido não se sabe como nem para que, antes do homem e da própria natureza. Aliás, é muito difícil descobrir êsses "mistérios", sobretudo para nós, homens incrédulos do presente, que não conseguimos presenciar o maravilhoso nascimento da Idéia Absoluta, milhões de anos atrás, saindo das águas como Vénus...

Hegel exaltou e idealizou o bárbaro Estado prussiano e sua monarquia como sendo de "essência divina". Defendeu, pois, "teorias" políticas e sociais profundamente reacionárias.

Desorientado pelo idealismo filosófico, Hegel afundou nas mais grosseiras contradições. Seu sistema negava o desenvolvimento, já tinha atingido a suma perfeição. Pelo contrário, seu método baseava-se num processo infinito, no desenvolvimento contínuo. Sua dialética era idealista. A fim de utilizá-la, Marx tomou-a em sentido oposto, materialista.

Tobias Barreto, em 1887, em *Questões Vigentes,* criticou Hegel. Falou sôbre o fiasco imenso de seu sistema. Acentuou que a filosofia de Hegel "não admitia fora de si antítese alguma, tinha vencido e conciliado em si mesma tôdas as antíteses", quando, na realidade, era "um perfeito modêlo de contradições, um exemplar de confusão caótica".

Essa filosofia desejava ser "uma conciliação absoluta do pensamento e da realidade; mas acabou por ser uma volatilização espiritualística do *real* e uma corrução metódica do puro pensamento".

Comte. O positivismo, a filosofia de Augusto Comte, tinha a pretensão de pairar acima do materialismo e do idealismo. Na realidade, estava abaixo de um e do outro. Misturou o materialismo com o idealismo, numa pobre salada. Afundou, pois, no ecletismo, na falta de princípios, na mistura indigesta dos "princípios". Veio a ser uma completa mixórdia — idealista no fundamental.

No terreno social, depois de Marx, o positivismo defendeu a burguesia e propôs-se a tarefa de salvá-la da revolução. Fez concessões à idade média feudal e ao misticismo. No final, acabou tornando-se a mais ridícula caricatura da igreja católica. Clotilde de Vaux passou a ser a Virgem Maria. Augusto Comte, criança, fingia de Menino Jesus nos braços de sua Santa Mãe...

Tobias Barreto, em 1869, em *Estudos Alemães,* criticou o positivismo e sua pretensa lei dos três estados. Assinalou que a teologia e a metafísica coexistem na sociedade, com as mesmas pretensões, combatendo pela mesma causa. Afirmou na mesma obra que a idéia da evolução nunca fez ninho na cabeça de Comte. E, em 1887, em *Questões Vigentes,* disse que "os positivistas se movem na névoa de idéias preconcebidas e frases consagradas".

Entretanto, no mesmo livro, achava que o positivismo era uma das últimas formas do materialismo. Não via a diferença fundamental entre um e outro. Não compreendia que o positivismo é uma variedade do idealismo.

Spencer. Herbert Spencer foi um filósofo e sociólogo burguês.

Sua obra é posterior ao *Manifesto Comunista* e a outros trabalhos de Marx e Engels. Marca um passo atrás. Portanto, trata-se de uma tentativa nascida morta.

No terreno da filosofia, Spencer perdeu-se no Incognoscível — em cousas que não são conhecidas, nem o serão jamais... Não ultrapassou o vulgar e grosseiro mecanicismo. Para êle, a mecânica era a chave que explicava tudo na natu-

reza. Em lugar de desenvolver a teoria de Darwin, empurrou-a para trás. Fez aplicações extravagantes do darwinismo. Admitiu a lenta evolução, mas, como burguês, pronunciou-se contra a revolução na sociedade, contra os saltos na natureza e na história — portanto, rompeu a unidade dialética da evolução e da revolução.

Spencer defendeu o regime capitalista como o sistema ideal. Rebaixou a ciência social à mais chata biologia. Comparou a sociedade ao corpo humano: o burguês e o Estado capitalista seriam a cabeça destinada a dirigir, o operário seria apenas o braço destinado a trabalhar e a ser eternamente dirigido e expoliado. Tais a "filosofia" e a "sociologia" de Spencer...

Tobias Barreto, em 1884, em *Questões Vigentes*, citou um autor que reduziu Spencer a uma "filosofia de frases e epítetos".

No terreno filosófico, o pensador brasileiro contrapôs Haeckel a Spencer. Teve razão. Não caiu no êrro de Sílvio Romero, Euclides da Cunha e outros intelectuais progressistas do Brasil, que se deixaram levar por Spencer.

Entretanto, Tobias deu o dedo à gangrena, ao dizer em *Questões Vigentes*:

"A ciência tem limites, além dos quais ainda existe alguma cousa".

Essa "alguma cousa" só pode ser a mística, o sobrenatural, isto é, o irreal. Neste caso, o escritor brasileiro não compreendeu que a ciência, pela própria natureza, não tem limites.

A mística. Num ambiente dominado pela mística medieval e o clericalismo, Tobias Barreto foi um crítico da religião. Salientou, por vêzes,

o lado econômico do problema. Numa polêmica, em 1883, chamou os padres os "almocreves do céu" e notou:

"O que os filósofos chamam a crise religiosa da atualidade, é a crise econômica dos padres".

Em 1882, em *Estudos Alemães,* asseverou:

"A história da ciência e seus triunfos é ao mesmo tempo a história da religião e suas derrotas".

Formulou uma das diferenças entre a ciência e a religião:

"Crer não é saber". "Crença não é ciência".

Afirmou, em 1879, que o mistér da religião é consolar e iludir. Criticou Alexandre Herculano como um velho historiador teólogo. Mostrou que o catolicismo está corroído por "uma podridão íntima e irremediável". Fez ver, em 1879, que a igreja católica é um anacronismo, uma instituição que passou de tempo, e que os padres, metidos em sotainas, trajam luto por Deus.

Tobias esclareceu em 1883:

"A igreja católica fala uma língua morta, a língua dos túmulos, para bem significar que é uma religião da morte".

Na mesma data, numa polêmica, estigmatizou "os bobos de Deus que vivem mergulhados no idiotismo transcendental da eterna bemaventurança". Em 1881, assinalou, em *Questões Vigentes,* ser preciso atirar para o meio do ferro velho as doutrinas que cheiram a incenso. E acentuou em *Estudos Alemães*:

"A religião dos nossos pais é hoje incapaz, não só de produzir um herói, um mártir, um

santo, ou mesmo de alimentar um poeta ou um artista, mas até de provocar um feito digno, uma ação nobilitante". "A fé que transportava montanhas, não transporta um grão de areia. O reino dos céus, que se prometeu aos pobres, aos sequiosos de justiça, tornou-se alguma cousa de semelhante ao império dos *Incas*: uma recordação histórica, ou antes uma reminiscência poética".

Tobias, no mesmo trabalho, concluiu corajosamente:

"Nós não somos mais católicos". "Sim, nós não somos mais cristãos".

São palavras de grande importância na frente da batalha ideológica.

O cristianismo. Tobias Barreto, num dos trabalhos de *Estudos Alemães,* assinalou que a idéia do pecado forma a base da teologia de Paulo, o apóstolo cristão. Condenou a religião sombria dêsse apóstolo. Denunciou as cerimônias religiosas que presenciára na terra natal: as encomendações das almas, a horas mortas, as procissões de penitência, "tenebrosos espetáculos da sandice humana". Em Sergipe e em todo o Nordeste, centenas de idiotas místicos, auto-flagelando-se, vibravam os chicotes, as disciplinas, sôbre as costas nuas, até ficar cobertos de sangue. Condenando tais cenas, disse o crítico:

"Ainda alcancei tempo em que as *corôas de espinhos* e as *disciplinas de aço representavam* um papel saliente no processo de *salvação*".

Tobias concordou com um autor segundo o qual o cristianismo terminará por ser a religião dos pobres de espírito.

Bakúnin pensava que, para acabar com a religião, seriam necessárias a propaganda intelectual e a revolução social. O crítico brasileiro citou esta idéia do libertário russo e achou que ela tem um conteúdo exato e profundo.

Em 1881, assinalou com audácia em *Estudos Alemães*:

"Há um fato que ataca irrefutàvelmente a divindade do mestre (Cristo): é o *pauperismo* dos nossos dias como todo o seu séquito de prostituições e de misérias".

Em 1870, numa polêmica, o adversário, um clerical, achava que a maior controvérsia do século XIX era "a infalibilidade" do papa. Tobias rebateu tamanha asneira, dizendo, porém, que a maior controvérsia do século XIX era a divindade de Cristo, a causa da religião em geral e da cristã em particular, a natureza e o destino da mesma religião.

Neste caso concreto, o crítico brasileiro não tinha a mínima razão. De fato, já no século XIX, a divindade de Cristo não chegava sequer a ser um problema. Já então, nenhum pensador avançado a levava a sério. Na realidade, a maior controvérsia do século XIX versava sôbre os grandes problemas levantados por Marx e Engels desde 1848. Era o destino do regime capitalista, com tôda a sua super-estrutura, inclusive as religiões. Era o derrubamento revolucionário do capitalismo com a instauração do socialismo no mundo inteiro.

A teologia. Tobias Barreto foi ateu. Já em 1869, em *Estudos Alemães*, asseverou que todas as "provas", alegadas e repetidas pelos doutores

da igreja católica e por filósofos como Descartes e Leibnitz, sobre a existência de Deus, só têm como resultado torná-la duvidosa.

Disse em 1881, em *Questões Vigentes*, que, à força de ser chamado para explicar tudo, Deus já se tinha reduzido à estéril condição de nada explicar. Assinalou em *Polemicas*, em 1868 e 1870:

"De Deus não conhecemos nada, nem pelos sentidos, nem pela razão". "Não póde haver uma ciência de Deus". "Não existe a ciência do amor de Deus". "Teologia e teodicéia não são ciências". "A teologia nada explica". "A teodicéia é uma futilidade". "Teodicéia é teomania".

Desta fórma, o pensador brasileiro reduziu a nada a teologia, isto é, a pretensa ciência de Deus, fazendo o mesmo com a teodicéia, isto é, os fantásticos atributos divinos.

Entretanto, Tobias caiu em contradições vulgares. Assim, em 1881, reconheceu que ainda tinha um resto de senso religioso. Em 1883, declarou que educava a família de acordo com os princípios religiosos católicos. Em 1870, disse que a religião tinha raizes profundas no mais íntimo da alma humana. E achava ser um erro grosseiro supor que a Humanidade se acha no caminho de um estado de cousas em que não haverá mais a religião. Ele próprio refutou tais alegações.

Em 1869, Tobias deu um sentido absurdo à palavra teologia. Então, para ele, nessa primeira etapa de seu desenvolvimento, a teologia não era a "ciência" dogmática dos doutores da igreja, era uma parte da psicologia e uma parte da his-

tória, a exposição do sentimento religioso. Totalmente falso!

O escritor brasileiro declarou em 1870:

"Cremos que Deus existe, mas se nos pedirem uma prova de sua existência, dada em nome da razão e da lógica, não temos".

Se o próprio Tobias confessava não ter provas, então sobre que base afirmava a existência? Falta de lógica, inconsequência e contradição vulgar!

Em 1868, escreveu numa polemica:

"O espetáculo do universo impõe a necessidade racional de conceber uma causa para este grande efeito".

Neste caso, Tobias caiu na metafísica. Transformou o efeito em causa. Não viu que essas concepções teológicas e metafísicas são reflexos do mundo real no terreno da fantasia. Transformou a causa num absoluto. Não viu o encadeamento de causas e efeitos, e vice-versa. Não viu a relação entre as causas e os efeitos, e vice-versa. Não viu, por exemplo, que um fato como a revolução francêsa foi a causa de muitos acontecimentos, mas, por sua vez, foi o efeito de uma série de causas. O que aqui é causa, ali é efeito.

No caso em questão, o escritor brasileiro não compreendeu que a "teoria" de uma primeira causa nada explica, ela própria teria de ser explicada como efeito de alguma causa. Não compreendeu o quanto é chata e vulgar a comparação do mundo a um relógio, que seria obra de um relojoeiro. E' que o relojoeiro teve pai e mãe...

Tobias, numa polemica, desenvolveu uma "teoria" extravagante sobre o amor de Deus, basean-

do-se em Platão, isto é, no mais requintado idealismo filosófico. Péssima fonte para um materialista!

Em 1868, sustentou:

"A existência de Deus é uma crença instintiva do espírito humano".

O crítico não compreendeu que os homens primitivos como os indios do Brasil em 1500 não tinham nenhuma idéia de Deus. Os jesuitas é que transformaram Tupã, o trovão, em Deus, causando tremenda confusão na cabeça dos indios. O crítico não viu, nesse caso, a estreita relação que existe e sempre existiu entre a mistica e os sistemas economicos, políticos e sociais dominantes. Não viu que a mística sempre foi e é um instrumento das classes exploradoras e opressoras.

Na mesma data, disse:

"A ciência é incompetente para elevar-se à divindade. Qualquer expressão de amor, um olhar, um suspiro que se mande ao céu, atesta a existência de Deus mil vezes mais do que todos os argumentos metafísicos e teológicos que a crítica de Kant reduziu à poeira".

Neste caso, Tobias caiu no agnosticismo, levou agua para o moinho de Kant, Comte e Spencer. Menosprezou a ciência, limitou seu campo de atividade. Não compreendeu que a ciência submete as religiões à análise crítica e demonstra toda a vacuidade do sobrenatural. De outro lado, o escritor fez uma curva e voltou ao ponto de partida dos místicos — a pretensa justificação do sobrenatural por meio de "argumentos" tirados do mundo dos sentimentos como o amor, desviando-se da razão fria e da análise rigorosa, con-

fundindo o sentimento com o pensamento, afundando nas chatices de um Chateaubriand.

Tobias não compreendeu que a religião sempre foi e é um instrumento de classe, da exploração economica e da opressão política, e desaparecerá com elas.

O Direito. Tobias Barreto, em 1881, no trabalho *Sobre uma nova intuição do Direito,* em *Questões Vigentes,* abriu vasta perspectiva.

Disse, então, que estavam mortas a velha idéia do direito e a concepção de que a esféra jurídica ficava fóra da natureza. Afirmou que a velha "ciencia" do direito, estava em perigo de ser relegada para o domínio dos expedientes rasteiros, dos meios mecânicos de viver. Assinalou que, no Brasil, o direito foi destituído de feição científica e reduzido às proporções de um formalismo banal e insignificante. Submeteu o direito à teoria do desenvolvimento. Preconizou o método histórico-naturalístico, a fim de destinar à jurisprudência um lugar próprio no sistema orgânico das ciências.

No mesmo trabalho, Tobias criticou o jurista Rodolfo von Ihering porque procurava conciliar Haeckel com Deus, a doutrina de Darwin com a crença nas cousas divinas e nas causas finais.

Tambem em *Questões Vigentes,* falou sobre a historicidade do direito e considerou uma fantasia os direitos absolutos e imutáveis.

Num discurso na Assembléia Provincial de Pernambuco, em 1878, sustentou que "a grande luta pelo direito é uma das fórmas da luta pela verdade".

Em 1884, em *Menores e Loucos,* salientou:

"A concepção da sociologia, e especialmente a concepção do direito, ainda hoje correntes entre nós, são um pedaço de metafísica, um resto de mitologia".

E' profundamente lamentável que essa tradição progressista de Tobias Barreto no domínio do direito, não tivesse sido continuada e desenvolvida no Brasil — país onde existe uma literatura jurídica que nos esmaga pela grande quantidade e má qualidade. A quantidade desenvolveu-se na razão inversa da qualidade.

Entre os juristas dos tempos ulteriores, nenhum esteve à altura dessa tradição. Uns caminharam terrivelmente para trás — tornaram-se reacionários, clericais, obscurantistas. Outros, ecléticos como Clóvis Bevilaqua. Ainda outros, liberaloides como Rui Barbosa.

Por isto, tantos anos depois de Tobias, levanta-se uma tarefa de honra: reatar a cadeia da tradição, enriquecer a herança do pensador brasileiro no domínio do direito — com um novo conteúdo, o materialismo dialético, sob novas fórmas, em novas condições históricas.

O marxismo. A princípio, Tobias Barreto desconheceu a obra de Marx. Depois, subestimou-a. Por fim, reconheceu uma ou outra tese, mas não compreendeu o marxismo.

Em 1870, citou uma série de economistas burguêses como Ricardo e Adam Smith, mas ignorou Marx, que fez uma revolução na ciencia economica. Em 1874, mencionou varias mediocridades da Alemanha da época, hoje mais ou menos desconhecidas, contrapondo-as ao grande pensador comunis-

ta. Tambem em 1874, manifestou seu horror à idéia de uma liquidação social e achou que a I Internacional era a organização da loucura.

Em 1879, já tinha lido a *Miséria da filosofia*, de Marx.

Inaugurando o curso de economia política na Faculdade de Direito do Recife, disse que "capital é trabalho acumulado". Não compreendia que o capital é trabalho não pago. No mesmo curso, referiu-se à crítica de Marx aos "economistas anões" como Bastiat e, sem ir ao fundo do problema, assinalou que ainda não se sabia qual a verdadeira função do trabalho e qual a do capital.

Em 1884, em *Menores e Loucos*, oscilava entre o trabalho e o capital, procurava para eles un "denominador" comum e alegava:

"A ciencia social, como conjunto de idéias adquiridas e sistematizadas sobre os fenomenos sociais e suas leis, ainda se acha, por assim dizer, em estado embrionário".

Esta citação mostra que, 36 anos depois do *Manifesto Comunista* e 17 anos depois d'*O Capital*, Tobias ainda não tinha compreendido o valor da obra de Marx. Profundamente lamentável!

No mesmo livro, dizia que a sociedade "deve ter a sua mecânica; mas essa mecânica... ainda não encontrou o seu Kepler".

O problema era completamente outro. A sociedade deve ter a sua dialética, e não apenas a sua mecanica. Ora, desde 1848, essa dialética da sociedade já tinha o seu Kepler — Marx, que a descobrira.

Nos anos 80, houve um progresso na atitude para com Marx. Assim, no trabalho *A questão do poder moderador,* publicado em *Questões Vigentes, Tobias* fez uma citação d'*O Capital* de Marx, com a data de 1883, assinalando:

"Karl Marx diz uma bela verdade, quando afirma que cada período histórico tem as suas próprias leis... Logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estádio a outro, ela começa tambem a ser dirigida por leis diferentes".

São palavras notáveis.

Em 1887, em *Estudos Alemães,* Tobias fez a seguinte afirmação memorável:

"Karl Marx, o terrivel crítico do *capital,* e o mais valente pensador do século XIX, no domínio da ciencia economica".

Foi uma desgraça para a cultura brasileira, que Tobias não tivesse compreendido a grandeza de Marx e popularizado sua obra. Teria sido um progresso imenso para a nossa Pátria. Ele que se preocupou tanto com a Alemanha e com os escritores da língua alemã, não soube ver o que a Alemanha e o mundo deram de melhor no terreno do pensamento: a obra de Marx e Engels, continuada e desenvolvida posteriormente por Lénin e Stálin.

Infelizmente, só muito depois, com a fundação do Partido Comunista em 1922 e a publicação do *Manifesto Comunista* em 1923-1924, é que a obra de Marx começou a ser compreendida e popularizada no Brasil.

Problemas sociais. A luta de Tobias Barreto contra as velharias — a mística medieval, o cle-

ricalismo, a concepção arcáica do direito — era progressista, sobretudo nas condições do Brasil da época, dominado pelo escravismo, pela monarquia bolorenta e pelo obscurantismo. Servia objetivamente o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, embora sem a devida consciencia.

No mesmo período, a batalha pela Abolição e pela República, as reformas de Tavares Bastos e as medidas práticas de Mauá tambem serviam objetivamente o desenvolvimento do capitalismo em nosso país.

Tobias não foi socialista nem revolucionário. Não compreendeu o materialismo histórico. Daí, uma das falhas capitais de sua obra.

Apesar disto, falou com simpatia sobre o povo triste e sofredor, sobre os esbulhados da posse das cousas materiais.

No discurso feito em Escada, em 1877, denunciou que, nessa cidade, ½% da população era formado por indivíduos ricos, ao passo que 90% dela eram constituídos por necessitados, quase indigentes.

Algumas vezes, Tobias falou sobre o fator economico na sociedade. Disse em *Vários Escritos*:

"O Estado quer saber se os meninos aprendem — e por que, antes, não procura saber se eles comem?"

Em lugar de dizer que Escada tinha 3 mil almas, acentuava que tinha 3 mil ventres.

Afirmou em *Vários Escritos*:

"O que convem mais que tudo, é dar ao pòvo os meios de *passar melhor*". "A mágna questão

dos tempos atuais não é política nem religiosa, é toda social e economica. O problema a resolver não é achar *a melhor forma de governo* para todos, porem, a melhor fórma de viver para cada um".

Neste caso, Tobias errou, defendendo o individualismo burguês e certa fórma de "apoliticismo". Tinha razão em citar os fatores economicos, mas subestimava a importância dos fatores políticos e esquecia os laços estreitos que ligam a economia à política. "A política é a expressão concentrada da economia", salientava Lénin. Na realidade, o mágno problema é economico e financeiro, político e social, jurídico e estatal, moral e intelectual.

Em 1875, Tobias publicou um hino, dizendo que o trabalho é a vida que corre à procura do melhor, e as estrelas brilham menos que as gotas do suor humano.

Em 1884, assinalou em *Questões Vigentes*: no princípio, as mólas que moveram o homem primitivo foram a fome e o amor.

Tobias foi um crítico social. Embora ligado por laços de família aos senhores de engenho, falou contra a *açúcarocracia*. Atacou o cléro privilegiado. Condenou a nobreza, "pela maior parte estúpida, pretensiosa". Sustentou que "a balança da justiça virou balança de joalheiro, mais própria de pesar ouro do que direitos".

No trabalho *Sobre uma nova intuição do Direito*, em *Questões Vigentes*, afirmou que o corpo docente das Faculdades de Direito, ao lado dos padres e dos militares, fórma a guarda de honra do trono e do altar.

A Mulher. Tobias defendeu certos direitos da Mulher. Condenou a tése bárbara de São Paulo, o verdadeiro fundador do cristianismo, que, na *Primeira Epístola a Timóteo,* subordinou a mulher à mais vil sujeição, sob o pretexto ridículo de que Eva foi criada depois de Adão...

Em 1879, na Assembléia Provincial de Pernambuco, propôs a criação de um estabelecimento de instrução superior feminina.

Em Pernambuco, no mesmo ano, uma jovem pediu uma subvenção para estudar medicina. O pedido levantou celeuma na Assembléia Provincial. Logo surgiram pretensos cientistas, segundo os quais a mulher é impermeável à ciência, fisiològicamente inferior ao homem e condenada pela natureza à incapacidade e ao atraso mental.

Tobias rebateu com energia essas idéias retrógradas, de fundo escravista, e sustentou, documentando:

"Dizer que a mulher não tem competencia para os altos estudos científicos é, alem do mais, um erro histórico, um atentado contra a verdade dos fatos".

Opunha-se tanto à anarquia como ao despotismo no seio da família brasileira. Mas, em 1879, num discurso na Assembléia, ainda não julgava necessaria a emancipação política da mulher, tomando estas palavras no sentido estreito da eleição de deputadas e presidentas das provincias.

A monarquia. Tobias criticou a monarquia brasileira. Disse que a realeza lhe parecia anacronica. Atacou " a miséria política e o abatimento moral", resultantes do regime de Pedro II.

Não levou a sério o tão apregoado talento e a "sabedoria" do imperador. Fez ver que os dirigentes da monarquia mal se elevavam acima da chatice comum. Desmoralizou o "liberalismo" do tempo do Império. Reduziu a nada os ministros, políticos e outros palhaços da monarquia, verdadeiros "autômatos imperiais".

Declarou em *Questões Vigentes*:

"Já está mais que provado, quanto fomos infelizes com a nossa monarquia constitucional".

Assinalou em *Varios Escritos*:

"O Brasil se acha à discreção de tres personagens: Deus, o diabo e o imperador".

A Inglaterra. Durante o Império, os politiqueiros escravistas viviam voltados para a Inglaterra burguesa, monarquista e parlamentarista. Caricaturavam-na em tudo.

Tobias, pelo contrário, acentuou em *Questões Vigentes*:

"O organismo social brasileiro não é o organismo social inglês."

Joaquim Nabuco idealizou a Inglaterra. Rui Barbosa, até o fim da vida, teve ilusões com esse pais e seu regime, queria fazer uma transplantação mecanica das instituições inglêsas para o Brasil. Em contraposição, Tobias Barreto, muito antes de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, criticava os que, então, pretendiam britanizar o Brasil, como, hoje, nos opomos decididamente aos que querem norte-americaniza-lo.

Tobias não admitia, em nosso país, um sistema vasado em molde inglês, imitação vulgar da Inglaterra. Mas não ia ao fundo do problema. Havia diferença entre o regime escravista do

Brasil e o regime capitalista da Inglaterra. Existia a impossibilidade histórica de transplantar mecanicamente, para o Brasil, esse regime inglês. As tentativas feitas para transplanta-lo, limitaram-se a aparencias, exterioridades e caricaturas como o parlamentarismo do Império com seus ministros a citarem os políticos inglêses — Pitt, Disraeli, Salisbury & Cia.

Não é com semelhantes aparências, panacéias e caricatúras que um triste regime baseado no escravismo se transforma num sistema baseado no capitalismo.

Outros aspectos. Tobias desejava uma Constituição que fosse "um produto selvático" brasileiro, e não as cópias de 1891 e 1937, uma norte-americana e a outra fascista de Portugal e da Itália. Queria uma "política autóctone, ingénita ao caráter do povo". Mas fazia dessa Constituição uma panacéia para curar os males complexos e profundos do Brasil. Rechaçava tanto o sistema constitucional da Inglaterra como o programa revolucionário de outros países. Desta fórma, vacilava e oscilava, condenando-se à impotência.

O escritor brasileiro menosprezava palavras como liberdade. Dava-lhes um sentido retórico, em vez do verdadeiro conteúdo, de acordo com as condições concretas de cada momento histórico determinado. Subestimava a importância das tres palavras de ordem da revolução francêsa: liberdade, igualdade e fraternidade. Nas notas sobre o discurso feito em Escada, em 1877, tambem subestimou essa revolução. Não era partidário dela, mas não queria ser incluido entre os

retrógrados que se benziam diante dela. Vacilava. Oscilava.

Tobias, em *Filosofia e Crítica,* estigmatizou o anti-semitismo como "un rasgo de barbaría que ha de sempre envergonhar a civilização ocidental". Num trabalho de *Questões Vigentes,* condenou a mania racial, etnológica de sua época e sustentou que "as chamadas raças inferiores nem sempre ficam atrás".

Em 1884, na mesma obra, rechaçou o social-darwinismo, segundo o qual os miseráveis deverão ficar entregues à própria penúria e morrer de fome.

Entretanto, escreveu no mesmo trabalho: "é um resultado *natural* da luta pela vida que haja grandes e pequenos, fortes e fracos, ricos e pobres". Neste caso, o autor deu o dedo à gangrena — substituiu os fatores economicos, políticos e sociais por uma biologia grosseira. O social-darwinismo é uma deformação do darwinismo e nada tem de comum com a ciência. Não é possível transplantar as leis do mundo animal para a sociedade humana. Os mestres do marxismo sempre condenaram essas transplantações.

Tobias elogiou a obra do individualista Max Stirner. Viu o Eu e sua propriedade, falou sobre o predomínio do Eu em todos os fatos humanos, não viu as classes, seus interesses e sua ideologia.

Trinta e seis anos depois do *Manifesto Comunista,* disse em *Menores e Loucos* que, sem a beleza, as fórmas deliciosas, as pernas e as coxas de Eugenia de Montijo, ao aparecer diante do futuro imperador Napoleão III, "talvez que hoje a face da Europa fosse outra".

Isso é freudismo antes de Freud e demonstra a pobreza teórica de Tobias no domínio das ciências sociais.

Em 1879, o crítico brasileiro dizia atacar a sociedade apenas nos ramos e não nas raizes. Daí, a debilidade de sua crítica. A época histórica exigia, na Europa, a luta pelo derrubamento do capitalismo e, no Brasil, a liquidação completa do escravismo e da monarquia. Tobias, porem, permaneceu indiferente à luta pela Abolição e pela República. Cometeu, pois, um erro grave, sobretudo para um lutador no terreno da crítica religiosa e filosófica.

E' que, como já foi dito, Tobias estava ligado, pela esposa, à propriedade rural baseada na escravidão. Foi deputado por um dos partidos monarquistas. Não possuia uma séria educação política e social. Desconhecia o materialismo histórico. Não compreendia com clareza o papel dos fatores economicos e politicos. Vivia demasiadamente preocupado com a Alemanha e seus escritores. E ficou na contemplação pura, em face dos movimentos populares progressistas brasileiros. Uma lástima!

Nas polemicas, Tobias levantou vários problemas, atacou e desmoralizou os adversários — místicos, clericais e obscurantistas. Infelizmente, perdeu-se, muitas vezes, em detalhes e chulíces, descomposturas e ataques pessoais.

Condenou o gosto pela semi-ciencia leve — *filoxera* que devasta os produtos da intelectualidade brasileira. Estudou problemas psicológicos. Mostrou a falta de simultaneidade, isocronismo entre a evolução das idéias e a das emo-

ções. O sentimento atrasa-se em relação ao pensamento. O pensamento avança com mais rapidez que o sentimento. Daí, as desharmonias e contradições entre o pensamento e o sentimento de muitos homens.

Num sentido muito mais amplo, o desenvolvimento da consciência e dos outros fenomenos espirituais não acompanha o desenvolvimento da situação economica e das condições materiais. Ha sempre um atraso. Daí, na consciencia dos homens, as sobrevivencias do passado como as superstições religiosas. E, daí, a necessidade da luta permanente para superar essas sobrevivencias.

A arte e a literatura. Tobias era de opinião que a arte deve entrar na categoria do trabalho. Fídias e Praxíteles são "descendentes diretos do selvagem das cavernas que animava o sílex com o grosseiro espírito da utilidade".

No domínio da literatura, o escritor brasileiro condenou o diletantismo e a superficialidade. Dizia que gostava de unir a tudo um pouco do sal de Aristófanes. Preferia o riso de Demócrito às lágrimas de Heráclito.

Em 1866, considerava erroneamente o realismo "a escola da sensualidade". Criticava com razão certos defeitos da literatura brasileira. Menosprezava-a, porem, sem razão.

No terreno da crítica, exaltou-lhe o valor, assinalando:

"Em ciencia e em letras não ha direitos adquiridos, não ha prescripção para a crítica". "Nenhuma fórma, nenhum ramo do conhecimento humano póde hoje subtrair-se ao predomínio da

crítica". Mas não compreendeu que a crítica deve ter um caráter revolucionário.

Em 1887, em *Questões Vigentes,* Tobias contrapôs o seu entusiasmo pela literatura da Rússia à sua antipatia pela política do mesmo país, a serviço do tzarismo. Afirmou:

"A literatura rússa é um tesouro digno do maior apreço".

Sentia certa aversão pela França, pela Inglaterra e pela cultura dos dois países. Englobava tudo. Não separava o joio do trigo. Queria que se abandonasse a cultura francêsa pela alemã, em vez de aproveitar tudo quanto existe de positivo na cultura de todas as nações.

A cultura alemã. Tobias tinha vastas leituras. Lia correntemente os escritores alemães. Escreveu trabalhos em alemão. Editou, no Recife, um jornal nesse idioma, o que era uma extravagância.

Infelizmente, fazia listas de autores alemães, contínuas citações em alemão. Voltou-se demais para o estrangeiro. Em vez de preocupar-se principalmente com a Pátria, vivia mais voltado para a Alemanha que para o Brasil. Queria uma Internacional da crítica e da literatura com séde naquele país. Idealizava-o. Entoava louvores desmedidos: "Só a Alemanha é grande, só a Alemanha é sábia". Desarmava-se diante dos autores alemães. Perdia o espírito crítico em face deles.

Que mais? Elogiava von Treitschke, o monarquista e imperialista, como um dos homens mais notáveis da Alemanha. Achava que Hartmann, o pessimista, era um dos primeiros filósofos da época. Via filisteus, estreitos, como D. F. Strauss,

como protótipos da ciencia e da cultura alemãs. Na última etapa da vida, em 138 páginas das *Polemicas,* travou uma batalha por causa de uns tantos textos de Gneist, jurista alemão. Em lugar disto, teria devido criticar e refutar este e muitos outros autores alemães, e travar batalhas em torno dos grandes problemas do Brasil.

O nosso compatrióta não vislumbrou que a Alemanha, vitoriosa na guerra de 1870, iria seguir um rumo cada vez mais reacionario e militarista, e marcharia para as mais hediondas aventuras guerreiras como a de 1914-1918 e a de.... 1941-1945.

Conclusão. Para nós, verdadeiros patriótas e humanistas, democrátas e revolucionários, Tobias Barreto foi, no fundamental, um escritor progressista, pensador audaz, precursor do livre pensamento brasileiro. Fez tremendos esforços para superar o atraso, a miséria e a barbária intelectual da época. Iniciou a rutúra com o ambiente dominante. Foi combatido, hostilizado — e ainda o é — pelos místicos, reacionários e obscurantistas. No meio dos tristes letrados, escribas e cortezãos do Império, manteve nobre dignidade e bravía independência. Seu exemplo deve ser apontado aos intelectuais do presente. Sua obra é um grande patrimônio cultural do povo brasileiro!

SILVIO ROMERO

Nos anos 60 e 70 do século XIX, a cidade do Recife, no Nordeste, tornou-se um notável centro cultural, viveiro de idéias progressistas. Aí se desenvolveram Castro Alves, Tobias Barreto e Silvio Romero.

Traços biográficos. Sílvio Romero..... (1851-1914), sergipano, nortista, foi professor, pequeno burguês urbano empobrecido, carregado de família. Amigo de Tobias Barreto, continuou sua tradição. Constituiram um belo exemplo de fraternidade espiritual.

O escritor Carlos Süssekind de Mendonça publicou um livro com materiais biograficos que procuraremos analisar.

Silvio Romero era de origem burguesa, filho de um comerciante. Em 1869, aos 18 anos de idade, sob a monarquia, tornou-se republicano. Formou-se em direito no Recife. Fez um concurso, mas, preterido, partiu para o Rio de Janeiro, onde ficou.

Depois de toda uma vida de combates e tormentos, faleceu a 18 de julho de 1914. Seis semanas antes, escrevera uma carta ao diretor da Faculdade de Direito, pedindo um adiantamento de 500 mil réis, que deveriam ser descontados nos vencimentos. Na carta, revelou a própria penuria e acentuou: "Os mercieiros e outros truculen-

tos tipos de igual catadura — já começam a assaltar-me a casa com desusada audacia".

Em 1889, na vespera da proclamação da República semi-feudal e burguesa, Tobias Barreto faleceu na miséria e no abandono. Vinte e cinco anos depois, em 1914, na vespera da primeira guerra imperialista mundial, Silvio Romero faleceu na pobreza e no abandono. Tal o destino trágico dos grandes intelectuais progressistas do Brasil, vítimas do maldito regime dos capitalistas estrangeiros, dos latifundiários e burgueses brasileiros. Mas, em 1914, com a guerra, e sobretudo em outubro de 1917, com a revolução socialista, começava uma viravolta decisiva da história universal.

Visão geral. Tanto na vida como na obra, Silvio Romero teve muitos aspectos positivos.

Não foi um contemplativo abstrato. Foi um militante, combatente, atacante. Escritor de idéias progressistas. Polemista independente. Publicista multiforme. Batedor, pioneiro, precursor em toda uma série de domínios.

Folclorista, fez uma sondagem na alma do nosso povo, recolheu e divulgou tesouros da criação popular brasileira.

Patriota de fato, preocupou-se com os problemas nacionais e sociais. Acentuou o seu "irredutivel brasileirismo". Rompeu com um amigo desde que o viu ter o designio de criar um Estado germanico no sul do Brasil. Condenou os que tinham a mania de macaquear o estrangeiro. Assinalou que procurava sempre aplicar as idéias novas, européias, aos assuntos brasileiros. Afirmou

que queria ser homem do seu tempo, sem deixar de ser homem do seu país.

O nosso compatrióta queria a popularização da ciencia e a expulsão do sobrenatural. Desmascarava os clericais e os obscurantistas, os medalhões da literatura e da filosofia. Acentuava:

"Estamos ainda em puro reinado teológico-metafísico".

Já em 1875, na Faculdade de Direito do Recife, em defesa de teses, proclamava com audácia:

— A metafisica está morta!

Um professor interrogou-o com sarcasmo:

— Foi o sr. quem a matou?

Silvio rebateu imediatamente:

— Foi o progresso, foi a civilização!

Palavras memoráveis na história da cultura no Brasil!

O escritor dizia que sua vida intelectual era uma luta constante e dolorosa para afastar o que lhe ensinaram no ginásio e na academia, substituindo noções tão frágeis e comprometedoras, por dados científicos.

E' que, durante o Imperio, não só no Recife mas tambem no Rio de Janeiro, a mais bárbara mística da idade média reinava em muitos estabelecimentos de ensino. Triunfavam a teologia, a escolástica e o obscurantismo. Na própria capital do país, o ambiente era dominado pelo escravismo economico e político, social e ideologico. Em 1879, no Ginasio Nacional, considerado "o melhor", no concurso para preencher a cadeira de "filosofia", as teses foram as seguintes: "a constituição científica da metafísica", "os limites da teodicéia", "as provas da imortalidade da alma".

Semelhantes imbecilidades clericais nada têm de comum com a ciencia e a filosofia. Só demonstram o tremendo atraso cultural do Brasil sob o Imperio escravista de Pedro II.

Silvio achava que a literatura brasileira deve ser séria, viril, adiantada e democratica. Condenava a reprodução literaria do passado morto, americano ou europeu. Dizia que o poeta deve ter as grandes idéias da ciencia moderna, a fim de cantar o belo com os lampejos da verdade. Preconizava "escrever com paixão, com pureza e verdade".

O escritor atacou a formalística, o romantismo decadente e os versinhos cloróticos. Foi contrario aos intelectuais que não passavam de glosadores das vulgaridades da França e de Portugal. Criticou o ambiente das igrejinhas literarias do Rio de Janeiro. Caracterizou a Academia Brasileira de Letras como "singular corporação eclética e amórfa". Hoje, a caracteristica deve ser muito mais severa.

Em suas obras, Silvio combateu o amor à rotina, o cativeiro intelectual, o jesuitismo das consciências, a submissão de uns e a frivolidade de outros.

Sustentava que a divinização do capital amontoado é a suprema depravação e a maior inimiga das classes trabalhadoras.

Estigmatizava a "educação" teomaníaca. Criticava a "economia política" que era lida nos compendios, ensinada nas academias e declamada no Parlamento da época. Condenava a politicagem e os partidos dominantes, o jornalismo palavroso e superficial, os bacharéis e os parlamentares de

então. Atacava os mediocres felizes, os legistas modorrentos, os alfarrabistas juridicos e os leitores de codigos morrinhentos. Dizia que o legislador brasileiro, tipo retrógrado, vive acantoado com sua vaidade numa Babel de textos decrépitos.

Problemas nacionais e sociais. Em 1883, Silvio Romero preconizava que o negro escravo fosse substituido pela maquina e pelo "trabalho livre". Teria sido a instauração do capitalismo, em lugar do escravismo então dominante. Teria sido um passo à frente nas condições do Brasil da época.

Silvio escreveu uma *História da literatura brasileira*. Caracterizou-o como "um livro de amor" e dedicou-o à memória da esposa, morta na flor da idade.

Nesse livro, em 1888, sobretudo no capítulo 8.º do tomo 1.º (4.ª edição), o autor procurou traçar o triste quadro negro do Brasil no fim do seculoXIX. Levantou muitos problemas. Cortou as podridões sociais. Assinalou que, por trás dos acontecimentos literários, havia outros tantos momentos economicos. Nos primeiros séculos, era o açúcar. No século XVIII, o ouro. Mais tarde, o café. E, como perspectiva próxima, rebentaria uma grande crise economica.

Essas páginas especificas deveriam ter sido reproduzidas nas antologias, mas foram silenciadas. Nelas, o autor afirmou que, desde o começo, toda a população do Brasil se dividiu em duas grandes classes: a dos escravos e a dos senhores. Sustentou que a "educação" no Brasil colonial fôra jesuítica, desenvolvendo a memória em prejuizo do raciocinio. Disse que, com a independên-

cia, em 1822, não houve uma revolução. Salientou que "a vida brasileira é dura e prosaica".

Silvio referiu-se a dois dos mais importantes problemas nacionais — o capital estrangeiro e os latifundios. Fez ver que os "grandes", no Brasil, eram quase todos estrangeiros. Falou sobre a submissão do comercio nacional aos capitalistas ingleses e sobre a submissão do chefe do Estado brasileiro aos governos estrangeiros. Assinalou que, nas relações exteriores, éramos uma feitoria inglesa.

Antes, era a dominação do capital inglês. Hoje, querem reduzir-nos a uma desgraçada feitoria do imperialismo norte-americano, com seus monopólios, tratados desiguais, intervenções políticas e imposições militares estratégicas.

Silvio mostrou que os latifundios — as fazendas e os engenhos — estavam arruinando o Brasil, como arruinaram a velha Italia. Clamou a propósito: "somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacronica. Aquele anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudais".

O autor não foi propriamente um revolucionário, mas negou que a revolução e a evolução normal das sociedades fossem opostas. Acentuou: "a revolução é um dos processos indispensáveis à marcha das nações".

Palavras memoráveis!

Tais algumas das idéias defendidas por Silvio Romero em 1888, na *História da literatura brasileira*.

Os "críticos". Silvio Romero tem sido vítima de ataques estupidos. Os inúmeros aspectos progressistas de sua vida e de sua obra reduzem a nada os "críticos" ligados ao imperialismo e às classes dominantes. Esses "críticos" condenam o tom de polemista e o carater apaixonado do escritor. Consideram-no um "critico bilioso" e uma "inteligência unilateral". Acham que ele trabalhou para que o Brasil não tivesse "cabeça filosofica" porque negou a metafisica e fez, nesse terreno, um "trabalho perdido", pois a metafisica é "eterna"... Asneiras!

Tais "criticos" descobrem em Silvio imaginários aspectos negativos e transformam suas qualidades em defeitos.

O padre jesuita Leonel Franca dizia com desprezo que Silvio foi "um barco sem leme nem bussola"... Tal a opinião desse jesuita — triste defensor da classe dos latifundiários semi-feudais dominantes, sustentaculo da politica reacionaria do Vaticano, aliado do imperialismo, divulgador da hedionda mistica da idade média!

No domínio da filosofia. Os intelectuais brasileiros, pelo menos até 1922-1923, tiveram falhas capitais. Ignoraram o materialismo dialético e o materialismo histórico de Marx e Engels, desenvolvidos por Lénin e Stálin. Não foram materialistas dialéticos, nem revolucionários proletários, conscientes e consequentes. Não ultrapassaram o materialismo mecanico, estreito e vulgar, ou o materialismo científico naturalista, inconsequente e envergonhado e, posteriormente, perderam-se em desvios e caminharam para trás. Desdenharam o estudo vivo e profundo das ciencias

naturais. Levaram a serio o rebutalho da Europa e dos Estados Unidos — inúmeros charlatães místicos e idealistas, ecléticos e escolásticos, agnósticos e confusionistas.

Que outras falhas tiveram? Não deram importância à história do materialismo. Desconheceram os antigos materialistas hindús como Kapila e Vrihaspati. Desconheceram tambem os velhos materialistas chineses como Van Tshun e Van Tshuan-Shan. Ignoraram a dialética de Heráclito. Rejeitaram o materialismo de Demócrito e Epicúro, e a poesia materialista de Lucrécio. Deixaram-se arrastar até a cegueira pelo idealismo filosófico e a moralina de Socrates e Platão. Defenderam, até a deformação total, a teologia e a metafisica, a Escolastica e a mística feudal da idade média. Subestimaram os pensadores progressistas da época da Renascença, como Bacon, Bruno e Spinoza, ou fizeram confusões sobre os dois últimos. Menosprezaram os filosofos materialistas do século XVIII, como Diderot. Não estudaram a dialética de Hegel, nem o materialismo de Feuerbach. Rechaçaram as teorias de Darwin e Haeckel, ou fizeram confusões sobre elas. Foram indiferentes ao movimento socialista e revolucionário da Europa e ao movimento nacional libertador dos países coloniais e dependentes. Tremendo atraso da cultura no Brasil! Dai a necessidade da mais severa Analise Crítica Ideológica.

Silvio Romero teve uma serie de falhas reais — completamente diversas das "falhas" apontadas pelos "criticos" ligados ao imperialismo e às classes dominantes.

Entre as obras de Marx e Engels, o *Manifesto Comunista* é de 1848. O *Prefácio à "Contribuição à crítica da economia política"* é de 1859. O 1.º tomo d'*O Capital* é de 1867. O *Anti-Dühring* é de 1878. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado* é de 1884. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia classica alemã* é de 1888.

Muito depois, Silvio Romero, que viveu até 1914, ignorou o materialismo dialético e o materialismo histórico de Marx e Engels — a mais vasta e a mais profunda revolução da história universal nos domínios da ciencia e da filosofia, da história e da sociologia, de todos os ramos do pensamento e da ação social.

Em 1868, aos 17 anos de idade, Silvio considerava seus mestres: Taine, Renan, Gobineau. Não era um bom começo. Taine perdeu-se no seio de "teorias" sobre o solo, o clima, a raça, o momento e o meio. Renan foi um eclético, místico e cético. Gobineau, um racista que preparou o caminho para os hitlerianos — agentes do imperialismo alemão.

O escritor brasileiro foi espiritualista. Depois, partidario do positivismo, de Comte. Em seguida, em 1874, ficou impressionado com a *História da criação natural*, de Haeckel. Em 1875, adotou o materialismo mecanico, estreito e vulgar de Büchner. Sustentou o transformismo de Darwin e o materialismo científico naturalista de Haeckel. Embora se tratasse de um materialismo inconsequente e envergonhado, era um avanço no terreno da filosofia, sobretudo nas condições do Brasil da época, dominado pelo escravismo economico, politico e social, pelo fetichismo das eta-

pas primitivas, pela mistica da idade média e o clericalismo.

Silvio achava, então, que o remedio para resolver a situação do Brasil, seria mergulhar na "correnteza vivificante das idéias naturalistas e monisticas que vão transformando o velho mundo". Portanto, o escritor não via a revolução como solução dos problemas nacionais e sociais. Neste terreno, não superou as ilusões a respeito do papel da instrução e da educação como panacéias universais para as grandes transformações sociais. Eram, na essencia, as velhas ilusões dos iluminados, esclarecidos e educadores do século XVIII, como Lessing na Alemanha, Voltaire e Condorcet na França.

Infelizmente, Silvio agravou as próprias falhas numa etapa ulterior. Deu um passo atrás — abandonou Darwin e Haeckel. Por que? Porque tinha uma base insuficiente no domínio da filosofia e, sobretudo, das ciencias naturais. Involuiu — em vez de marchar avante, com firmeza e energia, na direção do materialismo dialético de Marx e Engels. Caiu no ecletismo, isto é, na falta de principios. Procurou conciliar o positivismo com o materialismo e com a teoria de Darwin. Fez concessões ao idealismo filosofico. Perdeu-se em desvios, no sentido do evolucionismo chato e vulgar de Spencer. Uma lastima!

Silvio fazia afirmações que nos deixam perplexos:

"O meu sistema filosofico reduz-se a não ter sistema algum".

Em vez de avançar, retrocedeu. Rolou do materialismo mecanico de Büchner e do materia-

lismo científico naturalista de Haeckel para o idealismo filosofico — caminho para o misticismo, do mesmo modo que o misticismo é caminho para o obscurantismo. Negou a atitude de 1875, em lugar de reafirma-la e, sobretudo, desenvolve-la e supera-la. Admitiu uma pretensa "metafisica viva". Deu-lhe falsa interpretação. Tornou a metafisica sinonimo da generalização sintética de todo o saber, suprindo pretensamente as falhas da ciencia. Ora, a vida e a ciencia, a natureza e a sociedade constituem completa negação da metafisica e esmagadora comprovação da dialética — a teoria moderna do desenvolvimento. Marx, Engels, Lénin e Stálin o provaram definitivamente.

Na velhice, Silvio, fazendo concessões ao misticismo, considerava o sentimento religioso "uma criação fundamental e irredutivel da humanidade". Com esta frase vasia, demonstrou não compreender que a religião é tão "irredutivel" como os sistemas de exploração e opressão que ela sempre sustentou — o escravismo na antiguidade, o feudalismo na idade média e o capitalismo na atualidade. Portanto, a religião terá de desaparecer com o desaparecimento da exploração e da opressão economica e financeira, politica e social. Já em 1845, Marx nas *Teses sobre Feuerbach*, caracterizava o sentimento religioso como "um produto social". E, posteriormente, n'*O Capital*, acentuava: "O mundo religioso não é mais que o reflexo do mundo real".

Silvio, em 1888, criticou o positivismo como um sistema atrasado e compressor. Atacou-o em 1894. Mas sua luta não podia derrotar o positi-

vismo, porque o próprio escritor era influenciado por Spencer. Portanto, não estava imunizado contra a doutrina de Comte — o que só seria possivel sobre a base invencivel do materialismo dialético.

Na história e na sociologia. Nada escapa à ciencia histórica. A História é a ciencia das ciencias. Tudo está dentro da história. Tudo tem sua história: a vida e o universo, o tempo e o espaço, a sociedade e o pensamento. O sistema solar tem sua historia — o astronomo Laplace procurou mostra-lo. A terra tem sua história — o geólogo Lyell o verificou. As espécies vegetais e animais e o próprio homem têm sua história — Darwin o provou. A sociedade humana tem sua história — Marx o demonstrou. A história não pára no passado, continua no presente e avança para o porvir. Marx, n'*A Ideologia Alemã*, acentuou:

"Não conhecemos mais que uma ciencia unica, a ciencia da história".

Muito depois de Marx e Engels, Silvio Romero cometeu graves erros no terreno da historia e da sociologia. Em vez de estudar e aprofundar o materialismo histórico de Marx e Engels, deixou-se desorientar, a princípio por Buckle e, depois, por Spencer e Le Play.

Buckle, o autor da *História da civilização na Inglaterra*, não compreendeu a história. Escreveu verdadeiros disparates. Tentou explicar a história pela geografia: o clima, o calor, a humidade, os ventos, o aspecto geral da natureza. Nada compreendeu. Tentou explicar fenomenos

politicos e psiquicos complexos dos povos, pela existência de terremotos e erupções vulcanicas. Fez uma "analise" estupida e unilateral, pessimista e niilista da situação e do futuro do Brasil. Não viu os fatores economicos e financeiros, políticos e sociais que determinaram as condições do país. Condenou a nossa Pátria em nome de fatores pretensamente invencíveis: o esmagamento do homem pela natureza bruta, as montanhas intransponíveis, os rios muito largos, o calor reinante, a humidade, a vegetação dominadora, os animais ferozes que nenhuma força humana poderia destruir, os insetos que estragam as colheitas, o nenhum progresso real, etc. Tais os absurdos do escritor inglês.

Buckle, em 1857, representou um passo atrás, pois, já em 1848, Marx e Engels, no *Manifesto Comunista*, tinham acentuado o papel das classes e da sua luta na história.

Em 1879, mais de trinta anos depois do *Manifesto Comunista*, Silvio considerava a obra de Buckle a mais notável interpretação dos fatos históricos. Em 1888, na *História da literatura brasileira*, criticou certas concepções de Buckle, mas lhe fez concessões de fato. Criticou o quadro de Buckle sobre o Brasil, que "envolve mais de uma inexatidão", mas sustentou que é verdadeiro "em seu sentido geral" (4.ª edição, tomo 1.º, pag. 69). Palavras lamentaveis!

A escola de Le Play acalentava a pretensão de ser uma Escola de Ciencia Social (com maiusculas). Na realidade, nada teve de ciencia. Caiu em extrema confusão. Representou tremendo passo atrás, em comparação com Marx. Perdeu-

se nos detalhes, em monografias regionais, sem uma visão do conjunto. Examinou isoladamente certas condições de vida e trabalho, grupos de fatos e problemas sociais, sem compreender as relações entre eles. Fez da família "o assunto dos assuntos, a questão das questões", "a base de tudo na sociedade humana". Não compreendeu que a própria família é efeito e não causa, e sua existência e evolução têm de ser explicadas pelas condições concretas de cada momento histórico.

Essa pobre escola descobriu confusamente que a Humanidade passou por tres "idades sociais": a idade das produções espontaneas e dos aparelhos ou instrumentos manejados pelo braço, a idade das maquinas movidas pelos animais, pelos ventos, pelas aguas correntes e, por fim, a idade do carvão de pedra, do vapor e da eletricidade. Desta fórma, a escola de Le Play tentou suprimir as cinco formações economicas sociais historicamente aparecidas: a comuna primitiva, o escravismo, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo.

Tais alguns dos erros vulgares da escola de Le Play.

Lénin, no livro *Quem são os "amigos do povo"?*, acentua a imensa importância da concepção de Marx sobre as formações economicas sociais. E' que sem o materialismo de Marx, Engels, Lénin e Stálin, a história e a sociologia ficam sem base científica.

Na história do Brasil. A fim de compreender o Brasil, os verdadeiros cientistas precisam estudar o velho colonialismo de Portugal, a dominação do capitalismo inglês até 1930 e, sobre-

tudo, o atual processo de colonização e escravização da nossa Pátria pelo imperialismo norte-americano. Precisam estudar a base economica e a respectiva super-estrutura politica, social, ideológica, jurídica, moral, religiosa, etc. Precisam estudar a exploração e a opressão quatro vezes seculares, o escravismo até 1888 e, especialmente, as atuais sobrevivencias feudais, as classes, a luta das classes, os movimentos populares e progressistas, etc.

Em vez de estudar esses problemas, muitos escritores perderam-se em divagações sobre a geografia e a ação "deletéria" do clima, sobre raças e tribos, sobre a "superioridade" do branco, a "inferioridade" do indio, do negro, do mestiço, etc. Profundamente lamentavel!

Na *História da literatura brasileira,* Silvio Romero citou inúmeros autores, mas ignorou totalmente a obra de Marx e Engels. Preconizou começar os estudos sociais por Spencer e, depois, Le Play (tomo 5.º, pags. 406-407). Assim desorientado, cometeu graves erros, No fundamental, subestimou de fato a economia e esqueceu o seu papel determinante, embora tivesse falado sobre certos fenomenos economicos. Pretendeu fazer da família a base de tudo na sociedade, mas, na pratica, esqueceu essa "tese". Sustentou que uma teoria da evolução histórica do Brasil deveria elucidar entre nós a ação do meio fisico, estudar as qualidades etnológicas das raças que nos constituiram, as condições biológicas e economicas dos povos para aqui emigrados nos primeiros tempos da conquista (tomo 1.º, pags. 54-55).

No mesmo sentido, Silvio preocupou-se com a raça e o meio físico. Caracterizou o meio físico

como sendo o clima, a geografia, a geologia, etc. Esqueceu a economia e recomendou que o crítico ou o historiador recorra à meteorologia, à geologia, à geografia, à etnografia, à antropologia e à psicologia (tomo 5.º, , pag. 263). E afirmou (tomo 5.º, pag. 321): "A história nada é sem biologia e psicologia". Erros grosseiros!

Certos "historiadores", ligados ao capitalismo e às classes dominantes, mal iniciam a história do Brasil, abandonam o terreno da história e se perdem na etnologia. Vêem unicamente "raças": a raça branca, a raça negra e a raça vermelha. Reduzem os indios a simples tribos — categoria etnológica, e não historica. Por isto, é necessário romper com essas "teorias" etnológicas — parasitas que invadiram o terreno alheio. E' necessário permanecer no terreno da história, dividir a sociedade em classes e acentuar a luta das classes. No passado, os escravos indios e negros contra os escravistas. No presente, a classe operaria contra a burguesia, os camponeses semi-servos contra os grandes proprietários rurais semi-feudais.

E' ridiculo querer interpretar a historia pela etnologia e antropologia — pela côr da pele, pela forma do cabelo, pela conformação do crânio e outros caracteres semelhantes, mais que secundários e unilaterais.

Martius era um naturalista, mas não tinha base filosofica. Em 1843, fez um trabalho: *Como se deve escrever a história do Brasil.* Cometeu varios erros. Reduziu a história a um apendice da etnologia. Defendeu "teorias" superficiais sobre o papel das raças na história.

Silvio, na *História da literatura brasileira,* criticou Martius, mas ele próprio não se libertou dos mesmos erros. Sustentou que "introduziu na crítica e na história brasileira o verdadeiro princípio etnografico" (tomo 5.º, pag. 259). Elogiou os racistas e suas "teorias" arianas. Deu o dedo à gangrena racista. Exaltou a "admiravel visão genial" do reacionário Gobineau (tomo 5.º, pag. 156). Recomendou charlatanices como a "antropo-sociologia" de Ammon (págs. 158 e 407). Afirmou "a diferenciação originária e a desigualdade nativa das raças" (pag. 407). Escreveu em 1910 que a escola de Le Play une a sociologia à etnografia, e que a escola de Lapouge e Ammon "estabelece no fundo de tudo o elemento raça, que foi sempre a minha velha mania". Erros tremendos!

Desorientado por tantas falsas concepções, Silvio cometeu muitos erros na *Historia da literatura brasileira.* Substituiu a história pela etnologia. Reduziu o indio, o negro e o português a "fatores antropo-etnologicos". Não viu o indio como um fator economico social, membro da comuna primitiva (onde não havia classes) e, depois de 1500, membro da classe dos escravos, explorada e oprimida. Não viu o negro como integrante da classe dos escravos. Não viu o português como o representante da classe escravista e colonialista, exploradora e opressora. Tentou suprimir as classes e a luta das classes na história do Brasil. Erros capitais!

Tais erros têm sido cometidos pela esmagadora maioria dos "historiadores" brasileiros. Daí a necessidade de combate-los com a maior energia.

O Darwinismo. Silvio Romero afundou em absurdos ao tentar aplicar a teoria biologica de Darwin à filosofia, à história, à literatura e à crítica. Não compreendeu que as leis complexas da sociedade humana não são as mesmas leis elementares da natureza bruta. Descobriu uma "filosofia darwiniana" que podia ser aplicada à história, à ciencia social, ao direito, à crítica e à linguistica (tomo 5º, pag. 264 da *História da literatura brasileira*). Sustentou que adotava uma interpretação biológica psicológica da história, à Darwin (tomo 1.º, pag. 55). Afirmou: "A darwinização da crítica é uma realidade tão grande quanto é a da biologia" (tomo 1.º, pag. 45). "A poderosa lei da concorrencia vital por meio da seleção natural, a saber, da adaptação e da hereditariedade, é aplicavel às literaturas" (idem). Verdadeiras extravagâncias!

Sílvio Romero nos obriga a tratar dêsse problema, porque êle defendeu opiniões errôneas. No Brasil, a partir do fim do século XIX, apareceram pretensos "darwinistas" que tentaram aplicar a teoria a tudo. Hoje, porém, quase um século depois da *Origem das espécies,* os "cientistas" brasileiros temem apoiar o darwinismo, devido à pressão do imperialismo, das classes dominantes e dos príncipes da igreja católica. Assim, o problema é digno de ser examinado, embora ràpidamente.

Darwin foi um dos maiores sábios da Humanidade. Criou uma doutrina de essência materialista, que se tornou, segundo Marx, um "fundamento natural histórico" do materialismo dialético. Daí, sua grandeza.

O sábio fez uma longa viagem em 1832. Esteve na Bahia e no Rio de Janeiro, estudando a natureza brasileira. Publicou a *Origem das espécies* em 1859.

Darwin tornou-se um representante da ciência moderna, avançada e progressista. Impulsionou o adiantamento das ciências naturais — a base sólida do edifício do conhecimento. Contribuiu para a interpretação materialista da natureza, tal qual é na realidade.

Em suas obras, Darwin mostrou o desenvolvimento histórico da natureza viva. Revelou todo um encadeamento de processos no seio da natureza. Descreveu a chamada luta pela vida entre os organismos vegetais e animais. Entretanto, essa formulação, segundo Marx e Engels, é defeituosa porque tem um aspecto finalista. A natureza é cega, não tem consciência nem finalidade. Só o homem tem objetivos conscientes.

Darwin elaborou a teoria da origem e evolução dos vegetais, dos animais e do próprio homem. Liquidou as velhas "teorias" sôbre a fixidez, invariabilidade e imutabilidade das espécies. Provou que as espécies vegetais e animais surgiram através de um longo processo de desenvolvimento e transformação, durante milênios, lutando e adaptando-se às condições do meio ambiente que as cercava. Assinalou como certas qualidades são transmitidas aos descendentes, neles reforçadas e, assim, em consequência da adaptação e da seleção natural, surgem novas espécies. Demonstrou que o homem veio dos animais inferiores, o que tem sido comprovado pela moderna paleontologia. Previu a existência de

elos intermediários na cadeia dos antropoides ao homem.

Tais alguns dos aspectos capitais do darwinismo.

Os místicos e os partidários do idealismo filosófico, os clericais e os obscurantistas, inspirando-se na Bíblia, afirmavam que o mundo só tinha 6 mil anos. Afirmavam que Deus criou o mundo, todos os vegetais, animais e o próprio homem, no correr de alguns dias. Lineu, no século XVIII, dizia: "Contamos tantas espécies quantas foram criadas, no comêço, pelo Ser Infinito". Agassiz, no século XIX, sustentava: "Cada espécie é um pensamento incarnado de Deus". Isso não é ciência, é pura teologia!

O sábio Darwin liquidou êsses mitos e provou o contrário: o mundo com os vegetais, os animais e o próprio homem tem uma longa história de desenvolvimento. Hoje, essa história é calculada em biliões de anos.

A princípio, os "críticos" do darwinismo eram místicos que desprezavam as ciências naturais. Depois, os místicos foram estudar as ciências com o fim de "refutar" essa doutrina e torpedeá-la de dentro. Mas, por trás da beca de "cientista", aparece a sotaina do clérigo. Tais são os "biólogos" como Vialleton e tantos outros charlatães. Aceitam a evolução natural, mas sob a influência do sobrenatural. São clericais mascarados de cientistas.

Na biologia, os cientistas têm oscilado entre a mística vulgar e o empirismo grosseiro, entre o vitalismo e o materialismo mecânico. Daí a necessidade do materialismo dialético na biologia e nas outras ciências.

Os místicos e os partidários do idealismo filosófico, os clericais e os obscurantistas atacaram ferozmente a teoria de Darwin e descobriram nela erros imaginários. Na realidade, as falhas reais são completamente outras.

Infelizmente, Darwin, apesar de tôda a sua grandeza, era um contemplativo e não um militante, combatente. Foi estreito e inconsequente. Deixou-se levar pela "teoria" reacionária de Malthus, que condenou a multiplicação da população e preparou o caminho para o racismo. Limitou-se a descrever a metamorfose dos seres vivos e não tratou de transformá-los. Sustentou uma concepção unilateral da natureza, observando apenas a luta brutal, não vendo que, no seio da natureza, existem a colisão e a harmonia relativa, há choques e há também a unidade — a unidade dos contrários. Acentuou a lenta evolução, o desenvolvimento gradual, mas não concebeu a rápida revolução, ignorando os saltos dialéticos na natureza, continuando assim, nesse terreno, a velha "teoria" caduca, segundo a qual a natureza não dá saltos.

No fim da *Origem das espécies,* livro de essência materialista, o divino Criador aparece como uma figura decorativa, destoante e desnecessária, como se se tratasse do último ato da última cena de uma peça burlesca...

Darwin tinha, pois, a estreiteza e a inconsequência do burguês liberal inglês.

A concepção dos saltos, que Darwin ignorou, tem imensa importância. Marx, Engels, Lénin e Stálin provaram a existência e a inevitabilidade dos saltos dialéticos não só na natureza, como

especialmente na história, demonstraram que o processo de desenvolvimento passa de modificações na quantidade, insignificantes e ocultas, a modificações na qualidade, rápidas, súbitas, não graduais, manifestas e radicais, sob a forma de saltos. O filósofo Hegel, na *Lógica,* acentuou a frequência dos saltos, embora sua concepção fôsse idealista. O botânico Hugo de Vries mostrou que as espécies vegetais passam por saltos, variações bruscas e espontâneas, de acôrdo com a teoria das mutações. O físico Planck assinalou que, no seio da natureza, há mudanças por saltos, explosões, de acôrdo com a teoria dos *quanta*. Assim, a vida, a natureza e a história apresentam os saltos rápidos, as interrupções da gradação. Incluem as modificações lentas e as transformações bruscas, a evolução e a revolução. Darwin não o compreendeu.

Sob a influência do capitalismo e da burguesia, a velha ciência limitava-se a descrever aspectos da natureza. Sob a influência do socialismo e da classe operária à frente dos povos libertos do capitalismo, a nova ciência, progressista e revolucionária, transforma e transfigura a natureza, criando novos corpos, tipos, espécies e variedades. Mitchúrin e seus discípulos representam uma superação de Darwin. Não se limitam, como êste, a descrever os seres vivos, e sim tratam de transformá-los, criando novas formas vivas. Marx, já em 1845, nas *Teses sôbre Feuerbach,* acentuava: "Os filósofos não têm feito mais que *interpretar* o mundo de diferentes maneiras, mas, agora, trata-se de *transformá-lo*".

Todos êsses fatos, argumentos e considerações demonstram que a teoria de Darwin só se aplica ao domínio das ciências naturais em geral e da biologia em particular. Não pode ser transplantada mecânicamente para o terreno da vida social. Nada tem a ver com as ciências da sociedade humana. As leis da biologia não podem ser aplicadas à história e à sociologia, onde se dão outros fenômenos e imperam outras leis, infinitamente mais complexos.

Assim, o chamado "social-darwinismo" cai pela base. Nada tem de comum com a ciência em geral e com o darwinismo em particular. É anti-científico e anti-social. É um verdadeiro abôrto, monstro ideológico, fabricado pelos reacionários para tentar justificar a rapina dos abutres imperialistas contra os povos coloniais e dependentes.

Tudo isso prova que Sílvio Romero cometeu erros grosseiros quando procurou aplicar o darwinismo ao domínio das ciências sociais.

Outros aspectos. No terreno da literatura, Sílvio Romero considerou "o lado estéril do realismo a pintura exclusiva de imoralidades cruas" (tomo 5.º, pág. 317 da *História da literatura brasileira*). Dêste modo, confundia o realismo com o naturalismo.

Sílvio foi patriota de fato, mas dizia que o patriotismo é um sentimento anacrônico. Opunha ao patriotismo um vasto desenvolvimento cosmopolita. Êrro total! O patriotismo nega o cosmopolitismo — arma ideológica dos imperialistas norte-americanos contra as aspirações na-

cionais dos povos coloniais e dependentes. O verdadeiro patriotismo une-se, na mais profunda harmonia, ao novo humanismo e ao internacionalismo proletário revolucionário.

Como compreender as falhas reais da obra de Sílvio Romero? Sílvio teve certo contato com o povo, mas era de origem burguesa, filho de um comerciante. De um lado, defendia os interesses gerais do povo, mas, de outro lado, de um modo consciente ou inconsciente, servia objetivamente o desenvolvimento do capitalismo no Brasil e os interesses específicos da burguesia brasileira. Daí, sua situação dupla. Daí, suas debilidades e contradições. Eram as debilidades e contradições da própria burguesia da época, que desejava uma economia e uma política próprias de classe, mas na realidade era fraca, impotente, dominada pelo capitalismo inglês, pela monarquia escravista e a clericalha, e dominada, posteriormente, pelos imperialistas e grandes proprietários rurais semi-feudais.

Conclusão. De qualquer forma, Sílvio Romero foi um intelectual progressista e um trabalhador infatigável. Sua vida e sua obra constituem um notável patrimônio da grande Nação brasileira!

EUCLIDES DA CUNHA

O início. Euclides da Cunha (1866-1909), fluminense, foi engenheiro, pequeno burguês urbano empobrecido. Nasceu numa pequena fazenda de café, em Santa Rita do Rio Negro, Cantagalo, no atual Estado do Rio de Janeiro.

O pai era um pequeno proprietário rural, baiano, filho do Norte. A mãe morreu tuberculosa. Aos 3 anos de idade, Euclides entrou na vida pela porta da orfandade e da amargura. Guardou no coração, a vida inteira, a imagem materna.

A infância foi triste, a rolar pelas casas alheias. Mas a vida tem seu reverso. A criança partiu para Terezópolis e achou-a encantadora. Abriu os olhos à visão imponente da Serra dos Órgãos. Depois, conheceu Nova Friburgo. Viu novas montanhas magníficas. Conservou dêsse lugar, na imaginação fantástica, "a imagem desmesurada de uma quase Babilônia".

Estudou no Rio de Janeiro. Entrou para a Escola Militar, na Praia Vermelha. Via o Oceano Atlântico e a baía de Guanabara, a Urca e o Pão de Açúcar. Paisagens imorredouras. Sempre, na infância e na adolescência, as visões cheias de grandiosidade...

A batalha pela República. A Praia Vermelha é célebre na história do Brasil. Aí se fez

propaganda da República. Aí rebentou a insurreição armada nacional-libertadora de novembro de 1935.

Em 1888, o Brasil era dominado pela monarquia — o regime dos senhores de escravos, mascarado por um Parlamento caricatural. Veio a Abolição. Cresceu o movimento republicano.

Entre os estudantes e os intelectuais, uns se adaptaram à monarquia. Colheram frutos excelentes. Esperaram o 15 de novembro de 1889, deixando para ser republicanos do dia seguinte. E, sob a República, trataram de colhêr novos frutos dourados.

Outros estudantes e intelectuais não procederam como êsses egoistas e oportunistas. Em 1888, Euclides, embora muito jovem, já era republicano. Aluno da Escola Militar, na Praia Vermelha, aderiu a uma demonstração de desagrado à monarquia. Na hora decisiva, os outros alunos recuaram com medo. Euclides, sòzinho, deu um passo à frente, tentou quebrar o sabre, atirou-o aos pés do próprio ministro da Guerra, disse-lhe palavras violentas e lançou-lhe um desafio audaz. Um soldado da República não se curva diante de um lacáio da monarquia!

O rebelde foi enviado à enfermaria como "histérico" e transferido para o Hospital Militar como réprobo. Submetido a Conselho de Guerra, portou-se com bravura. Tomou uma atitude consciente. Fez profissão de fé republicana. Foi dado como louco e expulso do exército. Tinha apenas 22 anos. E, assim, o grande Revoltado entrou na vida pública e penetrou desassombradamente na História.

Pouco depois, num jornal de São Paulo, atacou a monarquia e levantou problemas sociais. Assinava os artigos com o pseudônimo de Proudhon, o libertário. Afirmou, então, estas palavras notáveis:

"O republicano brasileiro deve ser forçosamente revolucionário".

Depois de um século de lutas memoráveis desde o imortal Tiradentes, a 15 de novembro de 1889 a República foi proclamada no Brasil. O movimento teve um caráter meramente militar, sem participação das grandes massas laboriosas. O povo só aderiu depois da vitória. Eis aí um dos fatores da extrema debilidade, inconsequência e falta de democratismo da República.

Em 1889, não houve nenhuma verdadeira revolução, isto é, a conquista do poder político por uma nova classe, avançada, progressista e revolucionária. A máquina do velho Estado bolorento não foi despedaçada. Não se deu a rutura total, violenta e definitiva com o passado morto. Não se travou a luta decidida e decisiva entre os dois campos. Não houve a mudança profunda do sistema econômico, político e social. Houve um golpe armado, compromissos e acomodações. Daí, inúmeras desgraças para o Brasil.

Euclides fôra uma das vítimas da monarquia. Teve pequena reparação. Voltou ao exército. Formou-se em engenharia.

Floriano Peixoto, o presidente da República, mandou chamá-lo e disse-lhe:

— Em vista do seu entusiasmo pela República e da sua recente formatura, o Sr. tem direito a escolher uma posição.

O momento, excelente. Euclides, porém, era um tímido. Além disto, não tinha ambições. Limitou-se, pois, a pedir o que a lei previa para os engenheiros recém-formados: um ano de prática na E. F. Central do Brasil. Nada mais.

Em 1893, rebentou a chamada revolta da esquadra, a "revolução" da Marinha. Na realidade, não passou de um triste golpe armado, reacionário e monarquista, de oficiais da marinha de guerra do Brasil, que queriam a volta ao passado morto. Um dos chefes, Saldanha da Gama, afirmou, então, ao comandante português Castilho, que ia arvorar a bandeira da monarquia, e Custódio de Melo, o outro chefe, aderiria à mesma.

À frente dos republicanos, o Marechal de Ferro afrontou os monarquistas. Nessa ocasião, Euclides, o caboclo fluminense, viu no caboclo de Alagoas uma "tenacidade incoercível, tranquila e formidável".

Em face dos reacionários, Euclides lutou em defesa da República. Uma vez, por excesso de rude franqueza, disse ao próprio Floriano:

— Não sou seu partidário, o Sr. defende a República e eu estou com ela, apenas isto.

Floriano, apesar de ser a mais alta autoridade, foi superior. Encarregou-o de levantar obras de fortificação. Euclides construiu trincheiras no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro. Eram Humaitás de sacos de areia, disse êle.

O senador João Cordeiro, partidário da República, sugeriu que os presos políticos detidos na ilha das Cobras e em outras prisões fôssem asfixiados com cal. Euclides defendia a Repú-

blica, mas tinha horror a êsses métodos. Assim, em fevereiro de 1894, em plena luta, escreveu duas cartas à "Gazeta de Notícias" do Rio de Janeiro, protestando contra a sugestão do senador republicano. Afirmou, então:

"Não temo os perigos das posições definidas".

Em 1894, triunfou a República. Floriano, esgotado, faleceu. O govêrno foi caindo nas mãos dos grandes fazendeiros de café de São Paulo, proprietários rurais semi-feudais, ligados aos capitalistas inglêses. Os filhos das velhas e novas camarilhas "aristocráticas" adaptaram-se à República e obtiveram frutos dourados.

Euclides, porém, nada conseguiu. O inimigo da monarquia era órfão da República. Foi assaltado por pensamentos melancólicos. Sentiu-se isolado. Numa poesia escrita em 1895, no interior de Minas, disse que preferia viver entre as velhas escavações abandonadas pelos mineradores — "as catas desoladas do deserto".

Da primeira vez, em 1888, foi expulso porque era republicano, e o exército de Caxias — um instrumento dos monarquistas. E em 1896? Que havia? Não se adaptava. Sentia-se estranho. Assim, pediu reforma. Saiu voluntàriamente.

Conseguiu trabalho como engenheiro ajudante da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo. Pequeno burguês pobre, viveu vários anos numa engenharia de judeu errante, em viagens penosas pelo interior.

Canudos. Em 1896, em Canudos, no interior do Estado da Bahia, ao Norte do Brasil, os jagunços, isto é, mestiços de índios e negros, camponeses pobres, criaram um Estado camponês em-

brionário, que apresentava sobrevivências da comuna primitiva.

O govêrno de Prudente de Morais recorreu aos métodos mais bárbaros. Mandou quatro expedições punitivas para massacrarem filhos do povo brasileiro. Três delas foram destroçadas pelos camponeses. Finalmente, o exército tomou de assalto a cidadela dos jagunços e exterminou totalmente seus defensores.

Em 1897, Euclides partiu para Canudos, como correspondente de um jornal de São Paulo. Assistiu à luta. Viveu a imortal epopéia dos jagunços. Vibrou diante da grandeza bravia, heróica e selvagem do camponês brasileiro.

O engenheiro andante. No começo do século XX, o capitalismo entrou em sua fase imperialista. Então, o Brasil era dominado pelos capitalistas inglêses que, como sempre, nos roubavam miseràvelmente. Os agentes e aliados dêsses capitalistas eram os grandes proprietários rurais e a burguesia brasileira. O Estado — semi-feudal e burguês. Os governos de Prudente de Morais, Campos Sales & Cia. preocupavam-se com acordos e pagamentos onerosos aos financistas inglêses, que enriqueciam cada vez mais à custa da Nação brasileira e dos povos coloniais e dependentes.

Como na atualidade, os charlatães, os burocratas, os falsos valores penetravam por tôda parte e abocanhavam os melhores quinhões. Muitos intelectuais viviam empestados de academismo e bizantinismo. O povo, na desgraça — embrutecido pelo fetichismo das épocas primitivas

e envenenado pela mística da idade média. Tal o ambiente do Brasil da época.

Nesse ambiente, que era Euclides? Um estudioso, homem de pensamento. Que desejava? Êle mesmo o disse, em 1901:

"Uma vida tranquila, na convivência dos livros".

Mas, que tinha na realidade? Também o disse, nas cartas da época:

"Uma rude tarefa, trabalho duro e fatigante".

Dirigia a construção de obras públicas. Era um engenheiro andante, abaixo e acima. Vivia num grosseiro praticismo, na convivência estúpida de dezenas de empreiteiros, esmagado pelos montes de ofícios e requerimentos, que tinham de ser lidos e despachados.

Assim, Euclides permanecia como técnico obscuro, sem trabalho compensador, sob um regime político cuja defesa o levara ao sacrifício, já em 1888. E, assim, permaneceu até a morte!

Às vêzes, as tarefas que lhe cabiam eram as mais desagradáveis. Por uma ironia da vida, êle que tanto amava a liberdade, foi encarregado de procurar local para um presídio. Era assim na República pela qual sofrera e lutara!

Em novembro de 1901, Euclides trabalhava à margem do rio Turvo. Em que pensava? Num artigo datado daí, planejou a construção de uma ponte sôbre o rio Paraná, em ligação com uma estrada de Jaboticabal, em São Paulo, a Cuiabá, em Mato Grosso. A E. F. Noroeste, inaugurada treze anos depois, nasceu de planos semelhantes. Foi o ponto de partida para a ferrovia que,

através da Bolívia, deverá ir de Santos, no Brasil, a Arica, no Chile, isto é, do Atlântico ao Pacífico. Tais as idéias grandiosas do escritor brasileiro.

O poema épico. Anteriormente, em 1899, Euclides partira para São José do Rio Pardo. Ia dirigir a reconstrução de uma ponte sôbre o rio. O momento ia ser histórico.

Euclides, fisicamente, lembrava certos tipos de índios brasileiros e de povos asiáticos. As maçãs do rosto, salientes, mongoloides. O cabelo duro e liso. Tanto antes como depois dêsse momento, em cartas e dedicatórias aos amigos, acentuava, insistia:

— Sou um caboclo, tapúia, jagunço manso.

Sílvio Romero considerava-o: "um cariri perfeito".

Êsse cariri era um homem simples, sem vaidade. Nervoso e inquieto. Abnegado e desprendido. Tinha horas de arrebatamento. A vida, séria e casta. Não empregava palavras obscenas, não contava historietas galantes, como no seio da "alta" sociedade.

Para êle, tudo se tornava trágico: o amor, a vida, o trabalho. Uma frincha que apareceu na ponte, depois de reconstruida, preocupou-o enormemente.

O caboclo fluminense fundou um Partido Socialista. Em 1901, em São José do Rio Pardo, escreveu o manifesto do 1.º de Maio. Preconizou o combate às "fôrças monarquistas e reacionárias", "a reabilitação do proletário", "a abolição dos privilégios" e "dar a cada um o que cada um merece".

Euclides tinha amor aos homens do povo. Interessava-se por êles. O velho Mateus, o guarda da ponte e participante de sua reconstrução, ia ser despedido. Euclides fez tudo para que o velho trabalhador fôsse mantido. E o conseguiu.

Nas viagens, levava pequenos cadernos, onde tomava apontamentos. Anotava idéias, leituras e impressões.

No período de São José do Rio Pardo, Euclides, auxiliado por um amigo fiel, Francisco Escobar, fez estudos e investigações. Aí, dirigindo a reconstrução da ponte, à beira do rio, à sombra da paineira, na barraca tão pobre, coberta de zinco, escreveu *Os Sertões*. Chamava-o: "livro vingador", "meu pobre e estremecido livro". Devido às dificuldades, chamava-o também: "o meu encaiporado livro".

Foi ao Rio de Janeiro. Vendeu a edição por uma ninharia. Publicou a obra em dezembro de 1902. Data histórica, na manhã do século XX.

A ironia da glória. *Os Sertões* constituem a obra capital de Euclides da Cunha. Com relêvo admirável, em páginas cheias de realismo crítico e romantismo heróico, o autor narrou a história e imortalizou a luta titânica dos camponeses de Canudos.

Euclides ficou apreensivo com o resultado da publicação do livro e inquieto com os erros de revisão. Corrigiu-os pacientemente em cêrca de mil exemplares da primeira edição.

No meio de tantos revezes da vida, teve uma compensação: a glória. Uma glória súbita, imediata. A propósito, Sílvio Romero assinalou:

Euclides da Cunha "deitou-se obscuro e acordou célebre".

Mas essa glória era feita de malentendidos, incompreensões e frases vasias sôbre o esteta e estilista.

Os intelectuais da época não viram o Revoltado. Não notaram os problemas que o preocupavam. Não tiraram as devidas deduções. É que faltavam muitas cousas a êsses intelectuais: uma séria base filosófica, um fundamento científico geral, o conhecimento profundo das ciências naturais, a preocupação pelos problemas nacionais e sociais.

O próprio Euclides assinalou o que o satisfez com a publicação do livro: "O lucro de ordem moral obtido".

Mesmo depois do aparecimento d'*Os Sertões* e da glória súbita, a vida de Euclides não melhorou. O engenheiro andante estudava nos trens e trolis, durante as longas e penosas viagens. Queixava-se aos amigos:

— Uma vida pouco invejável. A atividade, dispersiva. A engenharia, rude e errante, ingrata e trabalhosa.

Não encontrava trabalho compensador, menos exaustivo. Não sabia pedir, mendigar, adular. Dizia, em 1903, que, em nossa terra, para tudo eram necessários o pedido e o empenho, duas cousas que lhe causavam repugnância.

Uma das características da época, segundo o próprio Euclides, era "o filhotismo absoluto, verdadeira idade de ouro dos medíocres". Neste terreno, nada mudou. Hontem, como hoje, os medíocres dominam a máquina do Estado semi-

-feudal e burguês. E como poderia ser de outra forma?

Em 1903, o escritor aceitou a oferta de outra ninharia — 1 conto e 600 mil réis — pela segunda edição da obra.

O encontro com Marx. Em abril de 1904, Euclides atravessou uma situação penosa. Sentia-se desamparado. Procurou seu antigo colega da Escola Militar — Lauro Müller, ministro da Viação do govêrno de Rodrigues Alves. Nada conseguiu. Era preterido pelos burocratas e medíocres felizes. Todos os lugares estavam tomados.

A pobreza e o infortúnio abriram-lhe os olhos. Então, a 1.º de maio de 1904, Euclides escreveu *Um velho problema,* que, depois, incluiu no livro *Contrastes e Confrontos.*

Nesse artigo, o caboclo exaltou o marxismo e acentuou que, com Marx, "o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva".

Euclides acentuou também sôbre o marxismo:

"Nada de idealizações: fatos; e induções inabaláveis resultantes de uma análise rigorosa dos materiais objetivos; e a experiência e a observação, adextradas em lúcido tirocínio ao través das ciências inferiores; e a lógica inflexível dos acontecimentos; e essa terrível argumentação terra-a-terra, sem tortuosidades de silogismos, sem o idiotismo transcendental da velha dialética, mas tôda feita de axiomas, de verdadeiros truismos, por maneira a não exigir dos espíritos o mínimo esfôrço para a alcançarem, porque ela é quem os alcança independentemente da vontade, e os do-

mina e os arrasta com a fortaleza da própria simplicidade".

Euclides salientou também:

"A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital, ainda coligados, os produzem sem o braço do operário. Daí uma conclusão irredutível: — a riqueza produzida deve pertencer tôda aos que trabalham. E um conceito dedutivo: o capital é uma expoliação".

No mesmo artigo, o autor anunciou a vitória dos trabalhadores como um acontecimento inevitável.

Portanto, *Um velho problema* é um documento histórico da literatura brasileira. O fragmento citado é digno de uma verdadeira antologia.

No rumo do Amazonas. Rolaram os meses. O engenheiro não encontrou trabalho compensador. Só achou uma saída que êle formulou assim, no momento:

"O sertão, a picada malgradada e a vida afanosa e triste de pioneiro".

Era um precursor. Tinha o destino trágico e doloroso de todos os pioneiros da terra e da cultura brasileiras.

Afinal, em agosto de 1904, foi nomeado chefe de uma comissão que deveria fazer o reconhecimento das fronteiras do Brasil, no Alto Purus. Os trâmites burocráticos o impediram de seguir logo. Finalmente, partiu. Deixou a família no Rio de Janeiro.

Saltou no Recife. Conheceu o velho João Batista Regueira Costa, o amigo fiel de Castro

Alves, e viu os retratos, autógrafos e as outras relíquias do poeta imortal, guardadas durante tanto tempo.

Dez anos depois, em 1914, no Recife, Regueira Costa falou a respeito a um jovem estudante alagoano. Era o autor destas linhas. Mostrou-lhe as cartas e os retratos de Castro Alves e Euclides da Cunha. Exaltou-os. O velho e o jovem sentiam-se profundamente comovidos, evocando as duas grandezas nacionais. Pouco depois, o velho faleceu, legando ao jovem, como um tesouro, o amor e o carinho pela memória augusta de Castro Alves e Euclides da Cunha.

O escritor teve surpresa com a cidade de Belém do Pará. Aí passou duas horas com o naturalista Goeldi. Partiu para Manáus. Viu as paisagens opulentas, luxuriantes e majestosas da Amazônia. Sua alma encheu-se de admiração, arrebatamento.

O caboclo adaptou-se ao calor humido, ao perpétuo banho de vapor. Fez as pazes com o sol equatorial. Dizia que a atmosfera da Amazônia era feita para os nervos dos poetas e as fibras das palmeiras.

Chegou a Manaus. Teve febre. Levou, aí, uma "vida perturbada e fatigante". Escreveu cartas e tomou apontamentos num batelão em consertos, no meio do barulho estonteador dos martelos.

Que pensava? Um mundo de cousas. Considerava sua vida um "romance mal arranjado". Dizia ter "temperamento singular, feito para

tôdas as dores e para tôdas as alegrias". E aguardava, impaciente, o seu "deserto bravio e salvador".

Reinava a idade de ouro da borracha. A bacanal das classes dominantes ia terminar numa espantosa catástrofe. O dinheiro arrancado à miséria dos seringueiros, era desperdiçado. Manaus, cidade desbragada, "desmandadíssima", girava num turbilhão de loucuras.

Euclides levava uma vida de sofrimentos e preocupações. Ficou quase dois mêses sem notícias da família — a mulher e três filhos. Afetivo e torturado, telegrafou a um amigo. Escreveu a José Veríssimo, pedindo-lhe que visitasse a família: "As minhas quatro grandes e permanentes saudades".

Escreveu novamente ao mesmo escritor, insistindo que visitasse sempre: "As minhas quatro imensas saudades, no retiro onde, idealmente, passo o melhor do meu tempo".

Fez o mesmo pedido ao escritor Alberto Rangel.

Em Manaus, Euclides encontrou dificuldades indescritíveis. Os empecilhos inventados pelos burocratas eram mais poderosos que os obstáculos criados pela natureza. Um dia, triste e desapontado, lançou esta frase amarga:

"Como é difícil o ter-se boa vontade e disposição para servir a êste país!"

Euclides, porém, era forte moralmente. Resistiu. Escreveu de Manaus, a um amigo:

"Certo não se me fraqueará o ânimo: marcharei a pé para o meu objetivo".

E reafirmou em carta ao pai:

"Hei de cumprir inflexivelmente o meu dever".

A epopéia da Amazônia. Euclides perdeu a melhor quadra para subir os rios, devido aos adiamentos resultantes do caráter burocrático e rotineiro da máquina do Estado semi-feudal e burguês.

O caboclo só pôde partir em abril de 1905, na vazante, o pior momento. Partiu para o Desconhecido, entre sentimentos tumultuosos: saudades, esperanças e responsabilidades. Pretendia varar as cabeceiras do rio Purus. A viagem, penosa, arriscada, temerária, exigia grande arrôjo, tenacidade, intrepidez. Mas, numa carta de Manaus, pouco antes da partida, o escritor acentuou nobremente:

"A nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se".

Uma vez mais, Euclides tornou-se um batedor, pioneiro, abridor de picadas — nas selvas, nos desertos e nos domínios da geografia, das ciências naturais e das investigações sociais.

Sua viagem através da Amazônia é mais um poema épico, um novo exemplo de romantismo heróico. Sua luta, um resumo da epopéia dos bravos Nordestinos — os desbravadores da Amazônia.

Euclides e os companheiros encontraram chuvas repentinas e dias de luz gloriosa, entre o caos da terra e das florestas selvagens. Venceram baixios e bancos de areia, catadupas e corredeiras. Foram devorados pelos piuns e carapanãs.

As distâncias, enormes. As canôas, pesadas, impróprias, em lugar das leves *ubás*. Os viajantes avançavam lentamente, três a quatro milhas diárias. Faziam baldeações por terra. Rasgavam os varadouros — trilhas, picadas e caminhos, através dos quais as canôas eram arrastadas pelos homens. Arrastavam-nas sôbre as pedras. Puxavam-nas com cabos, contra a violência das correntezas.

Surda e permanentemente, os índios ameaçavam os invasores de suas terras.

Naufragou o batelão que levava os víveres. Os viajantes ficaram reduzidos a meia ração.

Em maio de 1905, na boca do Chandless, o leito do Purus estava quase sêco. Os barcos ficaram encalhados. Então, Euclides escreveu a um amigo:

"O deserto agarrou-me, covardemente, pelas costas".

Também na vida, um bandido o feriu covarde e mortalmente, pelas costas.

O caboclo, porém, não se dobrava. Acentuava:

"O meu alvitre único: para a frente; mesmo que seja a pé".

Afinal, os viajantes atingiram as cabeceiras dos rios. Era o deserto — o sertão inundado, em contraste com o sertão sêco de Canudos.

Terminava a dolorosa Odisséia. No fim da longa e penosíssima viagem, que viu Euclides?

— A imagem arrebatadora da nossa Pátria, que nunca imaginei tão grande! Os olhos deslumbrados abrangiam três dos maiores vales da terra...

"À Margem da História". Euclides nunca pensara que o Brasil fôsse tão vasto. Voltou a Manaus e, depois, ao Rio de Janeiro. Findou vitoriosamente a sua "batalha obscura e trágica com o deserto".

Prestou serviços à geografia, à história natural e à solução pacífica das questões de fronteiras. Escreveu sôbre a Amazônia *À Margem da História,* publicação póstuma. Preocupou-se nela com problemas nacionais e sociais. Em páginas de um notável realismo, descreveu e denunciou a tragédia dos seringueiros — na maioria mestiços de índios, que trabalham como servos endividados, vítimas do pré-capitalismo nos seringais da Amazônia.

Na mesma obra, traçou o plano de uma cruzada contra as sêcas do Nordeste. Desenvolveu a idéia de uma estrada de ferro na região do Amazonas, a Transacreana, ligando as zonas fronteiriças do Brasil, do Peru e da Bolívia. Planejou outra ferrovia, que unisse o Atlântico ao Pacífico — o pôrto de Santos, no Brasil, ao pôrto de Arica, no Chile.

Euclides pretendia escrever o novo "livro vingador" — *Um paraíso perdido,* para "vingar a Amazônia maravilhosa de tôdas as brutalidades das gentes adoidadas" que a têm maculado.

A incerteza da vida. Voltando ao Rio de Janeiro, Euclides não encontrou, no lar, o que esperava. Sentia-se estranho. Além disto, foi atacado pelo paludismo que trouxera da Amazônia. Vivia entre os mapas que estudava, os relatórios que preparava, as receitas dos médicos, as amarguras íntimas e os "infinitos cuidados".

Apesar de tudo isso, abstraiu-se de suas dôres e escreveu numa carta, em 1906: "O Brasil merece tudo".

Mas o ambiente era mesquinho. Dizia êle, então:

"Há tanta cousa grande a fazer, e lá estão os homens a destrinçarem fios de linha".

O ganhapão, incerto. Euclides pensou em voltar à Amazônia. Queria reatar o seu duelo trágico com o deserto. Afirmava ter "um belo destino de caçador de perigos". E só encontrava tarefas penosas.

Pretendiam enviá-lo a demarcar os limites do Brasil com a Venezuela ou fiscalizar a construção da E. F. Madeira Mamoré, onde cada dormente custou a vida de um trabalhador. Teria morrido por lá, estùpidamente. E que o aguardava, ficando no Rio de Janeiro?

Eleito para a cadeira de Castro Alves, foi recebido por Sílvio Romero na Academia Brasileira de Letras. Do mesmo modo que Sílvio, aí sempre foi um deslocado — a negação do academismo. Não podia deixar de menosprezar a Academia. Numa carta, em 1907, disse que ela realizou uma cousa assombrosa: trabalhou — fez uma reforma da ortografia, abôrto, enormidade.

Em face da Rússia. Euclides publicou *Contrastes e Confrontos*. Fez uma conferência sôbre Castro Alves, em São Paulo.

Já em 1907, em *Contrastes e Confrontos*, o autor assinalou que a Alemanha do kaiser se isolava, perenemente ameaçadora.

Na mesma obra, falando sôbre a guerra russo-japoneza, apesar de certas incompreensões,

Euclides afirmou que nenhum país como a Rússia "é mais apto a garantir a marcha, o rítmo e a diretriz da própria civilização européia".

Euclides acentuou também: a Rússia será "o guarda titânico invencível de tôda a civilização européia".

Palavras proféticas — sobretudo a partir de 1941, da luta da Rússia democrática e socialista em prol da civilização mundial, contra as agressões da Alemanha hitleriana e do Japão imperialista!

A instabilidade da vida. Em 1907, o escritor considerava-se um maravilhado diante de tudo.

Em carta a Alberto Rangel, falou sôbre a "nossa rude e formosíssima terra" e "a magnífica sinceridade de nossa robusta alma brasileira". Disse-lhe que escrevesse um livro antítese do *Inferno Verde,* encarando a Amazônia com otimismo.

Mas o caboclo levava uma vida atropelada. Tinha horas de "tristeza de bugre", de "melancolia irremediável". Trabalhava extraordinàriamente.. Via-se preterido pelos "felizardos vadios".

Falava sôbre o Brasil e o Peru como "países tão cheios de terras, tão vasios de homens". Até hoje, tôda a América Latina é assim: cheia de terras, mas despovoada, vasia de habitantes e ainda mais vasia de homens, porque é dominada pela estupidez dos lacaios dos imperialistas, grandes proprietários rurais e burgueses que impedem o desenvolvimento de tôdas as fôrças vivas das nações.

Em 1908, Euclides dizia ter aberto uma picada, levando o espírito nacional para outros rumos. Assinalou, então, seu desprêzo pelos politiqueiros que dominavam o país. E acentuou dois aspectos da alma brasileira: "a inteligência do Sul, mais bem aparelhada de um conceito orgânico da realidade; e a fantasia poderosa dos nortistas, de onde lhes advém, essencialmente, o gênio poético incomparável".

Mas a vida do caboclo era sempre penosa. Os dias, tristes e fatigados. O velho paludismo da Amazônia não o largava. Cresciam as amarguras íntimas.

Olhava em tôrno. Sempre preterido. Assinalava:

"Eu que já rompi 500 léguas de desertos, vejo na minha frente os que até hoje só realizaram expedições nos gabinetes dos ministérios!"

Tal o Brasil de 1908. Tal o Brasil atual, sob um regime social que, na essência, não mudou.

Como era a vida de Euclides? Êle próprio o disse, em 1908:

"A vida triste dêste caboclo malcriado e teimoso no seguir uma linha reta no meio das contorsões e tortuosidades dos canalhas felicíssimos que o rodeiam".

Em 1909, baseado na própria experiência, concluia:

"As mais altas posições andam ao nível das maiores mediocridades no Brasil".

Era assim no passado. É assim no presente. E se-lo-á, enquanto não houver a mais profunda

transformação revolucionária do sistema dominante, com a libertação nacional e social do Brasil.

No Itamarati. O Ministério das Relações Exteriores sempre teve um ambiente falso e artificial. Sempre foi um paraíso da mediocridade dourada, um centro de elegância e afetação. Sempre cheio de burocratas, parasitas e sub-literatos. Antes, fazia a política dos capitalistas inglêses, agora faz a infame política dos imperialistas norte-americanos.

No Itamarati, Euclides trabalhava exaustivamente, mas não tinha cargo fixo. Era um vago cartógrafo, um pobre adido ao Ministério. Falava sôbre sua "triste profissão". Queixava-se de não ter posição definida. Acentuava: "minha triste agitação de servo amarrado pelas linhas geográficas à gleba dos papeis de uma secretaria".

Era um engenheiro à disposição, numa situação dolorosa. Viveu de espectativas durante anos. Falou três vêzes com o próprio Rio Branco. Inùtilmente. O ministro conservou-o assim, queria-o assim. Nunca o tornou efetivo. É que Euclides, trabalhador capaz e infatigável, mas desajeitado e desengonçado, não se adaptava ao Itamarati. E como o poderia? O ambiente tinha as falhas mais profundas, mesmo no tempo de Rio Branco. No Itamarati de dandis, esnobes e parasitas, não havia lugar para um Euclides da Cunha...

A tragédia. Começou o ano de 1909. Euclides, cheio de pensamentos e sentimentos melan-

cólicos, não encontrou outra saída a não ser deixar o Itamarati. Preparou-se, em condições difíceis, para um concurso à cadeira de lógica no Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II. Que queria? Disse-o claramente:

"Dar uma estabilidade à vida".

Fez o concurso. Nomeado professor de lógica, deu sòmente dez aulas. Foi professor durante vinte e poucos dias. Apenas. Tal a "estabilidade" de sua vida, na instabilidade geral que sempre caracterizou o país.

O esfôrço tinha sido enorme. O cérebro estava fatigado. Os nervos, esgotados. A mãe morrera tuberculosa. Vieram os escarros de sangue, a hemoptise e a febre. Chegou o depauperamento, a miséria orgânica — a moléstia geral dos brasileiros. E irmã inseparável da miséria orgânica — a pobreza. Pauperização e depauperamento. Dizia êle numa carta, a 5 de julho de 1909:

"Continuo a ser o mesmo heróico pobretão de sempre".

A vida, cada vez mais penosa. Em casa, seus apontamentos eram rasgados. O dinheiro e os livros desapareciam. A mulher, também. Nunca o amara. Fôra seduzida por um aspirante do exército. Abandonara o lar por uma casa num subúrbio do Rio de Janeiro, na estação de Piedade.

Era na manhã de um domingo chuvoso, a 15 de agosto de 1909. Euclides foi falar com a espôsa. Encontrou o sedutor. Embateram-se. O Don Juan, atirador certeiro, pérfido e cínico,

assassinou covardemente pelas costas um dos maiores filhos do povo brasileiro!

A impunidade. Em outro país, onde houvesse justiça, o assassino teria sido condenado à pena máxima, porque é absolutamente inadmissível que um indivíduo levante o braço para destruir um patrimônio moral e intelectual da Nação. No Brasil, porém, sob um regime de reacionários, não se deu assim.

No dia do julgamento, o criminoso entrou com sobranceria no pretenso tribunal. A tragi-comédia já estava bem encenada. Havia doze jurados, dos quais seis "garantidos".

O promotor público — Pio Duarte, teria de cumprir o dever, fazendo a mais séria acusação. Em lugar disto, representou o mais triste papel: lançou frases vasias, fez concessões vergonhosas à defesa e forneceu-lhe argumentos.

O advogado Evaristo de Morais agradeceu ao promotor os bons serviços que acabava de prestar e defendeu o réu negando os princípios morais e sociais mais elementares. Disse êle que é admissível o adultério "desde que o seu responsável tenha pouca idade" e que "o adolescente nunca é imoral nem moral, mas simplesmente amoral". Desta forma, Evaristo de Morais defendeu o infame assassino de Euclides da Cunha, em nome do adultério e da amoralidade!

Outro advogado falou, pedindo a absolvição do réu como "um nobre elemento social", honra da sociedade dominante.

Competia, então, ao promotor público mostrar tôda a hediondez do crime e escalpelar implacàvelmente a podridão das "teses" da defesa.

Em lugar disto, alegou que fazia "um sacrifício", estava cansado e doente. Suprema vergonha, o promotor recusou usar da palavra para a réplica.

Queriam condenar o réu a seis anos de prisão, grau mínimo, pena ridícula. Mas o "tribunal", por um triste voto de Minerva, absolveu o assassino de Euclides da Cunha!

E assim terminou essa farça infame. A sociedade dominante, semi-feudal e burguesa, podre e corrompida como os seus "tribunais", era digna do réu. Via nele um dos seus "homens representativos".

O criminoso tirou suas conclusões. Achou que tinha a liberdade de cometer quantos crimes quizesse. Anos depois, matou o filho de Euclides, que tinha o mesmo nome do pai. Ficou novamente em liberdade. Caluniou a memória do grande morto, várias vêzes, em jornais e publicações. Em 1924, depois da insurreição armada de São Paulo, comandou fôrças mercenárias do govêrno, malbaratou os dinheiros da Nação e perseguiu os revoltosos na região do rio Paraná. A reação e a contra-revolução sempre utilizam semelhantes criminosos para tarefas tão vis.

A memória augusta. Euclides da Cunha foi um pequeno burguês que se inclinou sempre para a alma popular. Exerceu várias profissões, mais ou menos incertas. Sua vida, instável. Sua obra, em grande parte fragmentária. Foi por acaso e entre acasos, tirando partido das próprias dificuldades, que escreveu seus livros.

Mas, nesse acaso, existia uma invencível necessidade histórica.

Euclides foi sempre um inadaptado, desajustado. Viveu sempre à procura de um trabalho e emprêgo condignos. Nunca o encontrou.

Sua vida, tôda uma série de revezes, terminando numa tragédia horrível. Foi uma figura esquiliana, tipo de Prometeu.

Euclides era um forte, mas fracassou. Era um engenheiro notável, mas não encontrou ambiente para realizar uma vasta obra nesse terreno. Poderia ter sido um militar de valor, mas também não encontrou ambiente propício. Fracassou como funcionário do Itamaratí. Fracassou em sua vida íntima, de esposo. Foi um eterno deslocado. E como poderia ter sido de outra fórma, no Brasil do começo do século XX?

Assim, a causa dos revezes de Euclides deve ser buscada nas miseráveis condições da época, e não na "neurastenia" e "explicações" que nada explicam.

Certos "estudiosos" acusam Euclides de ser inconsequente e de ter um caráter difícil. Não vêem linha reta na vida do escritor. Explicam pelo "destino" o seu fim trágico. Abstraem-se das características do regime e da sociedade da época. Nada de nada compreendem!

As classes dominantes de Portugal e da Espanha deixaram que Camões e Cervantes vivessem e morressem na miséria, no abandono e infortúnio. As classes dominantes do Brasil desampararam em vida Euclides da Cunha e nada fizeram pela sua memória, a não ser auxiliar os caluniadores. Para essas classes em decadência, a vida e a obra

de homens geniais não têm significação de espécie alguma.

Mas a Nação brasileira não fará assim. Guardará carinhosamente a memória imortal de Euclides da Cunha. Sua vida é um nobre exemplo. Sua obra é um dos grandes marcos da literatura nacional e um rico patrimônio do povo brasileiro!

O Revoltado. Nós, verdadeiros patriótas e humanistas, democrátas e revolucionários, reivindicamos carinhosamente a memória augusta de Euclides da Cunha. Foi um escritor progressista e um grande Revoltado. Protótipo da Rebeldia, da veemencia e da indignação, contra o abandono da terra e do povo do Brasil. Homem de tempera, caráter, energia moral. Batedor e pioneiro. Batalhador e sofredor. Fonte inspiradora de sentimentos patrióticos e humanistas. Feixe de nervos, vibrando como uma harpa eólia. Alma pura e nobre, ingenua e tímida, heróica e arrebatada. Alma sonhadora e visionária do futuro. Alma de caboclo brasileiro.

Sua vida foi uma batalha incessante, um canto heróico e, ao mesmo tempo, um lamento, queixume, elegia.

Euclides acentuava:

"Só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados".

Foi um amigo fiel, padrão de amizade. Sentia amor pelos simples homens do povo. Descreveu a vida trágica e exaltou a grandeza dos trabalhadores anonimos e obscúros, em páginas cheias de glória perene, iluminadas pelo realismo e o romantismo heróico. Tinha uma alma de apaixonado da natureza. Foi um poeta da natureza

brasileira, como Alencar e Castro Alves. Não ficou entre quatro paredes como uma traça erudíta, rolou através do país, estudando-o. Preocupou-se com os problemas nacionais e sociais do Brasil. Sentia um amor profundo pela terra brasileira. Dizia ser um "filho da terra e perdidamente enamorado dela".

Euclides travou um duélo com o deserto, os sertões — venceu-os, dando-nos um livro épico. Travou um duélo com o outro deserto, as selvas da Amazonia — triunfou, legando-nos páginas notáveis. Travou uma batalha com a vida e os homens — e foi vencido.Pereceu num duéio trágico, vítima de um sistema social atrasado. Mas algo ficou: sua obra e seu exemplo.

Semelhante ao mandacarú dos sertões, ficou de pé, quando, em torno, os homens oscilavam. Como o juazeiro, abriu-se em folhas virentes e flores douradas, quando o país se estiolava, prisioneiro de um sistema bárbaro...

"OS SERTÕES" DE EUCLIDES DA CUNHA

Aspectos Gerais. *Os Sertões* de Euclides da Cunha constituem uma obra clássica da literatura brasileira, monumento da literatura do continente americano — ode sublime à luta dos camponêses de Canúdos, canto heróico, telúrico e popular, grandioso poema épico nacional sobre uma epopéia do povo brasileiro.

O próprio autor considerava a obra um "poema de heroismo e brutalidade", "monstruoso poema de brutalidade e força".

Ilion, a Tróia antiga, teve o seu poeta. A Tróia Negra dos Palmares não encontrou o seu cantor. Mas a Tróia dos camponêses de Canúdos teve o seu Homéro.

No terreno filosófico, o livro *Os Sertões* tem uma tendência materialista e não idealista (espiritualista). Baseia-se na natureza e não no sobrenatural. Procura orientar-se pela ciencia e não pela teologia. Apoia-se no estudo diréto da realidade viva e não na fantasia abstráta, entre quatro paredes. Condena a mística dos jagunços e a dos missionários cristãos e católicos.

No domínio histórico, político e social, a obra de Euclides da Cunha denuncia a campanha de Canudos como um crime "na significação integral da palavra". E' um libélo, grito de protesto, veemente e indignado, contra os bárbaros métodos empregados pelo governo e suas forças armadas contra as populações primitivas e abandonadas no interior do Brasil.

Canúdos é uma página épica, demonstra o heroismo e a grandeza dos jagunços. E é uma página vergonhosa, mostra a infamia das classes dominantes do Brasil — incapazes de civilizar o povo, capazes apenas de massacrá-lo.

No terreno político, o livro faz críticas tremendas. Afirma, por exemplo: "a guerra é uma cousa monstruosa e ilógica em tudo". A guerra tem "todos os estígmas do banditismo original".

São palavras de enorme importância na atualidade, em que o imperialismo norte-americano prepara uma guerra de agressão aos povos que tiveram a audacia de libertar-se do capitalismo.

No domínio artístico e literário, a obra foi inspirada pelo realismo crítico e o romantismo heróico. Denuncía os crimes da sociedade dominante e glorifica a luta dos simples homens do povo.

Euclides não se deixou levar pelo sexualismo nem pelo naturalismo. Viveu voltado para o Brasil, e não para Portugal, nem para uma Grécia artificial, nem para a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Escreveu um canto heróico da terra e do povo. Foi um grande paisagista-pensador. Empregou imagens inspiradas pela visão direta da própria terra. Recorreu a expressões populares. Traçou quadros trágicos, sombrios e macábros. Era um poeta e um visionário. Tinha a imaginação fantástica. Amava o grandioso e o descomunal. Sofria de titanismo. Era um titã como Prometeu.

Nós, verdadeiros patriótas e humanistas, democrátas e revolucionários, reatamos a cadeia da tradição, continuamos dialéticamente a tradição dos grandes intelectuais brasileiros como Euclides da Cunha.

Euclides teve certos pontos de contáto com Castro Alves. Em ambos, palpitam o realismo, o romantismo heróico, a alma épica, o humanismo, os problemas sociais, as tendências progressistas, os temas de importância geral, o sentimento nacional, o interesse pelo Norte e Nordeste. Nesse sentido, Euclides continuou a obra de Castro Alves. Mas existem contrastes entre ambos. Euclides era um poeta em prosa. Tinha preocupações científicas. O lado lírico, nele, passava para o segundo plano e o lado épico ressaltava a cada momento.

Euclides partira para Canúdos num estado de espírito nada favorável aos jagunços. E' que refletia a opinião corrente. Mas, diante dos rebeldes, foi iluminado pelo realismo espontaneo, pela objetividade, pela própria honestidade e por outras qualidades morais que o caracterizavam. Por isso, chegou a conclusões opostas — o que é mais uma vitória do realismo.

Devido às razões mencionadas, Euclides não ficou "apolitico". Tomou partido, colocou-se ao lado dos jagunços e pintou o quadro grandioso, épico e titanico da luta desses camponêses.

O caso de Euclides lembra um tanto o de Balzac. Subjetivamente, o escritor francês era partidário da aristocrácia, mas objetivamente, orientado pelo realismo crítico, pintou essa classe em quadros negros. O resultado objetivo tornou-se o contrário do subjetivo.

Euclides era um eterno insatisfeito — o oposto do filisteu. Nunca estava contente com a própria obra. Sempre a retocava. No ano da morte, dizia: "Até já nem abro *Os Sertões* porque fico sempre atormentado, a encontrar imperfeições a cada passo". E acentuava sobre o livro: "Hei de consertar isso por toda a vida".

O gramático João Ribeiro achava que *Os Sertões* não passavam de um romance infiel à verdade dos fatos. Foi rebatido esmagadoramente. O geólogo Branner admirou a obra. Jaurès, o lider socialista, considerava Euclides da Cunha o escritor mais caracteristica e profundamente nacional.

A natureza. Euclides fez uma tentativa de explicação da geografia e da geologia do Brasil.

Procurou dar um quadro da origem do interior da Bahia. Mostrou a história da terra de Canúdos, em visões épicas e grandiosas.

O poeta invadiu os domínios da geologia. Falou sobre o martírio da terra brutalmente golpeada pelos elementos desencadeados. Estudou as sêcas e seus ciclos, mostrou a possibilidade de prevê-las e, portanto, de tomar medidas de defesa, com a necessaria antecedência. Deu relêvo à paisagem. Como um paisagista rico de colorido, pintou quadros cheios de vida e côr e movimento. Descreveu os belos fenomenos da natureza do Norte. Cantou o épico da tormenta nos sertões, em março. Traçou uma página de pintor realista sobre as caatingas — a luta pela vida, a batalha darwiniana por entre os espaços candentes e os terrenos sêcos, ásperos e duros. Nas matas, o vegetal instintivamente busca o sol, ao passo que, nas caatingas, evita o sol.

Existia um acorde, harmonia, consonância entre a alma dolorosa de Euclides e o sertão trágico, épico, torturante. A dor e a solidão de Euclides na dor e na solidão dos sertões...

Os homens do povo. Euclides estudou, no livro, toda uma galeria de tipos. Assinalou o heroismo dos filhos do povo. Mostrou que o Homem brasileiro é um bravo que luta sózinho, abandonado e, cheio de grandeza, trava uma batalha ferozmente desigual contra forças imensas coligadas. Caracterizou os vaqueiros dos sertões como sérvos dos fazendeiros. Chamou-os rudes patrícios indomáveis, titãs potentes e acobreados. Lembrou que os vaqueiros, cedo, encaram a existência pela sua face tormentosa, a vida torna-se para eles

uma luta desigual, um combate sem tréguas. Apontou nos caboclos a ingenuidade, o heroismo e a lealdade levada até o sacrifício. Apresentou os jagunços como retardatários, mas não como degenerados. Fez descrições de brilho e relevo extraordinários como a do estouro da boiada.

A epopéia. As páginas mais importantes d'*Os Sertões* tratam da luta de Canúdos, em 1896-1897.

Canúdos, no interior da Bahia, ao Norte do Brasil, era um labirinto de cinco mil casébres, habitados pelos jagunços, isto é, por índio-negros. Constituia um Estado camponês, primitivo, embrionário, com autoridades próprias. A economia, agricola e pastoril, baseava-se no cultivo da terra e na criação de cabras. Apresentava sobrevivências da comuna primitiva — a "comunidade absoluta da terra, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos das culturas", diz Euclides. As casas e objetos móveis eram de apropriação pessoal. Os recém-chegados entregavam à comunidade 99% do que traziam.

Antonio Conselheiro foi o chefe nominal de Canúdos. Sua família, Maciel, de vaqueiros e pequenos criadores do Nordeste, andou em choques violentos com a família Araújo, donos de latifúndios e grandes boiadas. Exterminaram-se mutuamente. Um tio de Antonio Conselheiro foi homem de grande bravura. O problema é colocar essa bravura dos camponêses a serviço de uma causa justa, a revolução agrária, e não de vinganças de família.

Em Canúdos, por trás do chefe nominal, um grupo de homens do povo mantinha a ordem inal-

terável. O uso da aguardente era grave delito. Entre os jagunços, houve muitos casos de nobreza moral.

Determinadas condições sociais prepararam o surgimento e a luta de Canúdos. O ambiente estava saturado de sobrevivências feudais. Os vaqueiros e os pequenos criadores sofriam a exploração e a opressão dos grandes fazendeiros de gado e outros proprietários rurais. A vida dos homens do povo era toda uma cadeia de revezes e amarguras.

Chegaram os propagandistas como Antonio Conselheiro. Pregaram a rebelião contra o sistema social dominante e contra os novos impostos. Mandaram queimar as táboas com os editais para a cobrança desses impostos. Prégaram o fetichismo de mistura com a mística da idade média. O povo encheu-se de esperanças, desejava melhorias na terra e a bemaventurança no céu.

Vaqueiros e pequenos criadores instituiram um sistema social baseado economicamente em restos da comuna primitiva. Desejavam a liberdade. Aspiravam a uma vida simples, na quietude dos sertões. Queriam um Estado próprio, embora primitivo, livre da exploração e da opressão.

O governo e as forças armadas nada permitiram a esses camponêses. Enviaram contra eles quatro expedições punitivas. Atacaram com os canhões os homens do povo — a rocha viva da nacionalidade.

Os jagunços eram duas vezes "criminosos" — por ser retardatários e por defender o lar invadido. Eram retardatários porque foram deixados

ao abandono pelas classes dominantes. Deveriam tornar-se "civilizados" a pranchadas e coronhadas, pela força dos canhões Krupp e das metralhadoras Nordenfeldt...

Começou a matança monstruosa de brasileiros. O exército de Caxias e a polícia de gendarmes fizeram o papel de Cains, trataram os irmãos como inimigos, metralhando-os e bombardeando-os.

Os soldados do exército e da polícia que foram lançados contra Canúdos eram, em grande parte, filhos do Norte, fetichistas e místicos como os jagunços. Tinham as mesmas superstições. E iam combater a barbaría...

O descalábro era geral nas forças armadas, sem comando nem disciplina. Combatiam durante longas horas e, no final, não avançavam sequer um palmo.

Uma expedição punitiva de 30 praças foi desbaratada em Massete pelos jagunços. Outra expedição punitiva, de 80 praças, chegou a Serrinha, mas recuou "estratégicamente", teve medo de aventurar-se pelo sertão a dentro. A expedição punitiva do major Febronio de Brito era composta de forças do exército e da polícia. No segundo combate contra essas forças, os jagunços tiveram mais de 300 mortos. A expedição teve apenas 4 mortos e 30 e tantos feridos, mas, "heroicamente", também bateu em retirada estratégica...

Euclides da Cunha cantou a epopéia nas páginas imorredouras d'*Os Sertões*.

Os camponêses-jagunços eram tenázes e intrépidos titãs bronzeados. Conseguiram obter a coordenação dos esforços e a mais perfeita confor-

midade de vistas no sentido do objetivo central — repelir a invasão. Armaram-se com o que puderam — parnaíbas e facas de arrasto, espingardas pica-pau e clavinotes boca de sino. Receberam carabinas, fornecidas involuntàriamente pela terceira expedição punitiva, e munições fornecidas pela quarta. Formaram tropas de choque, com seus bravos comandantes. Não travaram uma luta regular. Desencadearam a guerra de guerrilhas, de canseira, usúra, desgaste. Recorreram à tática de recúos, negaças e tocáias. Recuavam negaceando. Desalojados de um ponto, agarravam-se a outro. Batidos, não se deixavam esmagar. Vencidos, eram invencíveis. Desarmados, desprezavam o exército e chamavam-no: — Fraqueza do governo!

Em Uauá, mais uma vez, empenhou-se o combate desigual. Os camponêses opunham um disparo de velho clavinote a cem tiros de Comblain. Desembainharam o facão e travaram a luta corpo a corpo. As tropas do governo fugiram vergonhosamente.

Os prisioneiros ficavam estóicos, inquebrantáveis — eram sumàriamente degolados. As forças armadas do governo transformaram Canúdos numa enorme xarqueada, matadouro anti-humano. A dególa e o destripamento, os métodos habituais dos "civilizadores", eram "tácita e explicitamente sancionados pelos chefes militares", afirma Euclides.

No final, Canúdos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento total. Seus últimos defensores foram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, que se

defenderam desesperadamente e tombaram na luta contra cinco mil soldados do exército e da polícia.

O cadáver de Antonio Conselheiro estava hediondo, em putrefação. Foi degolado, e a cabeça conduzida para o litoral, como a do Zumbi, o chefe do Quilombo dos Palmares.

Os jagunços eram fortes e não fracos. O exército de Caxias venceu-os devido a uma série de razões. Estava melhor armado. Tinha bases de abastecimento. Era sustentado pelos governos federal e dos Estados. Os jagunços travaram uma batalha terrivelmente desigual. A vitória nada prova a favor das forças armadas do governo. Há grandeza em muitas derrotas.

De qualquer modo, a experiência de Canúdos está cheia de ensinamentos para os camponêses do Brasil, em suas grandes lutas pela revolução agrária.

Tal a batalha descrita nas páginas imortais d'*Os Sertões* de Euclides da Cunha.

As falhas. Apesar de toda a sua grandeza, Euclides da Cunha tem uma série de falhas. Não ultrapassou o materialismo científico naturalista. Não compreendeu o materialismo dialético e o materialismo histórico de Marx e Engels.

N'*Os Sertões,* Euclides citou Hartt e Martius, Taine e Gumplowicz, Buckle e Huxley. Nenhum deles poderia prestar um auxílio real na formação ideológica do escritor brasileiro. Hartt foi apenas um especialista em geologia e estudos correlátos. Martius misturou as ciencias naturais com a Bíblia e o protestantismo. Taine foi desorientado pelo positivismo. Gumplowicz afundou nas mais grosseiras "teorias" racistas. Buckle não

superou o determinismo geográfico, tentou fazer dos fatores como o clima a força motriz da história. Huxley não ultrapassou o materialismo inconsequente dos naturalistas, foi materialista espontâneo nas ciencias naturais e agnóstico-eclético na filosofia.

Euclides fez esforços nobilíssimos, mas sua filosofia era falha e sua base científica insuficiente. As miseráveis condições da época no Brasil e a própria vida incerta, errante e precária do escritor impediram que ele elevasse o nível cultural à devida altura. Foi desorientado por Comte e Spencer, Buckle e Gumplowicz. Sílvio Romero, na *História da literatura brasileira*, acentua que os estudos de Euclides "não passaram de idéias gerais históricas e sociológicas, tomadas a Buckle, Tarde, Gumplowicz e o indefectível Comte". Uma lástima!

Essas e outras falhas ideológicas não podiam deixar de acarretar uma série de erros.

N'*Os Sertões*, Euclides não atingiu as sínteses. Viu apenas os contrastes e as oposições polares. Saltou de uma antítese para outra. Contrapôs o sertão ao litoral, a sêca ao tempo das chuvas. Opôs, no vaqueiro, a extrema apatia à extrema agitação. Não viu as gradações, passagens e transições de um estado para outro. Ora, a realidade é muito mais complexa que se imagina.

Euclides perdeu-se na geografia e na etnologia, em vez de aprofundar a economia e a sociologia. Divagou através de categorias geográficas que "criam" diferenciações étnicas. Tentou interpretar a história do Brasil pela geografia — o

contráste entre o sertão e o litoral — quando a geografia, por si mesma, não póde explicar a história e só tem valor ligada e subordinada aos fatores economicos, políticos e sociais. Estudou a variabilidade do meio físico e seu reflexo na história. Escreveu que a disposição das montanhas no Sul do Brasil libertou os habitantes da preocupação de defender o litoral. Assinalou o martírio do homem nos sertões como refléxo do martírio secular da terra, quando é, principalmente, refléxo da exploração e da opressão dominantes. Tentou explicar a penetração no interior do Brasil pelo curso do rio Tietê, sem compreender que a correnteza, por si própria, nada póde explicar, pois no Tietê a penetração realizou-se de acordo com ela, enquanto no Amazonas e no São Francisco foi-se realizando contra a correnteza. Alem disto, esqueceu que a penetração dos Bandeirantes teve raizes economicas — a busca do ouro e das pedras preciosas, a venda e escravização dos índios.

Tais os erros resultantes do determinismo geográfico.

Euclides sustentou com razão que o sertanejo não é um degenerado. Mas não compreendeu que o sertanejo se atrasou, ficou retardado, devido ao sistema social com suas principais características: 1.ª a dominação colonial estrangeira — portuguêsa, inglêsa, norte-americana; 2.ª o pre-capitalismo, isto é, o escravismo até 1888 e as sobrevivências feudais até o presente. Em razão dessas causas principais é que os métodos sempre foram primitivos, o trabalho não teve jamais a devida recompensa e a terra ficou sáfara, abandonada.

N'*Os Sertões*, Euclides tambem tentou explicar a história do Brasil pela etnologia — a luta das raças. Sustentou que "todo homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence". Portanto, suprimiu os fatores economicos e sociais do desenvolvimento histórico.

Euclides cometeu grave erro ao sustentar as "teorias" racistas. Declarou: "A mistura das raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial". Numa carta a Araripe Junior, em fevereiro de 1903, afirmou: "Sou um discipulo de Gumplowicz". Levou a sério esse charlatão. Assinalou que o embate das raças é a força dominadora da história. Sustentou "o belo axioma" de Gumplowicz, segundo o qual a luta "eterna" pela vida das raças é "a força motriz da história" (pág. 110 da 5.ª edição). Acentuou em Nota Preliminar, datada de 1901:

"A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes".

E' o mais vulgar social-darwinismo, que nada tem de comum com a ciência e com o verdadeiro darwinismo. A civilização avançará nos sertões do Brasil impelida pela implacável luta das classes, pelos combates das grandes massas populares, pela revolução agraria e anti-imperialista, que se desenvolverá transformando-se em revolução socialista. Esta é a perspectiva real e não a que Euclides traçou.

O Brasil é um país de mestiços. O caboclo, curibóca, mameluco nasceu do índio e do branco. O mulato — do negro e do branco. O cafuz, o jagunço — do índio e do negro. Num país semelhante, Euclides não compreendeu o problema dos mestiços. Escreveu que se trata de decaídos, quase sempre desequilibrados, seres frágeis, irrequietos, inconstantes, "feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida".

São frases vasias e nada mais. E' um fato que existem mestiços sadios e mestiços doentes, avançados e retardados. Há mestiços retardados, devido a razões economicas e financeiras, políticas e sociais, e não devido à pretensa "fatalidade das leis biológicas". São retardatários, mas não decaídos nem degenerádos.

Na opinião de Euclides, o mestiço é um intruso que não lutou. Ora, toda a história do Brasil está cheia de mestiços que lutaram de uma fórma ou de outra. Massas de mestiços defenderam a Pátria, ao lado dos índios e dos negros, contra a invasão e ocupação holandêsa. Os Bandeirantes que devassaram o interior do Brasil, foram mamelucos, isto é, mestiços. Os desbravadores da Amazonia foram caboclos do Nordeste, isto é, mestiços. E o caboclo Floriano Peixoto? E o próprio caboclo Euclides da Cunha? E os intelectuais como Tobias Barreto e Sílvio Romero? Que foram senão mestiços?

Euclides teve razão ao críticar a mística extravagante dos sertanejos. Teve maior razão quando atacou a influencia negativa dos missionários cristãos e católicos que, segundo ele,

pervertem e aterrorizam, dizem asneiras, descrevem o inferno, bramem contra o pecado e alucinam o pobre sertanejo crédulo. Assinalou a propósito: "o missionário moderno é um agente prejudicialíssimo no agravar todos os desequilibrios do estado emocional dos *tabaréos*".

Infelizmente, Euclides fez concessões aos primeiros missionários, elogiou a "tarefa nobilitadora" dos jesuítas e não viu que a linha sempre foi a mesma: deformar os índios, os negros e todo o povo brasileiro com a pior ideologia da idade média, perverter inúmeras camadas sociais com a loucura mística e a "teoria" do pecado, a serviço das classes exploradoras e opressoras de hontem e de hoje.

Entretanto, falando sobre os jesuítas, Euclides acentuou que o privilégio da conquista das almas era um disfarce casuístico que mascarava o monopólio do braço indígena. Eis aí um dos aspectos reais da catequése e da cristianização dos índios pelos jesuítas.

Por incompreensão do materialismo histórico, Euclides, n'*Os Sertões*, cometeu erros no terreno da sociologia. Não apresentou uma saida, uma solução contra o massacre de Canúdos e os outros crimes das classes dominantes e de seus instrumentos. Apelou inocuamente para o alienista Maudsley. Não viu o capital estrangeiro e o seu papel terrivelmente negativo. Não compreendeu que o pre-capitalismo domina o Brasil, tanto o sertão como o litoral. Não viu as classes nem a luta das classes — os explorados contra os exploradores, os oprimidos contra os opressores. Daí, uma série de falhas da obra.

O autor descreveu o lado pitoresco dos sertões, as danças, desafios e tradições. Preocupou-se com a etnologia, a psicologia e a psiquiatria. Não fez a necessária análise crítica social. Não viu as causas reais e profundas dos acontecimentos. Deu importância demasiada à mística, ao messianismo e sebastianismo dos jagunços, sem compreender que se tratava da grossa casca tôsca, e não da medúla do problema. Passou de raspão sobre as condições de vida e trabalho dos camponêses e as sobrevivências feudais. Deveria ter dado o quadro concréto da vida real dos camponêses, da exploração e opressão exercidas sobre eles pelos grandes proprietários rurais. Deveria ter dado relevo aos fatores economicos e financeiros, políticos e sociais que suscitaram Canúdos.

Euclides apresentou o Homem brasileiro em luta contra terríveis forças telúricas, mas não mostrou o fundo social dessa luta, a batalha do trabalhador brasileiro contra as terríveis forças sociais dominantes. Acentuou os contrastes dos sertanejos, entre extremos impulsos e longas apatias, mas não explicou claramente as razões economicas, políticas e sociais dessa apatia. Viu o lado trágico da vida do sertanejo do Norte, mas não viu a mesma tragédia na vida do peão do Sul — idealizou a existência do gaúcho. De um lado, escreveu uma página realista, mas, de outro lado, caiu no idealismo filosófico.

O autor traçou o quadro dos fatores telúricos como a sêca e outras calamidades naturais, mas não mostrou o papel tremendo dos fatores economicos e financeiros, políticos e sociais como a

dominação do capital estrangeiro, da grande propriedade rural e da máquina coerciva, aspirante e premente do Estado semi-feudal e burguês, no agravamento dessas calamidades. Se a sêca e as outras calamidades naturais são as responsaveis principais pelas desgraças do camponês, não ha solução para essas desgraças — tal a dedução, completamente falsa. O regime socialista no Brasil liquidará as sêcas e as calamidades naturais e sociais.

Euclides assinalou que a universalidade do sentimento religioso, de par com o instinto da desordem, agremiou em Canúdos filhos dos Estados vizinhos, e não apenas bahianos. De fato, o que congregou essa massa não foi a religião, que nunca é a medúla e sim a grossa casca tôsca, nem foi tambem o pretenso instinto da desordem, que entrou em Canúdos como os deuses em Homéro, numa "explicação" que nada explica. Na realidade, o que congregou essa massa de camponêses foram os fatores economicos e políticos: a imensa miséria das populações, a busca de uma saida, a revolta contra a exploração e a opressão, a esperança de liberdade e a universalidade do desejo do Melhor.

Como se fosse um estreito psiquiátra, Euclides viu as táras hereditárias de Antonio Conselheiro, viu a mulher que o traiu, mas não viu o principal — o ambiente economico, político e social, e as sobrevivências feudais dominantes. Só notou em Antonio Conselheiro um doente, um paranóico, não viu o conteúdo social do problema. O protesto dos camponêses contra a exploração e a opressão dos semi-feudais dominantes, constituiu

a medúla, embora recoberta de uma grossa casca mística. Certos "historiadores" reduzem Cesar, Maomé e Napoleão a simples casos de epilepsia e não enxergam o conteúdo social.

Euclides afirmou: "Canúdos era a nossa Vendéia" — o mesmo misticismo, as mesmas ousadias, as mesmas astucias, a mesma aspiração política. E' um engano.

Esses paralélos históricos, em geral, não são justos. Canúdos era um Estado camponês, primitivo, embrionário, com sobrevivências da comuna primitiva. Não era feudal nem clerical. Representava um protesto das massas oprimidas. Pelo contrário, a Vendéia representou a contra-revolução feudal, monarquista e clerical, em resposta à revolução francêsa — anti-feudal, democrática burguêsa, republicana e anti-clerical. O monarquismo de Canúdos foi muito vago, confuso, superficial. Euclides não viu, pois, a essência e fêz um paralélo de aparencias, em lugar da mais rigorosa análise concréta da situação concréta.

Em 1909, no ano da morte, Euclides escreveu a Vicente de Carvalho:

"Quem definirá um dia essa Maldade obscura e inconsciente das cousas que inspirou aos gregos a concepção indecisa da Fatalidade?"

Neste caso, Euclides caiu num desvio místico e idealista. Em nosso mundo — o único mundo real — não ha essas maldades e fatalidades, obscuras, inconscientes e misteriosas. Existem, sim, fatores economicos e financeiros, políticos e sociais, que determinam dores, revezes e amarguras.

Euclides atribuiu às condições do meio físico, uma série de acontecimentos da história do Norte

do Brasil. Não foi justo ao falar sobre ela. Escreveu que os nortistas perderam o espírito de revolta que "ruge em todas as páginas da história do sul" — o que, para ser refutado, basta fazer a simples lista dos movimentos populares e republicanos do século XIX no Norte em geral e Nordeste em particular. Sustentou que foi o sulista o debelador dos Palmáres e dos outros quilombos — esqueceu que o próprio paulista Domingos Jorge Velho não teria podido esmagar Palmáres sem o auxílio decisivo dos nordestinos — índios, alagoanos, pernambucanos e outros.

Tais algumas das falhas d'*Os Sertões* nos domínios da ciencia e da filosofia.

No terreno artístico e literário, Euclides, na obra, não ultrapassou o realismo crítico, pois não apontou uma saída, uma solução para os conflitos sociais.

Do ponto de vista do estílo, o autor não teve a simplicidade clássica. As palavras difíceis, as expressões rebuscadas, a terminologia rebarbativa têm criado muitos obstáculos à popularização do livro, sua compreensão pelas amplas massas populares.

De qualquer fórma, *Os Sertões* de Euclides da Cunha constituem um monumento da literatura brasileira e mundial!

LIMA BARRETO

Lima Barreto (1881-1922), carioca, foi um escritor progressista, funcionário público mal pago, pequeno burguês urbano empobrecido.

A infância. A mãe faleceu tuberculosa, deixando quatro crianças. O orfão jamais esqueceu a imagem materna. Guardou-a para sempre no coração.

O pai foi administrador de uma colonia de alienados. Por sua vez, enlouqueceu. O filho tinha, então, 21 anos de idade e, durante 20 anos, a vida inteira, carregou a dor de ver o pai nesse estado.

Lima Barreto levou uma infância amargurada. Sofreu dificuldades economicas. Viveu longos anos num ambiente de loucos. Pensou várias vezes no suícidio. Cresceu sem ternura. Tinha sede de carinhos. Dava esmolas a uma velha, só para receber beijos.

Na *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, ele próprio acentuou que a estrada da vida é aspera: areenta aqui, enxarcada ali, ingreme e cheia de pedrouços mais além.

Os estudos. O livro de Francisco de Assis Barbosa oferece materiais biográficos que procuraremos analisar.

Lima Barreto foi estudante da Escola Politecnica do Rio de Janeiro. Sentia-se deslocado no ambiente. As diferenças de classe eram flagrantes. Os estudantes ricos e mediocres, bem nutridos, vestidos com elegância, terminavam o curso sem obstáculos e galgavam os mais altos postos sociais. Os estudantes pobres e talentosos encontravam os maiores obstáculos e raramente terminavam o curso. Assim aconteceu com Lima Barreto. Foi reprovado anos seguidos, pelo mesmo professor. Afinal, teve de abandonar os estudos, devido à pobreza e às reprovações. Viu-se isolado e desamparado, cheio de angustia e desespero.

Na *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cobriu de ridículo o seu perseguidor: Licinio Cardoso, lente de mecânica da Escola Politécnica, estudou a alta matemática para curar pela homeopatia...

O ganha-pão. Lima Barreto fez concurso e foi nomeado amanuense da Secretaria da Guerra. Tornou-se um pequeno funcionário público mal pago.

Durante a campanha presidencial de ..... 1909-1910, Rui Barbosa lançou-se contra Hermes da Fonseca, então ministro da Guerra. Outro qualquer teria aproveitado a oportunidade, sustentado a candidatura do ministro e feito carreira. Lima Barreto, porém, apesar de ser funcionário do Ministério da Guerra, opôs-se à candidatura de Hermes, protestou contra os "manipanços de farda" e apoiou Rui, embora não simpatizasse com ele.

As obras. Os escritores como Lima Barreto nunca foram bem acolhidos pelas "grandes" casas editoras. A Livraria Alves quase só publicava livros didáticos, de má qualidade na maioria. A casa Garnier desprezava os novos e só editava medalhões e "consagrados". Jacinto Ribeiro preferia as mumias do "direito".

Lima Barreto não conseguiu publicar, no Brasil, o seu primeiro livro, as *Recordações do escrivão Isaias Caminha.* Só o conseguiu em Portugal, em 1909.

Procurou editor para o *Triste fim de Policarpo Quaresma.* Não o encontrou. Pediu o auxílio dos amigos, tomou dinheiro a agiotas, a juros altos, e lançou o livro, em 1915.

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá só apareceu em 1919. Os direitos autorais de *Bruzundangas* foram vendidos por 70 mil réis (!) ao livreiro português Jacinto Ribeiro. As outras obras do autor sempre encontraram obstáculos.

O escritor progressista. Lima Barreto foi um satirico e um revoltado, um analista e um crítico social. Tinha o sentido do comico, do ridículo, do irrisório. Apresentou um quadro real das repartições públicas do Brasil e de seus burocratas. Continuou, em parte, a tradição de Gregorio de Matos Guerra, com um novo conteúdo, sob novas fórmas, em novas condições históricas. Traz à lembrança a crítica ironica de Tchérrov e a satira amarga de Saltikóv-Chtchedrín, contra a Rússia tzarista.

Sua obra encheu-se de dores e amarguras, satiras e sarcasmos. Inspirou-se no realismo crí-

tico, e não no naturalismo. Em geral, não tem detalhes sexuais. Não é freudiana.

O autor pretendia escrever um romance sobre a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Seria um novo *Germinal*, à Zola, com mais psicologia e maior sopro de epopéia. O desejo não foi realizado.

A literatura e o dever do escritor. Lima Barreto, entre a pobreza e a desgraça, dignificou o ofício de escritor. Tinha orgulho de ser um intelectual. Não se adaptou ao jornalismo burguês. Jamais pôs em leilão a pena. Recusou escrever elogios aos politiqueiros das classes dominantes, mesmo sem sua assinatura. Criticou os "sábios" de Batavia, isto é, do Brasil — ricaços que tinham cinco ou seis empregos, não perdiam as festas mundanas e fugiam dos livros, retortas e laboratórios. Comparou os gramaticos e os pretensos classicos, a tôcos de pau podre.

Em *Histórias e Sonhos*, com o pretexto de falar sobre a ilha de Java, condenou os literatos que escrevem num jargão enfadonho, patuá ininteligível, *pot-pourri* de "estilos" dos tempos mais desencontrados. Desmascarou os "literatos lacaios, cavadores de propinas, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos, de um proxenetismo torpe, a grandes notabilidades munificentes, à custa do Estado". Assinalou sobre os literatos da Livraria Garnier: "escrevem e falam como Rui de Pina, mas ideal em Arte não têm nenhum. Não me entendem ao certo e procuram nos meus livros bandalheiras, apelos sexuais".

O escritor acentuou com razão: Machado de Assis é "falso em tudo. Não tem naturalidade. Inventa tipos sem nenhuma vida". Aliás, Silvio Romero já assinalava que Machado de Assis "não conseguiu criar um verdadeiro e completo tipo vivo, real".

Lima Barreto, intelectual progressista, revoltado e independente, fazia uma nobre idéia da literatura e da missão do escritor. Exigia a sinceridade na arte. Considerava que a primeira qualidade de um livro é sua completa clareza, que só póde ser obtida com a máxima simplicidade de escrever, além do encadeamento naturalmente lógico de suas partes. Rechaçava a literatura plástica, de contemplativos, que procurava a "beleza" nos deuses mortos de uma Grecia artificial. Preconizava, em *Histórias e Sonhos*, uma "literatura militante" e considerava o dever dos escritores "difundir as nossas grandes e altas emoções, em face do mundo e do sofrimento dos homens". Desejava ser um Rousseau, prégando à massa "um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada". E, já em 1909, em *Isaias Caminha*, aspirava a "difundir na consciência coletiva um ideal de força, de vigor, de violência mesmo".

A crítica da burocracia. Lima Berreto, funcionário mal pago do Ministério da Guerra, vegetou mais de 14 anos, sempre preterido, sem a mínima promoção.

Em *Histórias e Sonhos*, denunciou o ambiente das repartições públicas. A abdicação de si mesmo, o apagamento da própria personalidade. O falso respeito pelos chamados "superiores". A at-

mosfera de falsidade, panurgismo e covardia moral. A bajulação, a ignorância arrogante e a mediocridade triunfante.

Na Secretaria da Guerra, o escritor copiava ofícios e decretos, redigia avisos e portarias. Precisava do emprego, mas o odiava. Sentia-se em contradição com a consciência, totalmente deslocado nesse meio burocratico e militar.

O diretor da Secretaria da Guerra era o barão de Itaipú, velha figura veneravel do tempo da monarquia. Cincoenta e seis ministros passaram pela repartição, mas Itaipú ficou inamovivel e imperturbável, com a sua solene cartola negra e a mais veneranda sobrecasaca preta.

Veio a "revolução" de 15 de novembro de 1889. Mas os seus altos dirigentes acharam que ninguem poderia melhor defender as novas instituições republicanas que o velho barão da monarquia. E ele, imutável e imperturbável, como tantos outros monarquistas continuou a velar pela segurança da República...

Lima Barreto satirizou uma série de burocratas semelhantes. N'*O homem que sabia javanês,* desmascarou os charlatães do Itamaratí e de outras repartições públicas. Na *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá,* o barão de Inhangá, espécie de Itaipú, só aprendeu uma cousa — abrir e fechar gavetas. Na mesma obra, o dr. Beldroegas era uma grande personalidade. Vivia obcecado pelos avisos e portarias, decretos e acordãos. Queria que se fixasse definitivamente o número exato dos dias de chuva no ano. Achava que toda a natureza é sabiamente governada por avisos e portarias, decretos e acordãos. Ouvindo falar sobre Newton

e a lei da gravitação universal, perguntou solenemente:

— Newton é deputado? Sua lei foi aprovada pelo Parlamento? Foi sancionada por Sua Excelência o Sr. Presidente da República?

Diante da resposta negativa, Beldroegas sorriu com um ar superior e rebateu triunfalmente:

— Então, não é lei!

A guerra de 1914 e a expansão dos Estados Unidos. Em 1916, a guerra imperialista devastava o mundo. Os homens exterminavam-se ferozmente. Os canibais capitalistas acumulavam milhões de dólares. Então, em face da guerra, Lima Barreto proclamou os ideais do humanismo: "a comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo com que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam sob o açoite da vida, para maior gloria e perfeição da humanidade".

Posteriormente, atacou a conferência de Versalhes e previu: dela, "só sairá guerra, mais guerra, sempre guerra".

O escritor brasileiro solidarizou-se com os irmãos negros, perseguidos nos Estados Unidos. Condenou a opressão norte-americana sobre os países da América Latina. Era hostil aos Estados Unidos e à sua expansão economica, embora não compreendesse a essência do imperialismo, suas características políticas e o entrelaçamento da economia com a política.

Em face dos operários e da revolução socialista. Lima Barreto tinha vontade de avançar, mas era tolhido pelo receio de perder o magro

emprego público e ficar com o pai louco e os irmãos na miséria. Aposentou-se e, logo, marchou corajosamente para a Esquerda. Não chegou a ser um militante do movimento operário e popular, mas não foi um contemplativo. Tomou atitudes memoráveis em artigos publicados em jornais e revistas da época.

Em 1917, o govêrno, arbitràriamente, jogou operários a bordo do navio Curvelo e expulsou-os do Brasil. As vitímas pediram habeas-corpus, mas o Supremo Tribunal denegou-o. Lima Barreto defendeu os operários e protestou contra a decisão do Supremo.

Em novembro de 1918, o escritor apoiou os operários grevistas e atacou Aurelino Leal, chefe da polícia, reacionário que representou a mascarada do "constitucionalismo".

O intelectual progressista protestou contra a apreensão dos jornais libertários "Spártacus" e "A Plebe", em 1919. Atacou a burguesia brasileira:

"A nossa República se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se póde lutar com armas na mão".

Lima Barreto, em artigos publicados em 1918, manifestou sua simpatia pela revolução socialista de outubro de 1917 na Rússia, saudou-a como um movimento que abalava os fundamentos da sociedade burguesa, viu nela "uma profunda e original feição social e um alcance de universal amplitude sociológica" e desejou uma revolução semelhante no Brasil para acabar com a "chusma de tiranos burgueses".

Essas palavras e atitudes representam um título de glória.

Os tormentos. Lima Barreto, nas *Recordações do escrivão Isaias Caminha,* acentuou que a sociedade tem cordas, roldanas e contrapesos contra os revoltados. Ele vestiu a tunica de Nesso da sociedade dominante, como Isaias Caminha. Ela não poderia perdoar-lhe, de modo algum, as atitudes revoltadas e independentes.

O escritor era pobre e timido, mas orgulhoso. Viveu e morreu na pobreza. Viu-se preterido no emprego burocrático. Sua vida foi toda uma série de amarguras: a mãe morta e o pai louco. Teve muitas decepções: os estudos abandonados, os fracassos literários. Sofreu tormentos: a falta de apoio e estimulo, de justiça e compreensão. Sentiu ofensas e humilhações, agravadas pelo fato de ser pobre, revoltado e ter talento, no meio da mediocridade feliz, contente e triunfante. Afirmou: "não quero ser mais nada, senão literato". Desejou ardentemente a fama européia — a glória literária, enorme, extraordinária. Julgou que a vida melhorasse depois do primeiro livro publicado, em 1909, mas nada mudou.

As vicissitudes foram acumulando-se cada vez mais. Contraiu dividas com os agiotas, a fim de publicar suas obras. Não conseguiu escrever na imprensa de grande tiragem. Candidatou-se três vezes, inutilmente, à Academia Brasileira de Letras. Desmazelado e desengonçado, era evitado, na Garnier, pelos intelectuais das classes dominantes.

Em 1905, Lima Barreto desejava ansiosamente "um amor, um belo livro e uma viagem pela

Europa e pela Asia". Não conseguiu o amor nem a viagem. Escreveu livros, mas não se realizou integralmente, não pôde atingir a plenitude.

Em 1914, fundaram uma Sociedade de Homens de Letras. Lima Barreto pleiteou com energia o cargo de bibliotecário, mas lhe negaram esse direito elementar. A diretoria foi constituida por nulidades. O escritor era um refugado pela sociedade e a literatice dominantes.

Em 1915, concluiu melancolicamente: "Até hoje, nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada".

Em 1917, Rui Barbosa era presidente da Academia Brasileira de Letras. Lima Barreto enviou-lhe uma carta registrada, candidatando-se a uma vaga, mas a carta desapareceu. A Academia elegeu o diplomata Helio Lobo, mediocridade dourada. Depois da morte de Rui, a carta foi encontrada em seus arquivos. Rui a ocultara...

Diante de tanta adversidade, Lima Barreto passou a ver tudo com olhos tristes. Descobriu que o sentimento primordial da cidade do Rio de Janeiro é a melancolia tangivel. Tinha o sentimento da falta de liberdade e a dor de não poder realizar o seu ideal na vida. Dizia sofrer "mágoa eterna e inapagavel", que turvava suas alegrias.

Lima Barreto viveu solitário, solteirão. Pensou sacrificar o amor no altar da glória, mas não teve um nem outra. Nunca encontrou um afeto de mulher que o amparasse, o confortasse moralmente, o auxiliasse a vencer os defeitos e lhe desse a esperança, a alegria na vida e a fé nas próprias energias. Lamentou profundamente sua mocidade "orfã de amor, de carinho, de mulher". E cla-

mava como um desesperado: — O' nunca amei, nunca tive amor!

Rebentou a primeira guerra imperialista mundial. O capitalismo entrou em agonia. Lima Barreto, vítima de tantos desgostos, foi internado no Hospício e aí ficou de agosto a outubro de 1914. Sofreu sua hora de agonia.

Trataram sua pobre alma enferma, com ópio e purgativos. Deram-lhe um balde. Viu-se obrigado a lavar a varanda e o banheiro do hospício. Lembrou-se de Cervantes na prisão de Argel. As lágrimas foram-lhe rolando pelas faces...

Posteriormente, teve outra crise. Esteve novamente no hospicio, de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920. Delirava como o pai, doente ha mais de 15 anos. Os psiquiátras descobriram nele graves "estigmas de degeneração fisica", mas nada quizeram descobrir sobre a profunda e incurável degenerescencia da sociedade dominante, nem sobre as monstruosidades que ela comete contra os escritores revoltados e independentes.

Humilhado e ofendido como Isaias Caminha, Lima Barreto sentia "o suplicio premente, cruciante e onímodo" da côr. Atribuia as vicissitudes de sua vida ao fato de ser mulato. Tentou explicar seus fracassos pelos preconceitos raciais. Falou sobre "as fatalidades obscuras" do próprio temperamento. Enganava-se. Na realidade, o problema era mais complexo. Inúmeros mulatos fizeram carreira no Brasil e chegaram aos mais altos postos. Lima Barreto não fez carreira, foi vitima de injustiças, não por ser mulato, e sim por ser um revoltado, um pobretão e não saber

bajular. A questão era de classe e não estreitamente racial. A sociedade, sob a tirania de imperialistas, latifundiários e burguêses, não poderia perdoar ao escritor o "crime" de rebelar-se contra ela. Tal a essencia do problema.

Os defeitos de Lima Barreto vieram do ambiente dominante. Sua nobreza veio dos antepassados africanos — homens do trabalho. Veio da sua afetividade, do seu amor à literatura e da sua aversão ao regime social.

Uns quebram, outros vergam. Poucos não quebram nem vergam. Lima Barreto não quis vergar-se aos poderosos. Não se dobrou. Mas não encontrou em si mesmo as energias necessarias para lutar e resistir até o fim. Ralado de desgostos, deu para beber, numa tentativa de evasão, para fugir à dolorosa realidade, quando é impossível escapar à realidade. O regime semifeudal e burguês, o alcool e a boemia encurtaram-lhe a vida.

Como Isaias Caminha, Lima Barreto sentia angustia, "a queda aos poucos, a irremediavel derrota", que, no entanto, era, em parte, remediavel. Mais uma vez, pensou no suícidio. Tornou-se um desesperado. Como o louco de um de seus contos, tentou abandonar a terra pelo céu, mas o céu era inacessivel. Viveu sua trágica e terrível *Estação no Inferno* e morreu ingratamente como Rimbaud, mas não à Rimbaud, vítima da sêde de ouro. Despedaçou-se aos 41 anos de idade. O Brasil perdeu um dos seus mais notáveis intelectuais. O sistema social dominante livrou-se de um dos seus acusadores.

Os "críticos". Em geral, os "críticos" reduzem Euclides da Cunha a um estilista e Lima Barreto a um romancista suburbano, caricatural, cheio de recalques, e nada mais.

O livro inicial, as *Recordações do escrivão Isaias Caminha,* não foi bem acolhido. Uns disseram que era um mau romance e um mau panfleto. Outros alegaram que se tratava de um diário de ódios, surpresas e más reminiscências. José Veríssimo condenou o "excessivo personalismo" da obra.

Os "críticos" acusam Lima Barreto de ter lentes deformadoras da realidade. No entanto, a realidade era e é muito pior do que a retratada nos livros do romancista. Seus tipos de burocratas e jornalistas são reais.

Outros "críticos" insistem nos "recalques" do escritor, em sua psiquica de mulato, no fator racial e, assim, passam a esponja sobre os crimes do sistema social dominante.

Certos biográfos lançam frases vasias: "essa força misteriosa e desconhecida que se chama Destino sempre conspirou contra Lima Barreto". Não foi o destino, e sim a sociedade existente que conspirou contra o intelectual revoltado e independente.

A ideologia. Num ambiente de literatos mundanos e superficiais, Lima Barreto fez vastas leituras na Biblioteca Nacional (então à rua do Passeio) e na Escola Politécnica. Leu Condillac e Condorcet, os idealistas como Kant e os confusionistas como Comte. Infelizmente, não pôde elevar à devida altura seus conhecimentos filosóficos e científicos. Não estudou a sério o ma-

terialismo. Não o atingiu. Afirmou: "nunca pude ter uma concepção mecânica do Universo e de nós mesmos". Confundia, pois, o materialismo com o mecanicismo.

Traçou o plano de um curso de filosofia, mas introduziu, nele, a teodicéia, a metafísica e a etnologia. Recomendou a leitura de embrulhões como Comte e Spencer, e de anarquistas como Reclus e Kropótkin. Dizia que as certezas da ciência o faziam sorrir e, assim, levava a sério a "filosofia" de Poincaré.

Por vêzes, afundou no pessimismo — Gonzaga de Sá, seu "herói", propunha o suicídio de tôda a Humanidade, como Schopenhauer.

Lima Barreto tinha no quarto, os retratos dos escritores prediletos — ao lado do gigante Balzac, o místico Renan, o chauvinista Barrès e o mórbido Dostoiévski. Em 1909, como dez anos depois, considerava Taine e Brunetière seus "mestres". Não eram dignos dessa honra. Taine foi um confusionista. Brunetière tentou aplicar Darwin à literatura, desligando-a do terreno social, transplantando mecânicamente a biologia para o domínio literário. Fracassou. Em lugar de compreender seu êrro e avançar no sentido do materialismo de Marx, deu um salto para trás, afundou na mística e no idealismo, e proclamou "a bancarrota da ciência". Na realidade, quem faliu foi o reacionarismo estúpido e clerical de Brunetière.

Em *Histórias e Sonhos,* a biblioteca de uma personagem era formada apenas por cinco livros, entre os quais a Bíblia e os *Pensamentos* de Pascal. Ora, um e outro, com sua loucura mís-

tica, só poderão prejudicar a formação ideológica de qualquer pessoa.

No mesmo livro, o autor criticou com razão os falsos helenos do presente, mas disse implicar solenemente com a Grécia e acentuou que ela já nos deu o que nos tinha de dar. É uma subestimação da herança clássica e da sua importância para o desenvolvimento da nova cultura democrática e socialista.

O escritor brasileiro tinha paixão pelos intelectuais da Rússia. Citava-os em seus livros. Aconselhou a um jovem: "Leia sempre rússos: Dostoievski, Tolstói, Turguéniev, um pouco de Gorki; mas sobretudo o Dostoievski da *Casa dos Mortos* e do *Crime e Castigo*". Assim, superestimava Dostoievski e subestimava Górki e Tolstói. Em *Histórias e Sonhos*, considerava Balzac e Tolstói, Turguéniev e Dostoievski, os "grandes mestres modernos". Esquecia o principal — Máximo Gorki.

Lima Barreto possuia as obras de muitos autores. Southey e Wappoeus, sôbre o Brasil. Tolstói e Tchérrov, Turguéniev e Dostoievski, filhos da Rússia. Camões e Cervantes, Balzac e Zola, figuras mundiais. Spinoza e Rousseau, grandes pensadores. Diderot e Lamarck, Darwin e Haeckel, materialistas. Humboldt e Mortillet, cientistas. Kropótkin e Malato, anarquistas. Schopenhauer e Nietzsche, voluntaristas. Taine e Spencer, embrulhões. Bossuet e Chateaubriand, representantes da mixórdia clerical.

Em face da mística. De um lado, Lima Barreto condenou a igreja católica como instrumento dos poderosos em cada momento histórico.

Denunciou as relações da igreja com o capital. Acusou o clero de viver "amarrado à cauda dos opressores". Preconizou a confiscação dos bens das ordens religiosas e a supressão de todos os colégios clericais.

De outro lado, não conseguiu libertar-se totalmente das sobrevivências do passado. Falava sôbre "o mistério que nos cerca". Buscava sondar os "mistérios" do universo, da própria alma e da nossa natureza moral. Dizia respeitar a religião católica e, no Rio de Janeiro, todo 15 de agosto subia o outeiro da igreja, em homenagem à sua madrinha, Nossa Senhora da Glória. Assinalava a "plasticidade" da Igreja, quando se trata, na realidade, da política oportunista e camaleônica da igreja, mudando de côr, adaptando-se a todos os sistemas econômicos e políticos — ao escravismo, ao feudalismo e ao capitalismo.

Em *Histórias e Sonhos*, o autor esperava que, do baralhamento das religiões atuais, pudesse vir "uma grande religião". Assim, abria uma perspectiva completamente mística e, portanto, falsa. Não compreendia que as religiões já fracassaram històricamente, devido à sua subordinação às classes exploradoras e opressoras.

Numa sociedade dividida em classes terrìvelmente antagônicas, o escritor dizia no mesmo livro: se existe alguma certeza no mundo, é aquela que está nos Evangelhos — amai-vos uns aos outros. Não compreendia que o amor universal só será possível numa sociedade sem classes.

Diante de tudo isso, vê-se em Lima Barreto uma atitude dupla e, portanto, incoerente e inconsequente em face da mística. É que o escritor não tinha uma sólida base teórica — filosófica e científica.

Em face da monarquia e da república. O pai de Lima Barreto foi monarquista, ligado ao visconde de Ouro Prêto, reacionário ferrenho. Criou-o num ambiente de veneração pelo império.

A princípio, Ouro Preto auxiliou seu correligionário, mas, depois, nada fez. Não se entendeu com o afilhado, no terreno político. Acusou-o de ser um jacobino. Ofendeu-o moralmente, oferecendo-lhe uma nota de 10 mil réis, quando o afilhado pedia ternura e nada mais.

Lima Barreto não se libertou totalmente da influência do passado. Em *Histórias e Sonhos*, falou sôbre João VI como um "rei bondoso e bonachão". Esqueceu que êsse títere foi cúmplice dos infames carrascos de Tiradentes e assassinos dos republicanos de 1817. Declarou, em 1921, que simpatizava com a princesa Isabel. Dizia que o império tinha "a virtude da modestia". Viu com desgôsto a implantação da República, em 1889. Alegava que, desde então, "o Brasil perdeu a vergonha". O escritor idealizava a monarquia escravista e sonhava com o passado morto e apodrecido.

Limitações e contradições. Lima Barreto era um pequeno burguês e, como tal, vacilante. Sua formação ideológica foi falha. Não tinha

sólida base teórica. Daí, suas oscilações, limitações e contradições.

Em seus romances, só aparecem tipos negativos. Não se vê uma saída, uma solução para os choques, conflitos e antagonismos sociais. Portanto, o romancista não ultrapassou o realismo crítico. Além disto, não apurou a forma artística e literária.

O escritor não pôde ampliar os horizontes. Não fez viagens. Conheceu apenas o Rio de Janeiro. Desconheceu o Brasil e o mundo.

Escreveu em 1916: "A pátria me repugna, porque é um sindicato dos políticos e argentários universais". Confundia, pois, a Pátria com a triste camarilha de capitalistas e politiqueiros que a expoliam.

Escreveu em junho de 1917: "Spencer tinha razão: o mundo retrograda". Pelo contrário, o mundo avançava e ia dar um salto prodigioso com a revolução socialista de outubro de 1917, na Rússia.

Gonzaga de Sá sustentava que classes e povos são criações abstratas, irreais, de gabinete. Incompreensão total!

Lima Barreto, como pequeno burguês, vacilava e contradizia-se. Oscilava entre o materialismo e o idealismo. Defendia a causa dos operários e, às vêzes, parecia um cético, voltaireano, sem fé. Elogiava a revolução socialista na Rússia e, ao mesmo tempo, o império escravista no Brasil, sem compreender que uma atitude negava a outra. Denunciava a política do Vaticano a serviço dos poderosos, criticava a igreja

católica e, ao mesmo tempo, dizia respeitá-la e admirá-la. Oscilava entre a literatura que o engrandecia e o vício que o rebaixava. Era, de um lado, um escritor progressista e, de outra parte, um afilhado da monarquia e do misticismo, do visconde de Ouro Preto e de Nossa Senhora da Glória.

O encontro. O autor destas linhas conheceu Lima Barreto na Livraria Garnier, no fim de 1919. Ofereceu-lhe *Canais e Lagoas*, que acabava de aparecer.

Lima Barreto agradeceu. Publicou, numa revista efêmera, um artigo carinhoso sôbre o livro, protestou contra as perseguições políticas que o autor sofreu e disse-lhe com humor e amargura:

— Não tenho onde escrever. Só disponho de revistas anônimas, que desaparecem logo...

Nesse período, o autor destas linhas teve choques ideológicos com uma série de intelectuais. Mas nunca teve incidente algum com Lima Barreto. Existia simpatia pessoal entre ambos. Nunca, porém, puderam discutir a sério, examinar a fundo os problemas que os preocupavam. O autor jàmais encontrou Lima Barreto em condições de analisar e discutir. Infelizmente, era por ocasião da crise que, em dezembro de 1919, levou o escritor ao Hospício.

Isaias Caminha. Lima Barreto, nas *Recordações do escrivão Isaias Caminha,* realizou um trabalho de crítica social.

Isaias sonhava, era jovem, ardoroso. Viera do interior, com o fim de obter um emprêgo e

poder estudar. Não o conseguiu. Seus primeiros dias no Rio de Janeiro foram de angústia. Ficou sem dinheiro, passou fome. Sentiu-se sòzinho na cidade imensa, sem parentes, sem ninguém. Foi prêso como ladrão. Teve vontade de beber, embriagar-se. Pensou em atirar-se ao mar. Depois, caiu em apatia. No final, adaptou-se. Não soube revelar-se com fôrça, vontade e grandeza.

O livro faz a autópsia do jornalismo burguês. O ambiente era e é de pequeninas ambições, de intrigas e falsidades, de bazófia e hipocrisia, de filáucia e ignorância. Segundo o autor, o jornal burguês é noticioso, nada tem que se possa ler e meditar. Fábrica de mentiras, uma das mais terríveis e tirânicas manifestações do capitalismo.

O dr. Ricardo Loberant, o protótipo do jornalista burguês, era voraz como piranhas, afetava independência e austeridade, e vivia no meio de peruas de alta roda.

Os "literatos" não tinham talento, nem cultura, nem caráter, tinham apetites e ambições. Todos êles estavam inscritos no registro da livraria francesa Garnier — do contrário, não seriam considerados "escritores". Os "críticos literários" tomavam atitudes segundo suas relações pessoais, as recomendações recebidas, os títulos universitários e a posição social dos autores.

Os deputados como Castro eram eleitos pelos defuntos, desenterrados pelos amigos na hora de votar. Os "legisladores" precisavam conhecer a fundo certas ciências: a alquimia e a teologia, a quiromancia e a grafologia. As leis não eram mais que "a expressão da vontade, dos caprichos

e interesses da minoria insignificante". Constituiam as fôrças armadas: praças bambas, moles e trôpegas, arrastando o passo sem amor nem convicção, passivas e indiferentes, pobres batalhões coloniais de cipaios ou senegalêses.

Tal o quadro real da sociedade dominante, traçado nas páginas das *Recordações do escrivão Isaias Caminha.*

Policarpo Quaresma. Lima Barreto escreveu o romance *O triste fim de Policarpo Quaresma* em 1911 e publicou-o em 1915. Apresentou nesse livro a natureza do Rio de Janeiro, a paisagem urbana, o ambiente das repartições, os funcionários públicos, os tipos dos subúrbios.

O autor é um analista e um crítico da burocracia. Viu existências estreitas e mesquinhas, um verdadeiro jardim zoológico de animais inúteis e ridículos. Sentiu a chatice e a mediocridade dominantes. Conheceu indivíduos cuja vida se resumia à "ciência" dos ofícios, portarias e regulamentos. Observou os mais tristes preconceitos e superstições, todo um mundo de pequenas vaidades e pequeninas misérias. E retratou-o em seus romances. Daí, seu valor.

N'*O triste fim de Policarpo Quaresma,* o general Albernaz é um tipo representativo da sociedade dominante no Brasil. Poderia ter sido presidente da República como o seu digno colega — o general Eurico Dutra...

Albernaz nada entendia de estratégia e tática. Era um perfeito burocrata, como tantos outros oficiais de hoje — os Dutra e Canrobert. Nunca viu a guerra. Nunca viu uma batalha.

Mas descrevia com imenso prazer as terríveis pelejas da guerra do Paraguai... das quais não participara, porque — explicava com tôda a solenidade — tinha adoecido e partido na véspera para o Brasil. Em sua rica imaginação, a guerra não tinha brutalidade nem ferocidade, era tôda paz e amor, como as crianças a vêem nas estampas e figurinhas populares.

Há 40 anos, Albernaz não pegava num livro. Considerava o livro uma fonte de desgraças. Queria curar uma filha enfêrma com médiuns espíritas e curandeiros fetichistas. Seu "ideal" era casar as filhas.

O almirante Caldas é outro tipo representativo da sociedade dominante. Poderia ter sido ministro. Era o Albernaz da Marinha de Guerra. Ambos enchiam de pavor e assombro os burgueses pacíficos, descrevendo as batalhas formidáveis... das quais não participaram.

Em atenção aos grandes serviços prestados à Pátria, o almirante Caldas recebeu um posto de honra — foi nomeado comandante de um encouraçado. Mas êsse heróico barco de guerra já não mais existia — fôra metido a pique há muito tempo, durante a guerra do Paraguai.

O burocrata Genelício é mais um tipo representativo, ornamento da sociedade dominante. Subia nos cargos por saber bajular. Achava que só os homens sábios, providos de um título de academia, tinham o direito de possuir livros. Afirmava categòricamente que o govêrno sempre tem razão. Para fazer carreira, Genelício escreveu um livro, a estapafúrdia *Síntese de Contabilidade Pública Científica*. Foi elogiado pela

imprensa. O ministro ofereceu-lhe um prêmio de dois contos de réis. O livro, um calhamaço inútil de 400 páginas, foi impresso por conta do Estado. Infelizmente, os anais da época não explicam por que tão ilustre burocrata e cientista não chegou a ser ministro e membro honorário do Instituto Histórico e da Academia Brasileira de Letras...

O dr. Florêncio era um notável engenheiro. Mas nada sabia. Limitava-se a guardar encanamentos numa repartição pública, como se fôssem relíquias históricas.

Um coronel, diretor do Arsenal, fizera exame de altas ciências: cálculo e astronomia, mecânica e hidráulica. Mas era um triste burocrata e um carreirista autoritário.

Os médicos dos subúrbios eram grandes especialistas... em legislação telegráfica.

Tais os "heróis" de Lima Barreto. Todos êles — sórdidos, negativos.

A filha do general Albernaz foi uma vítima do sistema social dominante. Noivou. Não conseguiu casar-se. Ficou doente e morreu. As jovens da época não tinham perspectiva de espécie alguma. Para elas, o casamento em si, mesmo sem o amor e sem o espírito da maternidade, era o sentido da vida. Daí, inúmeras tragédias.

O "herói" principal do livro é Policarpo Quaresma, um burocrata. Apresentava certos lados simpáticos. Desinteressava-se do dinheiro e das posições administrativas. Era exato e meticuloso. Tinha candura, pureza d'alma, um de-

sejo de sonho, uma ânsia de ideal. Queria voar para as altas regiões do espírito.

Patriota, levara trinta anos a meditar sôbre os destinos da Pátria. Tinha chegado a hora da ação...

Mas seu patriotismo era estreito, irrisório e regressivo. Queria uma volta ao passado para sempre morto — voltar aos costumes dos índios e à língua tupi. Recusava apertar a mão dos amigos e recebia as visitas a chorar —era a saudação lacrimosa de certas tribos indígenas.

Seu patriotismo era de modinhas e violões, de calçados e tecidos nacionais. Tinha horror ao *petit-pois*, por ser "estrangeiro". Não gostava das rosas, crisantemos e magnólias, por serem "flores exóticas".

Policarpo enviou uma petição à Câmara dos Deputados para que o tupi-guarani fôsse adotado como língua oficial e nacional do povo brasileiro. Traduziu distraidamente, para o tupi, um ofício e enviou-o ao ministro. Foi suspenso do serviço e, posteriormente, internado num asilo de loucos. Melhorou e passou a viver num sítio do interior.

Lima Barreto aproveitou o episódio para dar quadros da miséria nos campos do Brasil e, assim, contribuiu para desfazer a lenda da vida rural idílica.

Havia barro e água, mas as "casas" dos trabalhadores não eram de tijolo, eram casebres feitos a sopapo e cobertos de sapé. O trabalhador não tinha horta nem pomar. Era um camponês da idade média.

As terras, latifúndios inúteis e improdutivos, vegetavam abandonadas, entregues a ervas daninhas e insetos nocivos. O pequeno proprietá-

rio vivia sujeito a uma espécie de corvéia — tinha de capinar e limpar as estradas, gratuitamente. Havia alfândegas interiores. Os preços dos produtos agrícolas — ínfimos. No Mercado do Rio de Janeiro, o comprador intermediário pagava ao produtor, pelo cento de um produto determinado, o preço que aquêle exigia por uma simples dúzia, ao consumidor.

As tricas eleitorais e os choques entre as camarilhas locais dominantes, causavam muitos dissabores.

O romancista viu no interior do Brasil a indolência, a atonia, a imprevidência, o desânimo doentio, o descuido da vida, a apatia, a indiferença nirvanesca em face de tudo. Mas não viu as fôrças que lutam contra êsse estado de cousas, embora sob formas primitivas.

O camponês Felizardo dizia:

— Não temos ferramenta. E a formiga? A terra não é nossa. E o govêrno não gosta de nós.

A fim de liquidar tantas desgraças, Policarpo queria reformas como o emprêgo de máquinas agrícolas. Infelizmente, uma vez mais, voltava-se para o passado. Procurava um ministro como Sully e um rei como Henrique IV. É claro que não poderia encontrá-los. Daí, as desilusões e o fracasso.

Rebentou a chamada revolta da esquadra, a "revolução" da Marinha. Na realidade, foi um triste golpe armado de oficiais da marinha de guerra do Brasil, em 1893. Que queriam? Restabelecer a monarquia. Portanto, restabelecer o

companheiro inseparável da monarquia no Brasil — o regime dos senhores de escravos, apenas sob outras formas. Por conseguinte, êsse golpe armado foi um movimento reacionário. Então, como sempre, a tarefa histórica era marchar avante, impelir o desenvolvimento histórico. Pelo contrário, o golpe armado dos oficiais da marinha queria uma volta ao passado monarquista e escravista, para sempre morto. Daí, seu fracasso. Daí, sua condenação pela história.

O povo, os patriotas, os republicanos impediram essa volta. Daí, sua justificação histórica.

Em face dêsse golpe armado, dirigido pelo almirante Custódio de Melo e, posteriormente, também por Saldanha da Gama, Silveira Martins e outros monarquistas, o nosso "herói" Policarpo telegrafou a Floriano Peixoto, presidente da República, pedindo-lhe energia. Desejava um "govêrno forte", leis e medidas agrárias, Sully e Henrique IV...

Policarpo enviou um memorial a Floriano para que soubesse aproveitar a oportunidade, liquidasse "todos os entraves oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas".

Floriano teve a paciência de ler o memorial. Assoberbado com a luta para esmagar os golpistas reacionários, disse a Policarpo que êle não passava de um visionário. É que Floriano não tinha vocação para ser Sully nem Henrique IV...

De qualquer forma, já em 1911, Lima Barreto defendia um programa agrário progressista.

Infelizmente, êsse programa não era revolucionário.

Policarpo idealizou Floriano. Daí, as desilusões.

A República de 1889 teve as falhas mais profundas — não marcou uma rutura total, violenta e definitiva com o passado morto. Mas foi uma necessidade histórica. Lamentàvelmente, no romance mencionado, Lima Barreto não soube apresentar, numa síntese, os lados positivos e negativos da República de 1889. Não soube dar o quadro real, direto e objetivo da luta em 1893. Pintou um quadro negro, parcial, unilateral, terrìvelmente negativo do regime republicano. Procurou achincalhar os defensores da República. Fez um libelo històricamente absurdo contra êles. Não compreendeu o papel histórico de Floriano. Perdeu-se entre as árvores, não viu a floresta. Não viu a essência nem a finalidade do conflito em cena. Viu, apenas, aspectos secundários, superficiais.

Por que? Porque faltava a Lima Barreto uma teoria justa que o orientasse na análise e na interpretação dos fatos. Faltavam-lhe a visão profunda e o conhecimento direto dos acontecimentos. Faltavam-lhe a meditação sôbre êles e a grande perspectiva histórica.

No regime republicano, o romancista só notou o terror e a bajulação. No seio dos partidários da República, só viu delatores, carreiristas e aventureiros.

Na opinião de Lima Barreto, Floriano tinha uma fisionomia vulgar e desoladora. Todo êle, gelatinoso. Uma ausência total de qualidades in-

telectuais. A cultura? Fraca. A qualidade moral predominante, a tibieza de ânimo. Um temperamento de preguiçoso. A preguiça de pensar e de agir. A moleza e o desleixo em tudo. Caprichos, fraquezas e vontades. A perversidade natural. Algo de asiático — cruel e paternal ao mesmo tempo. Tal o retrato de Floriano por Lima Barreto, no romance sôbre Policarpo Quaresma.

O govêrno era uma tirania e uma ditadura. Floriano — o khan, o emir, o califa, tinha poderes de imperador romano. Consentiu que seu nome servisse de bandeira para tôda uma série de crimes e violências...

Tal o retrato do regime republicano, traçado pelo romancista.

Quaisquer que fôssem as intenções de Lima Barreto, êsse retrato, objetivamente, fazia o jôgo do passado morto, de seus ideólogos, propagandistas e restauradores. Servia o jôgo da monarquia, do golpe armado de 1893, dos reacionários como Saldanha da Gama e seus continuadores no presente.

No final de tôda essa catilinária, ninguém compreende por que a República triunfou. Ninguém compreende por que uma causa e um homem tão "negativos" como a República e Floriano despertaram tanto entusiasmo, tanta dedicação, um vasto movimento popular.

Seguindo sua linha falsa, o próprio Lima Barreto caiu nas mais vulgares contradições. De um lado, lançou todos aqueles ataques violentos, mas, de outro lado, confessou que Floriano era um caboclo duro, de ferro, probo e honesto, que

tinha amor à família, descaso pelo papelório e nojo pela subserviência. De um lado, afirmou, sem base, que a simpatia de tôda a população era pelos reacionários da Marinha, mas, de outro lado, reconheceu que Floriano despertou um entusiasmo contagioso. De um lado, procurou ridicularizar os republicanos em luta, mas, de outro lado, confessou que "havia também a morte sempre presente".

Como compreender tantas e tão vulgares contradições? É que, além dos fatores já apontados como a pobreza teórica, havia outros. Lima Barreto era uma contradição viva. De um lado, ia em marcha avante, mas, de outro lado, voltava-se para o passado morto. De um lado, era o escritor progressista, o satírico e o revoltado, o analista e o crítico social, mas, de outro lado, era o afilhado de Nossa Senhora da Glória e do Visconde de Ouro Preto — um dos mais reacionários ministros da monarquia escravista.

Infeliz na República, o romancista sentia certa atração pelo passado, a monarquia idealizada. Tinha, dentro de si, o sim e o não.

Policarpo idealizou a realidade. No final, como sempre acontece com os homens desorientados pelo idealismo filosófico, afundou no pessimismo — político, social e nacional. Dizia:

— A vida é um encadeamento de decepções. A Pátria, um mito. O sacrifício, inútil. Vidas valiosas ofereceram-se e foram sacrificadas, mas as condições gerais não melhoraram. A terra, na mesma tristeza, na mesma desgraça, na mesma opressão. Não há mais piedade, nem simpatia, nem respeito pela vida humana. O mundo gira

dentro de um círculo vicioso. Não sabemos para onde vamos. O melhor é não agir...

Niilismo total! Conclusão absolutamente falsa!

Perturbado pelo idealismo filosófico, por uma linha política absurda, pelas próprias contradições e pelo desejo utópico, objetivamente reacionário de voltar ao passado, Policarpo tinha de acabar na mais completa bancarrota.

No romance, só existem tipos negativos. O próprio Policarpo o é também, no fundamental. Sua etapa final é um péssimo exemplo. No livro, não há uma solução para os choques, conflitos e contradições sociais. O realismo crítico não foi ultrapassado.

De qualquer forma, a obra de Lima Barreto é um notável patrimônio do povo brasileiro.

OS INTELECTUAIS PROGRESSISTAS DA ATUALIDADE

Dentre os intelectuais progressistas da nossa época, destacam-se os comunistas e os nacional-libertadores — verdadeiros patriotas e humanistas, democratas e revolucionários.

Os intelectuais comunistas têm uma nova concepção do mundo. Procuram orientar-se pelo materialismo dialético na filosofia, pelo materialismo histórico nas ciências sociais e pelo realismo socialista na arte e na literatura.

A serviço do povo brasileiro e da classe operária, os intelectuais comunistas travam uma batalha decisiva, auxiliando a mobilização das amplas massas populares, na luta pela paz, contra a guerra e o imperialismo. Defendem a Pátria brasileira contra a sua colonização e escravização pelos imperialistas norte-americanos. Investigam os grandes problemas nacionais. Zelam pelas nossas riquezas naturais — o ferro, o petróleo, as areias monazíticas — ameaçadas pela cobiça dos ateadores norte-americanos da terceira guerra mundial. Atacam o sistema social existente, desmascaram os capitalistas norte-americanos, os govêrnos reacionários, as classes dominantes e seus agentes e instrumentos. Sustentam as reivindicações imediatas dos trabalhadores e as liber-

dades do povo. Defendem a cultura nacional contra as deformações de caráter cosmopolita.

Os intelectuais comunistas colocam-se sob a direção da classe operária e do Partido Comunista, e lutam pela hegemonia do proletariado. Apoiam com tôda a energia a União Soviética, a nova China e as democracias populares da Europa. Solidarizam-se com os povos coloniais e dependentes. Exaltam a grandeza da Humanidade liberta das cadeias do capitalismo.

Através de inúmeros combates e batalhas, êsses intelectuais vêm representando um papel extremamente importante na literatura, na política e na sociedade brasileiras. Foram os pioneiros da luta pelo petróleo. Pela primeira vez no Brasil, orientados pelos ensinamentos de Lénin e Stálin, caracterizaram o imperialismo como a dominação do capital monopolista e financeiro, denunciaram a penetração do imperialismo em nosso país e contribuiram para mobilizar as massas populares na luta contra êsse inimigo principal. Foram os primeiros no Brasil que levantaram de um modo consciente e consequente os grandes problemas nacionais — a necessidade da libertação nacional e social, a liquidação do imperialismo e das sobrevivências feudais, a revolução agrária, anti-imperialista e anti-feudal, o seu desenvolvimento e transformação em revolução socialista.

Os intelectuais comunistas escreveram ensaios e estudos, libelos e panfletos, artigos de polêmica e publicística, trabalhos de crítica social e crítica literária, poesias e manifestos, contos

e narrativas, novelas e romances. Traduziram e divulgaram os clássicos do marxismo. Levaram a teoria marxista-leninista ao seio das massas trabalhadoras — nas fábricas, sindicatos e bairros operários — tarefa de importância histórica. Fundaram jornais como "A Classe Operária". Auxiliaram as greves, campanhas e outros movimentos populares. Sustentaram as reivindicações dos camponeses e operários agrícolas. Contribuiram para a criação de organizações de massas: sindicatos, o Bloco Operário e Camponês em 1928, a Aliança Nacional Libertadora em 1935. Tomaram parte ativa em campanhas internacionais.

Nessa luta pela libertação nacional e social do Brasil, os intelectuais comunistas têm suportado tudo: as aperturas econômicas, as dificuldades financeiras, as perseguições políticas, as discriminações jurídicas, as preterições sociais, as dôres morais, as injustiças intelectuais. Têm sido vítima de tudo: a penúria, as masmorras, as torturas, os campos de concentração, o exílio, o boicote, a conspiração de silêncio. Mas não quebram nem vergam!

No presente, os intelectuais progressistas e o movimento nacional-libertador são os continuadores dialéticos das grandes tradições nacionais e os herdeiros dos intelectuais progressistas do passado como Castro Alves, Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto.

Os intelectuais progressistas do presente representarão imenso papel na luta pela libertação nacional e social do Brasil, pela paz e a cultura,

contra o imperialismo norte-americano e o semi-feudalismo dominantes, contra a guerra e as armas atômicas, a reação e o obscurantismo!

Dezembro de 1950

NOTA — Estas páginas constituem apenas uma parte de um livro do autor sôbre a literatura brasileira.

A VIDA DE UM ESCRITOR

Eis um resumo da vida de Octavio Brandão:

1896: nascimento em Viçosa de Alagoas.

1900: órfão de mãe.

1911: órfão de pai.

1912-1914: no Recife, estudante de literatura e ciências naturais. Leitor de Darwin, Haeckel, Humboldt, Büchner e d'*Os Sertões* de Euclides da Cunha.

1912: pioneiro da luta pela libertação espiritual do povo, contra o obscurantismo.

1914: início da atividade literária. Publicação de um artigo, no "Jornal do Recife", sôbre problemas históricos — *Aspectos pernambucanos nos fins do século XVI.* Publicação da primeira poesia, no "Diário de Pernambuco", sôbre *A morte do Zumbi* — o chefe do Quilombo dos Palmares. Publicação de um estudo sôbre as línguas românicas, no "Jornal do Recife". Colação de grau na Escola de Farmácia do Recife.

1916: em Alagoas, início das viagens através da região dos Canais e das Lagoas. Busca de petróleo e das outras riquezas naturais. Investigações diretas das condições de vida do povo. Coleta de materiais folclóricos. Publicação do estudo sôbre uma palavra tupi — *O vocábulo Sumaúma.*

1916-1917: pioneiro da luta pelo petróleo brasileiro.

1917: conferencista sôbre o petróleo e as outras riquezas naturais de Alagoas. Militante do movimento operário. Defensor da paz, combatente contra a guerra e o militarismo.

1918: saudações calorosas do geólogo John Casper Branner e do historiador Rocha Pombo, aos estudos de ciências naturais. Professor de história natural aplicada ao Brasil e excursões com os alunos pelos arredores de Maceió. Versos sôbre *A poesia da Terra Natal.* Publicação do estudo crítico sôbre o poeta alagoano Silva Barros e apêlo aos artistas e escritores em prol de uma arte e literatura de fundo social e nacional. Propagandista contra os latifúndios, pela divisão das terras entre os camponêses.

1919: evadido de Alagoas, para escapar à morte. No Rio de Janeiro. Encontro com a poetiza Laura da Fonseca e Silva (Laura Brandão). Conferências na Sociedade de Geografia e na Biblioteca Nacional, sôbre o petróleo e as outras riquezas naturais de Alagoas. Eleito membro da Sociedade de Geografia. Praticante no Museu Nacional. Publicação do livro *Canais e Lagoas,* sôbre mineralogia, geologia e problemas sociais. Saudações calorosas de Monteiro Lobato, Lima Barreto, José Oiticica e Nestor Vitor.

1920: publicação de *Despertar!,* em prol da libertação dos países coloniais e dependentes. Publicação do *Veda do Mundo Novo,* pelo humanismo e a emancipação espiritual.

1922: militante do P. C.

1923: tradutor do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels.

1924: pioneiro da luta contra o imperialismo — o capital monopolista e financeiro.

1925: fundador do jornal vitorioso "A Classe Operária".

1926: publicação de *Agrarismo e Industrialismo*, sôbre a dominação do imperialismo e do agrarismo feudal no Brasil.

1929-1930: intendente (Vereador do Povo), eleito pelos trabalhadores do Rio de Janeiro.

1931: deportado do Brasil para a Alemanha. Em Moscou. Estudos e trabalhos.

1933-1934: colaborador científico no Instituto de Economia e Política Mundiais, em Moscou.

1935: pioneiro da emissão em português no Rádio de Moscou.

1936: participante de campanhas internacionais contra o fascismo e a reação. Defensor dos presos políticos do Brasil. Propagandista da história e da literatura brasileiras. Conferencista sôbre Castro Alves e Euclides da Cunha, em Moscou.

1937: em Paris, participante da luta vitoriosa para arrancar Anita Prestes às garras da Gestapo.

1941-1945: participante da luta vitoriosa contra a invasão armada hitleriana na União Soviética.

1946: de volta à Pátria.

1947: novamente Vereador do Povo, eleito pelos trabalhadores do Rio de Janeiro.

1948: publicação do poema *Jundiá,* sôbre a vida do camponês brasileiro e o realismo na arte.

1949: carta sôbre o realismo e problemas da literatura brasileira, na revista "Resenha Literária" do Recife. Segunda edição de *Canais e Lagoas* com o novo prefácio.

1950: publicação d'*O Caminho* — epopéia nacional brasileira sôbre a vida e as lutas do povo.

1950-1955: estudos sôbre literatura, filosofia e ciências sociais.

INDICE

	pag.
Os intelectuais progressistas	5
Tavares Bastos	7
Tobias Barreto	13
Silvio Romero	57
Euclides da Cunha	81
Lima Barreto	127
Os intelectuais progressistas da atualidade	157
A vida de um escritor	161

OPINIÕES SÒBRE O AUTOR

Theo Brandão, folclorista:

"Octavio Brandão é um pioneiro da pesquiza cientifica, do trabalho de campo, nos setores da geografia, geologia, sociologia e etnografia. Foi um precursor e pioneiro, um dos primeiros a pesquizarem o farto material folclórico de nossa terra.

Fernando Segismundo, jornalista:

"**O Caminho** elabora, em novo molde, a história do Brasil. Deturpada ha seculos pelos inimigos do povo, a verdadeira história pátria principia a ser elaborada por Octavio Brandão nesse trabalho que é, ao mesmo tempo, nobre mensagem de amor e altruismo.

Octavio Brandão que, em **Canais e Lagoas**, revelara a existência do petroleo no Brasil, fixa n'**O Caminho** a epopéia do nosso povo".

Eduardo Correia, professor:

"Octavio Brandão é um trabalhador entusiasta e infatigavel, padrão de valor intelectual e moral. Apaixona-se pelo que prega. É mais pensador que literato e mais poeta que prosador.

O Caminho é livro que traça rumos para a mocidade brasileira. Seu pinaculo é o depoimento candentemente vivo e veridico sobre a Revólta da Armada em 1910. São paginas de fogo, tão acordes com os relatos populares".

Miécio Tati, professor:

"**O Caminho** é rico de ensinamentos sobre a terra e o povo do Brasil, suas lutas e anseios. Vibrei com a narração das revóltas seculares das nossas classes oprimidas e, sobretudo, com a da rebelião de João Candido, que vale por um libelo".

Arnoldo Jambo, jornalista:

"**O Caminho** é uma obra brotada de um temperamento de aedo. É um canto de amor bravio à terra e aos homens do Brasil. Seus herois transformam-se em figuras da vida mais fortemente vivida".

A Grande Enciclopedia Soviética, em Moscou, destaca um estudo de Octavio Brandão sobre a literatura brasileira, aparecido em russo em 1949, e assinala:

"Octavio Brandão (1896), escritor brasileiro e lider politico. Comunista. Publicou quinze livros e folhetos, dentre os quais **Canais e Lagoas**, em 1919, sobre as riquezas naturais e as dificeis condições de vida do povo do Nordeste, **Russia proletaria**, em 1924, sobre a União Soviética, e o estudo **Agrarismo e Industrialismo**, em 1926, sobre a penetração do imperialismo no Brasil.

Em 1925, Octavio Brandão tornou-se o fundador do jornal "A Classe Operaria". Em 1931, foi exilado pelo governo reacionario do Brasil e acolhido pela União Soviética. Em 1948, publicou o poema **Jundiá**, sobre a vida dos camponeses brasileiros. Traduziu para o português uma serie de trabalhos dos classicos do marxismo-leninismo".

★

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, PARA A "ORGANIZAÇÃO SIMÕES" EDITÔRA — RIO, EM 1956

★

2532